

A COLEÇÃO MANOEL FERREIRA GUIMARÃES:

ANÁLISE DE UM PATRIMÔNIO FAMILIAR

por

Laura Soares Maffei,
Curso de Mestrado em Museologia e Patrimônio
Linha 02 – Museologia, Patrimônio Integral e desenvolvimento

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Museologia e
Patrimônio – PPG-PMUS (UNIRIO/MAST)

O presente trabalho foi realizado com apoio da
Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de
Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de
Financiamento 001

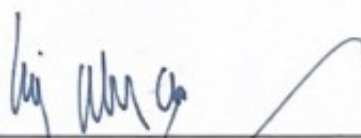
Orientador: Professor(a) Doutor(a) Luiz Carlos
Borges

UNIRIO/MAST - RJ, Agosto de 2025.

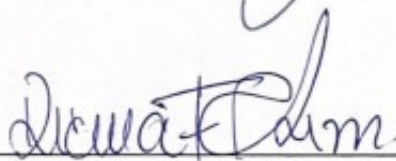
FOLHA DE APROVAÇÃO***A coleção Manoel Ferreira
Guimarães:*****análise de um patrimônio familiar**

Dissertação de Mestrado de Laura Soares Maffei, submetida ao corpo docente do Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio, do Centro de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO e Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST/MCTI, como requisito final para a obtenção do grau de Mestre em Museologia e Patrimônio.

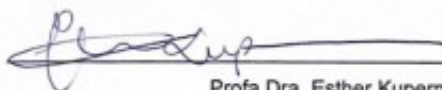
Aprovada por



Prof. Dr. Luiz Carlos Borges
(orientador - PPG-PMUS, UNIRIO/MAST)



Profa. Dra. Diana Farjalla Correia Lima
(membro interno - PPG-PMUS, UNIRIO/MAST)



Profa. Dra. Esther Kuperman
(membro externo - MPPEB/ CPII)

Rio de Janeiro, 15 de agosto de 2025

Dados internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

S187 Soares Maffei, Laura
 A Coleção Manoel Ferreira Guimarães: análise de um
patrimônio familiar / Laura Soares Maffei. -- Rio de
Janeiro : UNIRIO, 2025.
 123

 Orientador: Luiz Carlos Borges.
 Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Estado
do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Museologia e
Patrimônio, 2025.

 1. museologia. 2. patrimônio . 3. coleção familiar. I.
Borges, Luiz Carlos, orient. II. Título.

DEDICATÓRIAS

A Deus, da forma que cada um concebe,
A minha tia Laurita e Manoel Ferreira Guimarães (*in memorian*),
A minha mãe Julita e meu marido Francisco (*in memorian*),
Aos meus filhos Vitória Gabriella e Vitor Hugo,
A minha nora que é uma filha do coração Larissa,
A minha neta Maria Isabel,
A minha mãe de santo Leila e aos meus irmãos
da Ègbé Lajò Ilê Asé Iyá Ogunté Omi Araká.
A minha madrinha Wanda e meu padrinho Magal,
Aos meus companheiros de irmandade,

AGRADECIMENTOS

A meu pai Oxalá e aos meus Orixás e guias espirituais que não desistiram de mim em nenhum momento. A minha mãe de Santo e meus irmãos do axé por toda dedicação, por todo carinho, por tantas noites viradas em boa companhia e nos fortalecendo mutuamente pelos laços da fé.

A irmandade que salvou e vem salvando minha vida há quase 29 anos. Especialmente nas figuras da minha madrinha Wanda que acompanhou o processo bem de perto e meu padrinho Magal.

A minhas afilhadas e afilhados que conviveram com minha ausência e limitação de tempo. Flora, Ísis, Fabíola, Tibério, Andréa, e tantos outros que passaram por mim e que contribuíram para eu viver meu SÓ POR HOJE e alguma forma. Estendo esse agradecimento aos companheiros de irmandade, os que já estão e os que estão por vir.

A Alessandra que foi talvez o encontro mais preciso de identificação que tive em nível de amizade.

A CAPES, pois seria impossível realizar esse trabalho sem o apoio financeiro da bolsa.

Ao PPGPMUS, porque me recebeu e me acolheu carinhosamente, sempre procurando compreender minhas dificuldades de saúde e limitações. Agradeço todos os docentes e em especial meu orientador Luiz Carlos Borges, incansável em me dar apoio e suporte.

A UNIRIO e ao MAST pela iniciativa deste programa.

A minha família presente e ausente, seja por morte ou distância.

Agradeço ao meu filho Vitor Hugo que me aturou nas madrugadas viradas, cuidou de mim, e auxiliou de todas as maneiras possíveis a minha trajetória até aqui. Agradeço minha nora Larissa que vem sendo um alento em minha vida.

Agradeço a minha filha Vitória Gabriella que me deu nesse período, minha neta Maria Isabel

Agradeço ao meu amigo e chefe Leonardo por toda paciência e cumplicidade durante estes últimos meses.

.

A Mônica que mais que uma amiga foi alguém que acompanhou minha vida e sempre fez o que pode por mim e por meus filhos.

A família Fonseca Rodrigues que me acolheu e que me suporta enchendo meu coração de alegria! Especialmente a pequena grande família que são: Valéria, Larissa, Leonardo, Lucea e Ronaldo. Em especial a Valéria que vem se tornando uma irmã do coração também.

Ao meu amigo André Barros (II) por estar sempre presente nos momentos bons e maus desse últimos 8 anos.

A Felipe e Leci Serpa por terem acreditado em meu potencial, me empregado e me estimulado a fazer meu primeiro vestibular aos 40 anos.

A Martina Spohr, uma das primeiras dentre tantos doutores a acreditar no meu potencial. Sem sua ajuda eu jamais teria chegado até aqui.

A Ludmila Madeira Leite que mais do que uma professora, orientadora se tornou uma amiga querida com quem eu tenho a honra de compartilhar minha vida.

Ao professor Ivan Coelho de Sá por todo apoio, todas palavras de incentivo, todo carinho que me dispensou ao longo dessa jornada e que espero continue me ofertando!

A Rosemere Gonçalves, Fabiana Guimil e Alyne Brito que são meu eterno grupo de trabalho da museologia!

A todos os profissionais que atuam com museologia e patrimônio no mundo!

RESUMO

MAFFEI, Laura S. **A Coleção Manoel Ferreira Guimarães: análise de um patrimônio familiar**

Orientador: Luiz Carlos Borges. UNIRIO/MAST. 2014. Dissertação.

Coleções familiares privadas têm sido cada vez mais utilizadas em pesquisas acadêmicas como objetos de estudo e frequentemente apresentam uma ampla gama de informações com significativo valor patrimonial e museológico, dependendo da perspectiva analítica adotada. Este estudo concentra-se na análise de itens que fazem parte de uma coleção familiar pertencente a um importante representante do setor empresarial brasileiro. Documentos pessoais exigem uma abordagem metodológica transdisciplinar para sua interpretação, uma vez que demandam o cruzamento de informações com fontes externas para revelar significados que vão além do que está explicitamente registrado em textos escritos ou representações visuais. A relação entre os documentos analisados e o contexto social, político e econômico do período pode revelar, reforçar ou contradizer narrativas apresentadas por outras fontes documentais. Por meio da apresentação de materiais textuais e iconográficos dentro de um quadro cronológico definido, esta pesquisa visa destacar os itens que contribuem para o reconhecimento do significado patrimonial, histórico e museológico da coleção, bem como ressaltar a necessidade de sua preservação, salvaguarda e acesso público. Além disso, este estudo busca contribuir para a área, demonstrando a relevância documental, científica e cultural de arquivos e coleções pessoais.

Palavras-chave: museologia; patrimônio; coleção familiar; ditadura brasileira.

ABSTRACT

MAFFEI, Laura S. **The Manoel Ferreira Guimarães Collection: analysis of a family heritage**
Advisor: Luiz Carlos Borges. UNIRIO/MAST. 2014. Dissertation.

Private family collections have increasingly been used within the academic field as objects of study, often presenting a range of information with significant patrimonial and museological potential, depending on the perspective from which they are analyzed. In this work, we will focus on analyzing items that are part of a family collection belonging to an important representative of Brazilian entrepreneurship. Obviously, we recognize that personal documents require, for their interpretation, a transdisciplinary methodology, as they demand cross-referencing with external sources to reveal more than what is explicitly written or displayed in images. The interaction between the analyzed documents and the social, political, and economic context of the time can reveal, reinforce, or contradict aspects already shown by other sources. Specifically, we will present the textual and iconographic documents from the selected period and highlight some of these that can support the recognition of the patrimonial and historical value of this collection, emphasizing the importance of preservation and democratization of the archive. We believe that, in this way, we will contribute to demonstrating the documentary and scientific significance of personal archives and collections.

Keywords: museology; heritage; family collection; dictatorship.

SIGLAS E ABREVIATURAS UTILIZADAS:

- ABBR** - Associação Benéfica Brasileira de Reabilitação
- ABERJ** – Associação de Bancos no Estado do Rio de Janeiro
- ACERJ** – Associação Comercial do Estado do Rio de Janeiro
- ACM** – Associação Cristã de Moços
- AVC** – Acidente Vascular Cerebral
- BMG** – Banco de Minas Gerais
- BNDE** – Banco Nacional de Desenvolvimento
- BNDES** – Banco Nacional de Desenvolvimento Social
- BNH** – Banco Nacional de Habitação
- CONARQ** – Conselho Nacional de Arquivos
- CPDOC** – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil
- DOPS** - Departamento de Ordem Política e Social
- EUA** - Estados Unidos da América
- FAP** – Fundação Ataulpho de Paiva
- FGV** – Fundação Getúlio Vargas
- fHIST** – 3º Festival de História
- ICOM** - *International Council of Museums* (Conselho Internacional de Museus) - órgão filiado à UNESCO
- IPHAN** - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
- JK** – Juscelino Kubitschek
- MFG** - Manoel Ferreira Guimarães
- PIB** – Produto Interno Bruto
- PNC** – Plano Nacional de Cultura
- PNPI** - Política Nacional de Patrimônio Imaterial
- PPCM** – Política de Patrimônio Cultural Material
- PUC** – Pontifícia Universidade Católica
- RESLAC** - Rede Latino-Americana e Caribenha de Lugares de Memória
- SNPC** – Sistema Nacional de Patrimônio Cultural
- SUMOC** – Superintendência da Moeda e Operações de Crédito
- TICs** – Tecnologias da Informação e Comunicação
- UNESCO** – *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization* (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura)
- UNIRIO** – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
- URSS** – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

	Pág.	
Figura 01	Convite Presidência da República	24
Figura 02	Convite Duque de Luxemburgo	24
Figura 03	Matéria Revista O Cruzeiro	37
Figura 04	Esqueleto da Catedral de Brasília	42
Figura 05	MFG conversa com JK	43
Figura 06	MFG na comemoração de aniversário da RODASA	44
Figura 07	Evento de lançamento na Wolkswagen	44
Figura 08	Capa de publicação em periódico norte-americano	46
Figura 09	Evento no Jockey Clube	47
Figura 10	Jantar na residencia de MFG	48
Figura 11	MFG e Mr. Phillips no Palácio do Itamarati	49
Figura 12	MFG e Mr. Phillips no Senado da República	50
Figura 13	Carta enviada por MFG em 02/04/1964	51
Figura 14	Carta enviada por MFG em 03/04/1964	53
Figura 15	Carta enviada por MFG em 09/02/1965	54
Figura 16	Carta de Assis Chateaubriand para MFG	56
Figura 17	Bilhete de Assis Chateaubriand para MFG	56
Figura 18	Telegrama de Assis Chateaubriand	57
Figura 19	Telegrama de Assis Chateaubriand	58
Figura 20	Fazenda dos Diários Associados	59
Figura 21	Charge de Chatô exposta na Fazenda	60
Figura 22	Mr. Phillips e MFG visitam e presenteiam Assis Chateaubriand	60
Figura 23	Assinatura do Convênio B.C.G.	61
Figura 24	Assinatura do Convênio B.N.H.	62
Figura 25	Matéria do Correio da Manhã fazendo alusão ao convênio	63
Figura 26	Inauguração BMG Recife PE	64
Figura 27	Inauguração BMG Manaus AM	64
Figura 28	I Congresso Nacional de Bancos	65
Figura 29	Consulado da Holanda	66
Figura 30	Recibo de transferência MFG x Gustavo Capanema	70
Figura 31	Correspondência dirigida a MFG (arquivo Gustavo Capanema)	71
Figura 32	Print da página de busca no Arquivo Público	71

SUMÁRIO

Cap. 1	A COLEÇÃO PARTICULAR ENQUANTO PATRIMÔNIO FAMILIAR	08
	1.1 - Coleção e colecionismo	08
	1.2 - A formação do conceito de patrimônio	
	1.3 - Patrimônio e museologia, uma relação plena de interseções	
Cap. 2	COLEÇÃO FAMILIAR COMO OBJETO DE PESQUISA: DE PATRIMÔNIO PRIVADO À PATRIMÔNIO PÚBLICO	22
	2.1 - As coleções particulares e as especificidades de seus objetos	22
	2.2 - Patrimônio familiar como uma categoria	27
	2.3 - A pesquisa acadêmica em acervos particulares	30
	2.4 - Aspectos da relação pesquisador-objeto: distanciamento e aproximação do objeto	33
Cap. 3	VALOR PATRIMONIAL DA COLEÇÃO MANOEL FERREIRA GUIMARÃES: O HOMEM E A HISTÓRIA	40
	3.1 - Contexto histórico do recorte temporal (1957-1967)	41
	3.2 - As relações e interesses econômicos e políticos de MFG	43
	3.3 - MFG e Assis Chateaubriand	
	3.4 - Algumas apreciações de registros significativos para o país: fotografias e recortes de jornais como Patrimônio Histórico e Cultural	62
	3.5 - A coleção MFG e seu destino: possibilidades de publicização do acervo	65

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

A coleção que servirá de fonte para este trabalho consiste em itens que foram preservados por gerações em âmbito familiar, até serem postos sob uma perspectiva acadêmica. A partir da análise de alguns dos itens da coleção iconográfica e de outros elementos documentais, como recortes de jornais, folders e cartas do empresário e filantropo Manoel Ferreira Guimarães¹, a proposta da pesquisa é identificar, no contexto econômico e político-histórico brasileiro, durante os anos que antecederam e sucederam (1957-1967) o Golpe Civil-Militar de 1964 - que implantou uma ditadura cujo término embora não tenha provocado uma ruptura estrutural, se deu em 1985, evidências do apoio desse empresário àquele processo de tomada de poder, em como outras ações do mesmo que indicam o uso de sua influência em assuntos pertinentes a classe empresarial junto ao Estado. Isto com intuito de destacar o valor patrimonial da mesma, para além do valor como patrimônio familiar que já possui.

A vida laboral e atuação à frente de diretorias de múltiplas empresas nos mais diversificados nichos de empreendimento ou, ainda, como conselheiro de diversas instituições, implicou em relações entre o empresário e os governos dos Gerais-Presidentes da época, bem como o posicionamento político-ideológico que adotava acerca das questões que envolviam a política nacional e internacional. Essas relações, evidenciadas nos itens dessa coleção, indicam o peso de sua influência junto aos seus contemporâneos. Manoel Ferreira Guimarães (doravante referido apenas como MFG ou (Manoel) esteve à frente de empresas como Panair, Mesbla, Banco de Minas Gerais e Phillips do Brasil e emprestou seus serviços a outras instituições como FAP – Fundação Athaulpo de Paiva, FGV - Fundação Getúlio Vargas, Pro-Matre, PUC – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, ABBR - Associação Beneficente Brasileira de Reabilitação, ACM - Associação Cristã de Moços, ACRJ - Associação Comercial do Rio de Janeiro, algumas destas, inclusive, beneficiadas em testamento pelo filantropo. Sendo inviável, por uma questão de tempo e de foco destrinchar o nível de envolvimento de MFG com cada uma dessas empresas e instituições, irei nesta dissertação identificar e analisar quais as tendências políticas que o personagem defendia e selecionei alguns desses documentos para conhecer algumas das estratégias pelas quais tentava fazer valer seus posicionamentos. Este desafio me conduziu a um processo de avaliação desta coleção inédita, em virtude de sua importância histórica e documental, categorizando-a, para além de seu valor familiar, como um patrimônio histórico com ramificação empresarial.

¹ Manoel Ferreira Guimarães, nasceu em Bonsucesso, estado de Minas Gerais aos 03/09/1887 era filho legítimo do Coronel Benjamim Ferreira Guimarães e de Maria Ambrosina Guimarães e veio para o Rio de Janeiro acompanhando sua família que se mudou da cidade de Valença, localizada ao sul do estado para esta capital e aqui permaneceram até a morte.

O enfoque analítico principal gira em torno da tríade: coleção – patrimônio – ditadura. O enfoque metodológico deste trabalho possui um caráter multidisciplinar uma vez que para executá-lo será necessário considerar a interação entre várias disciplinas, de maneira que seus métodos e dispositivos terão pontos em comum a serem estudados. Vale ressaltar que a referida coleção fez parte do espólio do próprio MFG, e, portanto, sugere que houve o intuito do mesmo em preservar itens que considerou significativos para ele. A coleção é composta por itens de variadas tipologias, sendo a maior parte constituída por fotografias. Com a morte de MFG, em novembro de 1970, alguns dos seus objetos pessoais foram reunidos nesta coleção por sua segunda esposa, Laura Saveria Maffei (chamada de Laurita nas correspondências analisadas e herdeira da coleção ora estudada. Com ela, os itens permaneceram até sua morte, em maio de 1999. Posteriormente, na qualidade de sobrinha de Laurita e única herdeira, mantive a coleção em casa sem tocá-la durante as quase duas décadas em que residi fora da cidade do Rio de Janeiro. Após retornar, tendo iniciado a graduação em Museologia, voltei-me para a coleção, que empiricamente preservara como um patrimônio familiar, a fim de encontrar algo antigo que atendesse a um trabalho para a disciplina Museologia III. Nesse momento, identifiquei na coleção seu potencial patrimonial dado o grau de relevância do acervo para a memória histórico-política brasileira. Optei desta forma por analisá-la mais detalhadamente, à luz das teorias e categorias patrimoniais, estabelecendo o recorte cronológico entre 1957 e 1967 como marco histórico a ser estudado a partir dos documentos que constam dessa coleção. Ao observar as fotografias e outros documentos, constatei o subaproveitamento do acervo por estar disponibilizado somente ao universo privado da família, o que reforçou a crença de que tal material poderia melhor aproveitado se pudesse ser disponibilizado publicamente no futuro. Sendo assim, será avaliada como coleção documental-histórica, enquanto patrimônio familiar, a fim de que como resultado da pesquisa, se tenha reunido material suficiente para cogitar a transição e o reconhecimento da mesma de patrimônio familiar para patrimônio público.

Para além disso, elenquei ao fim do trabalho os possíveis destinos da coleção. Considerei a importância dessa documentação e ressalto que ela ainda não recebeu tratamento técnico, o que, de fato, será necessário para que possa servir a outros pesquisadores pelo maior tempo possível. Penso que ela possa ser doada a uma instituição de memória como o CPDOC/ FGV - Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil/da Fundação Getúlio Vargas - ou o Arquivo Nacional.

Ao propor o tema a um mestrado em patrimônio e museologia pretendo analisar o acervo sob uma perspectiva patrimonial, objetivando justificar a importância do acervo ser democratizado. As revelações que uma coleção particular pode suscitar são muitas, no

entanto, somente avaliando tecnicamente será possível identificar o nível de contribuição que os itens selecionados da mesma podem oferecer.

Ao longo da pesquisa algumas figuras pertencentes à elite social, empresarial e política brasileira que aparecem na coleção serão destacadas a fim de colaborar para a compreensão político-ideológica de Manoel Ferreira Guimarães. Para além disso, identificar o quanto suas ações enquanto empresário contribuíram com avanços no desenvolvimento brasileiro, e, desta forma, sugerir possíveis destinos para coleção. Pretendo expor algumas das alianças firmadas pelo personagem deste estudo, com outros representantes da classe dominante, com o fito de incentivar maior abertura ao capital estrangeiro, valendo-se da difusão de um ideário anticomunista, como ferramentas de convencimento em apoio ao Golpe civil-militar de 1964. Dentre esses, daremos uma atenção especial à relação que o empresário tinha com Assis Chateaubriand², por considerarmos relevante o alcance de influência que este detinha, por estar na época à frente de múltiplos veículos de comunicação de massa, como jornais, rádios e TVs. O tema ditadura de 1964 e as partes que compunham a sociedade civil e militar tem sido estudado por outros pesquisadores. Especialmente o empresariado e sua atuação no fomento ao apoio ao golpe já foram objeto de teses e dissertações. O conjunto dessas ações se refletiu também no aumento da produção acadêmica contemporânea relativa ao Golpe, juntamente com a crescente utilização de coleções particulares nesse tipo de pesquisa. Tais possibilidades difundiram o interesse por estudos que vem colaborar com uma melhor compreensão sobre a participação dos empresários brasileiros e estrangeiros no Golpe, tanto em sua preparação como em sua sustentação. Sob esta perspectiva ancoramos a relevância do conjunto documental em análise dadas as suas características específicas e o tema da pesquisa-dissertação. Todavia, a fim de alinhar a dissertação com as linhas de pesquisa do programa de pós graduação em questão, a pesquisa visa sustentar a identificação da coleção como um patrimônio cultural. Para tanto, pretendo pôr em prática a máxima metodológica de tornar estranho o que é familiar e familiar o que é estranho. Acreditando que “novas perspectivas” demandam “novos enfoques” considero indispensável explicar o porquê nos referiremos ao Golpe civil-militar no escopo deste trabalho, como tendo sido um golpe empresarial-militar. Ocorre que ao citar a sociedade civil, como proposto no primeiro termo que nomeia o golpe, transmite-se uma ideia de binaridade, como se a sociedade estivesse dividida exclusivamente entre as categorias

² Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo (Chatô) nasceu em Umbuzeiro (PB) no dia 5 de outubro de 1892, advogado, jornalista, rev. 1930; rev. 1932; sen. PB 1952-1955; sen. MA 1955-1957; emb.Bras. Inglaterra 1957-1960. Disponível em: <https://www18.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/francisco-de-assis-chateaubriand-bandeira-de-melo> Acesso em: 24 dezembro 2023.

civil e militar, argumento que não atende para efeito de análise as necessidades da pesquisa. Apesar do termo ter sido cunhado a fim de enfatizar que o golpe não era unicamente militar, mas que contava com a participação do segmento civil composto por empresários, profissionais liberais, religiosos, professores, políticos, donas de casa dentre outras subcategorias. Os empresários, sobretudo aqueles donos dos meios de produção, como era o caso de MFG aparentemente tiveram um peso na sustentação ideológica, política, moral dentre outras, do golpe e seu ideário político-ideológico. Considero importante reforçar que a sociedade a que me refiro possuía alto grau de complexidade, dentre a macro ou supra categoria dos civis várias subcategorias estão representadas e cada uma delas com especificidades particulares, principalmente no que tange ao exercício de poder, persuasão e alcance de outros grupos. Uma dessas subcategorias que destacamos para este estudo é a dos empresários que compunham a elite brasileira, uma camada social privilegiada, para a qual seria interessante a tomada de poder por parte dos militares. Ao nos referirmos a segmentos da sociedade civil (religiosos, intelectuais, artistas, professores, empresários e políticos), em geral permanecemos em uma generalidade, como se evidencia na locução “Golpe civil-militar”. Porém dentre os “civis” encontram-se diferentes extratos sociais, com variados níveis de poder de persuasão e alcance. É justamente com vistas a essa particularização, que nos voltamos a analisar dois personagens pertencentes, dentro da categoria “civil”, a um subgrupo composto pelos empresários da elite brasileira. Nos alinhamos então com o pensamento da historiadora Esther Kuperman (2016), que citamos a seguir:

A ideia de golpe militar começa a ser revista pela historiografia, na medida em que novas fontes revelam e confirmam a participação efetiva de empresários no processo. A constatação é que o modelo econômico consolidado após 1964 favoreceu vários setores empresariais também contribui para conceber o golpe não apenas como uma ação perpetrada pelos militares. Neste sentido, nos debates e artigos mais recentes, o golpe de 1964 tem sido redefinido pela historiografia como um golpe civil/militar. Entretanto, consideramos que esta denominação poderia levar à compreensão de que o golpe contou com o apoio de todos os setores da sociedade civil, o que não corresponde à realidade. Inclino-nos para a noção de golpe empresarial/militar, que consideramos mais próxima do verdadeiro caráter do processo (KUPERMAN, 2016, p.65).

Ratifico, no entanto, que para efeito desta pesquisa e com base na documentação-fonte que a mesma analisa será utilizada esta subcategoria da sociedade civil, os empresários e, portanto, a denominação golpe empresarial-militar, para destacar esse segmento da sociedade civil. Para essa interpretação será necessário explorar, conceitos de coleção, patrimônio, valor simbólico e valor testemunhal dos itens selecionados. Apesar de me debruçar sobre os documentos eleitos para dar apoio documental a esta investigação espero identificar indícios que vão ao encontro deste “sentido redefinido” que

vem, segundo a autora supracitada. No entanto, o enfoque aqui será como tudo o que for analisado pode alçar a mudança da categoria particular para pública dessa coleção. E ainda mais especificamente como o seu valor enquanto patrimônio cultural poderá pesar para essa democratização do acervo. Para tanto, pretendemos identificar na coleção de MFG, como alguns empresários desse estrato organizaram-se para influir ideologicamente a sociedade a fim de defender seus interesses econômicos políticos. Desta forma incluíram-se historiograficamente como coadjuvantes do golpe, levando o golpe a ser encarado como fruto do apoio espontâneo da sociedade civil como um todo. Apesar da sociedade civil essa parcela da classe empresarial, exerceu um relativo protagonismo social em defesa do golpe, na medida em que esta, sistematicamente investia não somente os recursos financeiros como também os recursos humanos nos grupos que por ela eram liderados.

Provavelmente MFG utilizou sua posição à frente das empresas que dirigiu a fim de persuadir outros estratos da sociedade civil a apoiar o golpe militar. Os empresários visavam assegurar seus lucros e dos investidores nacionais e estrangeiros, o que resultou por estabelecer assim, o apoio ao capitalismo travestido de um patriotismo que promovia a defesa de ideais nacionalistas e de preservação da moral e dos bons costumes. Entretanto, me interessa aqui provar como a comprovação dessa participação efetiva dos empresários ao golpe ajuda na valoração patrimonial da coleção.

CAPÍTULO 1

A COLEÇÃO PARTICULAR ENQUANTO PATRIMÔNIO FAMILIAR

A COLEÇÃO PARTICULAR ENQUANTO PATRIMÔNIO FAMILIAR

Neste capítulo, falarei sobre a coleção que é meu objeto de estudo, a qual foi empiricamente preservada como um patrimônio familiar e considerarei tal condição como sendo uma das diversas subcategorias de patrimônio. Pretendo, também, identificar e destacar alguns dos valores que podem ser atribuídos à coleção pela sua própria morfologia e importância. Nesse contexto autores como Pomian, Baudrillard, Nery, Ginzburg, Bourdieu, Borges e Campos, Rangel, dentre outros serão citados ou foram consultados. Além disto, irei consultar obras sobre musealização e patrimonialização como processo, o que certamente me levará a refletir como a terminologia conceitual aplicada é relevante para a legitimação de coleções particulares que ocupam o espaço de objeto de pesquisa científica a fim de transitarem, caso se adequem aos critérios patrimoniais da condição de patrimônio familiar para patrimônio público.

1.1 Coleção e colecionismo

As coleções, de acordo com Pomian (1984) podem ser definidas como tal desde que haja: “qualquer conjunto de objectos naturais ou artificiais, mantidos temporária ou definitivamente fora do circuito das actividades económicas, sujeitos a uma protecção especial num local fechado preparado para esse fim, e expostos ao olhar do público” Ainda segundo ele há um paradoxo que envolve os objetos das coleções, que se trata de os mesmos serem mantidos fora do circuito de atividades econômicas, mas receberem um cuidado especial que os preserva e os faz serem considerados preciosos. Em relação aos objetos um dos conceitos mais conhecidos propostos por Pomian, é o que define os semióforos, que para ele são “[...] objetos que não têm utilidade, no sentido que acaba de ser precisado, mas que representam o invisível, são dotados de um significado; não sendo manipulados, mas expostos ao olhar, não sofrem usura” (POMIAN, 1984, p. 71).

Por enquanto, com exceção da mostra pública, a coleção MFG poderia ser enquadrada facilmente na definição pomianiana. Vale ressaltar, que exatamente por estar me reportando a uma coleção fruto da reunião de objetos pessoais de uma pessoa falecida, em alguns momentos ao estudar os teóricos que desenvolvem este assunto encontrarei divergências, mas o meu foco será sempre destacar as convergências que uma coleção como esta pode estabelecer com os conceitos aqui expostos. Esse exercício pretende corroborar com a ampliação do olhar que depositamos sobre as coleções particulares que tantas famílias mantem sem se dar conta do valor não só afetivo, mas também histórico e patrimonial que a coleção pode reter.

Antes de trazer o pensamento de Baudrillard, irei explicar o porquê estou considerando os itens da coleção Manoel como itens antigos. Informalmente observei que cronologicamente a coleção inteira contempla um período que abrange praticamente todo o século XX e desta, o período do meu recorte já passa de cinco décadas, sendo assim é

possível classificar os itens da coleção como objetos antigos, ainda que a coleção não se equipare ao conceito de antiguidade aplicado em outros tipos de objetos ou obras.

Desta forma, me reservei o direito de olhar cada item como um objeto a ser analisado em aspectos diferenciados como datação, tipologia, material, conteúdo, relacionando-o com sua época e destacando suas peculiaridades. Academicamente, irei me apoiar nos conceitos desenvolvidos por autores que oferecem pensamentos que atravessam as especificidades dos objetos.

Em sua obra *O sistema dos objetos*, Jean Baudrillard discorre sobre os objetos explorando a teorização desse sistema, os aspectos que nos orientam em relação aos objetos e o sistema lógico do objeto. Basicamente, ele ressalta o quanto os objetos ao nosso redor podem revelar sobre nós uma vez que acredita que nossas necessidades são construídas e saciadas possuindo-os e transmitindo para eles as informações relevantes sobre a quem pertencem. Esta característica me faz observar os itens da coleção atenta às informações que ela me traz do personagem estudado. Essa talvez seja a principal razão pela qual achei necessário, no que tange aos objetos iniciar com a posição de Baudrillard.

Ainda segundo ele, quatro tipos de valores podem ser encontrados nos objetos: o primeiro seria o valor funcional do objeto, o segundo o seu valor econômico, o terceiro seu valor simbólico e o quarto o seu valor de signo. Pela percepção de Baudrillard todo objeto possui duas funções, uma relacionada à sua utilidade e outra à sua posse. De onde interpreto que a função relacionada à posse seja o motivo pelo qual aquele objeto é preservado por seu proprietário. Em suas palavras, afirma: “a primeira depende do campo de totalização prática do mundo pelo indivíduo, a outra um empreendimento de totalização abstrata realizada pelo indivíduo sem a participação do mundo” (BAUDRILLARD, 2004, p.94).

A exigência à qual respondem os objetos antigos é aquela de um ser definitivo, completo. O tempo do objeto mitológico é o perfeito: ocorre no presente como se tivesse ocorrido outrora e por isso mesmo acha-se fundado sobre si, “autêntico”. O objeto antigo é sempre, no sentido exato do termo, um “retrato de família”. Existe sob a forma concreta de um objeto, a imemorialização de um ser precedente – processo que equivale na ordem imaginária, a uma elisão do tempo (BAUDRILLARD, 2004, p.83-84).

O trecho supracitado auxilia a compreensão do terceiro valor indicado: o valor simbólico. Quando Baudrillard cita a imemorialização de um ser precedente e a elisão do tempo, talvez seja porque o objeto ao ser observado causa uma falsa sensação de aproximação do passado. Para exemplificar, utilizarei a própria coleção objeto de estudo, ao manuseá-la, minha tia, viúva de MFG sentia-se confortada, é como se ela realmente se

aproximasse do seu falecido marido e da sua vida pregressa, o que de certa forma, ainda que no sentido figurado, pode representar uma “elisão do tempo”.

O sistema de ambiência é extensivo, mas caso se pretenda total, é preciso que se recupere toda a existência, conseqüentemente também a dimensão fundamental do tempo. Não se trata, é claro, do tempo real, são os signos ou indícios culturais do tempo, que são retomados no objeto antigo. Sua presença alegórica não contradiz, portanto, a organização geral: natureza e tempo, nada lhe escapa, tudo se efetua nos signos (BAUDRILLARD, 2004, p.82).

Assim é possível compreender como se constitui o quarto valor, o valor de signo, aquele que preserva sua aura e através da sua ambiência, o que corresponderia a historicidade do objeto, uma vez que podemos entender ambiência nesse sentido como a reunião das condições sociais, culturais, éticas e morais que circundam o objeto. Ao longo da dissertação ainda falarei sobre os objetos de coleção sob outras perspectivas, sempre demonstrando como a coleção MFG pode se enquadrar nos pensamentos defendidos pelos autores escolhidos. Seguirei então fazendo uma breve abordagem do colecionismo. A prática de colecionar antecede consideravelmente os conceitos de colecionismo, de patrimônio e tantos outros que serão abordados no decorrer deste trabalho. Todavia o homem, há muito tempo, tende a juntar objetos, registros e, por que não dizer, eventualmente exibí-los. Na contemporaneidade não é diferente. Se hoje vivemos a Era da Informação³, com as TIC's⁴ e os inúmeros recursos digitais, ainda assim, é notório o fascínio que os indivíduos, em sua grande maioria, têm em “guardar e acumular” suas recordações, ainda que virtualmente, como é o caso das redes sociais, espaços virtuais onde é possível publicar ou salvar fotos e documentos que possuem um valor afetivo especial. Entretanto, os objetos materiais seguem despertando e seduzindo a humanidade, talvez porque em relação aos virtuais seja mais tangível o sentido de posse. Quero dizer que um post, ou algo virtual eu posso ver, assistir, mas não toco, como posso fazer por exemplo com uma fotografia impressa. Isto faz com que de uma forma ou de outra, todos nós tenhamos alguns itens que elegemos para salvar para revisitá-los e em alguns casos deixar para a posteridade, visto que é possível até nas redes sociais deixar um administrador nomeado para o caso de o proprietário falecer.

Ao longo da vida, os indivíduos apegam-se a objetos que acabam sendo uma conexão entre membros de uma mesma rede familiar, repassados numa espécie de sucessão entre gerações da família. Estes objetos relacionados à memória e que acompanham a trajetória de quem os possui, são chamados de biográficos (NERY et al., 2015, p. 45).

³ Termo utilizado para se referir à realidade tecnológica como mediadora das relações humanas e das interações entre máquinas como parte da realidade hiper conectada que vivemos.

⁴ Tecnologias da Informação e Comunicação

Exatamente como descrito no trecho supracitado que a coleção MFG foi formada. A partir dos objetos biográficos de Manoel. De certo que havia por parte dele, o desejo de preservar os itens que a compõe, no entanto, aparentemente esta era a forma que encontrava de nostalgicamente rever situações de sua vida laboral e pessoal. Propositalmente ou não, esta coleção transmitiu uma mensagem de motivação à sua viúva, que a preservou com o intuito de aliviar a saudade e orientar a composição de uma polianteia⁵ a fim de homenageá-lo *in memoriam*. Mais recentemente, suscitou em mim o desejo de investigá-la sob um ponto de vista acadêmico, o que executo ao realizar este trabalho.

Um outro aspecto interessante que se dá em relação à coleção particular em questão, trata-se da descontinuidade, seja cronológica ou sob a heterogeneidade entre os itens, analisá-la torna-se a cada dia um desafio constante. Reunir os itens e identificar os indícios que carregam para fundamentar a leitura a qual me propus corresponde a uma tarefa impossível de relatar sem observar algumas semelhanças com o paradigma indiciário descrito por Carlos Ginzburg⁶. Talvez porque se de um lado prevalece a noção de que o que o acervo nos entrega é uma ínfima parte de toda uma vida laboral de nosso personagem, por outro, os indícios que encontramos no material analisado podem respaldar nossas presunções em relação ao passado. Se as pistas são um caminho para alcançar a compreensão de eventos pelos quais o observador não experienciou, coloque-me na posição de observador e tento compreender o papel de MFG através dos indícios. Ainda de acordo com a percepção de Ginzburg, é possível encontrar dois sentidos aos quais os indícios podem assumir: o de previsão do futuro ou o de investigação do passado, sendo este último o que se aplica na análise da coleção MFG.

Mas a principal divergência aos nossos olhos é outra: o fato de que a adivinhação se voltava para o futuro, e a decifração para o passado (talvez um passado de segundos). Porém a atitude cognoscitiva era, nos dois casos, muito parecida; as operações intelectuais envolvidas – análises, comparações, classificações – formalmente idênticas. É certo que apenas formalmente: o contexto social era totalmente diferente (Ginzburg, 1989, p.153).

De certo que salvaguardadas as diferenças entre os exemplos do autor e a relação que procuro demonstrar ante os indícios com os quais venho trabalhando nesta coleção

⁵ Antologia de obras de um homem ilustre, organizada em sua homenagem. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/polianteia/> Acesso em: 20 dezembro 2023.

⁶ Carlo Ginzburg é um renomado Historiador e Antropólogo italiano. Nascido no dia 15 de abril de 1939 na cidade de Turim, Itália, Carlo Ginzburg é filho do tradutor Leone Ginzburg com a romancista Natalia Ginzburg. Durante sua formação, foi aluno da Escola Normal Superior de Pisa e continuou os estudos no Instituto Warburg, já em Londres, Inglaterra. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/download/2300/1439/3779> Acesso em: 10 agosto 2024.

particular, o que estou fazendo são assim as operações intelectuais que são realizadas em qualquer análise, interpretação ou decifração. Assim como as supracitadas na citação antecedente, analiso, classifico e comparo os documentos destacados da coleção MFG. E desta maneira, poderei quiçá comprovar o valor patrimonial desta coleção e para além disso, identificar alguns comportamentos e discursos utilizados por MFG e Chatô nos referidos documentos que enunciam uma semelhança com um passado recente⁷ que igualmente visava impor um regime ditatorial sem sucesso em nosso país.

1.2 A formação do conceito de patrimônio

Este tópico pretende fazer uma breve descrição da formação do conceito de patrimônio e dos desdobramentos que foram surgindo ao longo do tempo. Reconhecendo que o referido conceito por ser uma construção histórica e cultural possui sua dinamicidade, o que o leva a se adequar às mudanças dos paradigmas sociais, políticos e intelectuais e passar por variadas fases de definição e ressignificação. A intenção é apenas analisar como esses conceitos foram se transformando e possibilitando o nosso objeto de estudo, a coleção MFG se encaixar para além do patrimônio familiar que é em alguma outra categoria de patrimônio. Afinal, se inicialmente a palavra “patrimônio” se relacionava à propriedade e à herança familiar, suas ressignificações foram ampliadas a fim de contemplar bens de valor coletivo.

Tal sentimento de valor coletivo supracitado, bem como a noção de patrimônio moderno tem sua origem a partir da institucionalização do patrimônio despertada pela Revolução Francesa⁸, no final do século. A visão do Estado republicano despertou a consciência em um grupo de franceses de que objetos e edifícios deveriam ser preservados como públicos, uma vez que representam a nação não cabendo mais a estes a propriedade privada, ou seja, pertenciam a todos os franceses. A historiadora francesa Françoise Choay (1992) em sua obra *A Alegoria do Patrimônio*, expôs sua visão crítica relacionando a cultura de massas com a “cultura do patrimônio”. A rigor combateu teoricamente a ausência ou a insuficiência da valorização dos monumentos urbano por sua função memorial e descreveu a história das políticas públicas destinadas a este fim e seus possíveis desdobramentos. A formação do caráter estatal e científico direcionado a proteger o patrimônio francês se concretizou com a fundação de instituições como o Museu do Louvre e da Comissão dos Monumentos Históricos visando considerar os monumentos com seu valor documental de registro da história nacional, nesse sentido, pelo menos na França

⁷ Dentro dessa perspectiva, observei que os discursos e posicionamentos presentes nas cartas tem um cunho ideológico muito semelhante ao utilizados pela extrema direita brasileira, que atualmente apoia a intervenção militar.

⁸ Revolução Francesa, movimento revolucionário que abalou a França entre 1787 e 1799 e atingiu seu primeiro clímax em 1789 — daí o termo convencional “Revolução de 1789”, denotando o fim do Antigo Regime na França e servindo também para distinguir esse evento das revoluções francesas posteriores de 1830 e 1848. Disponível em: <https://www.britannica.com/event/French-Revolution> Acesso em: 15/06/2023

o valor que a nação destinava aos seus monumentos passou a ser a mola propulsora dos demais valores.

Os valores que se atribuem a esses monumentos são revelados tanto pela austeridade dos decretos e instruções publicados a partir de sua criação pelo Comitê de Instrução Pública, quanto pelos grandes arroubos dos famosos *Rapports* [relatórios] de Grégoire, que reúnem a argumentação desenvolvida anteriormente por Lakanal, Romme, Vicq d'Azyr e outros fundadores da conservação secundária. O valor nacional é o primeiro, fundamental. Foi ele quem inspirou, de ponta a ponta, as medidas de conservação tomadas pelo Comitê de Instrução Pública, quem justificou o inventário e o cotejo de todas as categorias heterogêneas da "sucessão". Curiosamente, Alois Riegl, que foi, em 1907, o primeiro historiador a interpretar a conservação dos monumentos antigos a partir de uma teoria dos valores, silenciou sobre o valor nacional. Omissão reveladora. Riegl raciocina enfocando o monumento histórico, noção que prevaleceu por todo século XIX e até a década de 1960, e não enfoca no o patrimônio: este último conceito, forjado para designar bens pertencentes à nação e aos quais se pode aplicar um novo tipo de conservação, deixa, em parte, de ser pertinente e cai em desuso quando a Revolução chega ao fim. Na França revolucionária, foi o valor nacional que legitimou todos os outros, dos quais é indissociável, e a cujo conjunto hierarquizado ele comunica seu poder afetivo (CHOAY, 1992, p.115-116).

O historiador da arte mencionado acima se tratava do austríaco Alois Riegl⁹ que em seu livro *O Culto Moderno dos Monumentos* (1903) promoveu talvez a mais significativa mudança na percepção dos valores atribuídos aos monumentos. Para ele os valores eram sistematizados em: valores de rememoração (valor histórico e de antiguidade) (RIEGL, 1903, p.63) e valores modernos (valor de uso e valor artístico contemporâneo) (RIEGL, 1903, p.66-67). A abordagem por ele utilizada, já admitia que a importância patrimonial de um bem iria variar de acordo com a cultura de determinado povo e da percepção coletiva da noção de patrimônio deste. De certo que essa temática não é o mote do meu trabalho, no entanto, percebi que havia já nos trechos antecedentes, uma noção da dinâmica que o conceito de patrimônio passaria. A coleção MFG, poderia ser enquadrada em seu valor de rememoração em função dos eventos que ela contempla. Além disto, no que tange a questão da conservação a ser realizada, ele já evidenciava que haveria possibilidade de conflitos entre estes valores, afinal como decidir qual deles deveriam passar por processos

⁹ (1858-1905) Austríaco, foi um dos fundadores da historiografia de arte moderna e da história da arte como disciplina. Considerado hoje um dos líderes intelectuais do fin de siècle vienense, Riegl começou por ser conhecido com o historiador de arte que realmente esteve em contacto com objetos de arte, pois durante onze anos trabalhou como curador do Museu de Artes Aplicadas de Viena. Mais tarde, tornou-se professor na Universidade de Viena, onde fundou a Escola Vienense de História da Arte. Em 1902 foi nomeado presidente da Comissão de Monumentos Históricos da Áustria, e por ela encarregado de empreender a reorganização da legislação de conservação dos monumentos austríacos. *O Culto Moderno dos Monumentos* foi a base teórica para tal empreitada. Disponível em: <https://www.amedina.net/autor/aloes-riegl-1564157646> Acesso em: 22/03/2024.

técnicos de conservação. Ainda dentro da análise do autor encontra-se a identificação do valor volúvel da obra, e em relação a este valor ele afirma que este valor é um valor intencional de quem produz uma obra buscando de certa forma eternizá-la, como a citação antecedente descreve. No caso da coleção MFG, a reunião desses documentos e sua análise foi similarmente uma tentativa de preservar ao máximo o material.

Sendo a conservação assunto inerente a tudo aquilo que se considerava patrimônio, outro teórico ofertou a partir dos debates sobre patrimônio uma proposta de Teoria do Restauro, o italiano Cesare Brandi se destacou por propor que o tratamento dispensado ao patrimônio deveria contemplar uma síntese entre a estética e o valor histórico, e, portanto, defendeu que as intervenções fossem mínimas e visíveis, respeitando a autenticidade histórica da obra e igualmente sua integridade material. Segundo ele: “a restauração deve visar ao restabelecimento da unidade potencial da obra de arte, desde que isso seja possível sem cometer um falso artístico ou um falso histórico, e sem cancelar nenhum traço da passagem da obra de arte no tempo (BRANDI, 2014, p. 33). Ao trazer esses conceitos nesse breve relato sobre patrimônio, a dimensão que pretendo alcançar é o quanto e como esses conceitos podem ser aplicados na coleção MFG.

Dando continuidade as ressignificações e expansão do conceito de patrimônio na segunda metade do século XX foram sendo incorporadas dimensões culturais, sociais e simbólicas do patrimônio. Pierre Nora cunhou o termo “lugares de memória” , pensamento que reforça a ideia de que o patrimônio também se constitui através dos elementos simbólicos que possui, os quais podem ou não representar a identidade coletiva de um grupo, qualquer que seja a composição dele. No caso da coleção MFG, identifico essa representatividade familiar, mas também a importância histórica de alguns itens da coleção. Segundo ele a “aceleração da história” na qual vive a sociedade, a faz cada vez mais constituir locais de memória, já que a memória tradicional, aquela da oralidade, passada de geração em geração pelas sociedades primitivas vai se esfacelando. De maneira idêntica em algumas sociedades contemporâneas tem sido mais difícil passar aos descendentes as tradições familiares do cotidiano. A velocidade que imprimimos nas nossas vidas tem corroborado para esta dificuldade. Esta sensação de memória esfacelada somada à infinidade de informações com as quais somos bombardeados atualmente nos faz buscar perpetuar aquilo que poderá nos remeter ao passado, seja ele recente ou remoto. Neste ponto, comungo da visão de Pierre Nora que nos convida a avaliar, os locais em questão, reservam em seus acervos espaços para exibição de objetos e histórias que perdem ao concorrer com a avalanche de informações que se despenca das telas luminosas que nos cercam (NORA, 1993, p.7). Prosseguindo no movimento de transformação do conceito de patrimônio, em 2003, a Convenção para a Salvaguarda do

Patrimônio Cultural Imaterial foi introduzida pela UNESCO e viabilizou a institucionalização de práticas como danças, músicas, saberes e rituais como elementos do patrimônio imaterial. Esses desdobramentos contemporâneos nos levam a reconhecer que o conceito de patrimônio abrange uma infinidade de coisas, distribuídas em categorias como: patrimônio material (edifícios, monumentos, objetos); patrimônio imaterial (culturas, saberes, expressões); patrimônio natural (paisagens, biodiversidade); patrimônio arqueológico, digital (memórias e documentos em formatos eletrônicos); industrial e científico, dentre outros. Na atualidade é possível inferir que o patrimônio pode ser compreendido como um processo social e político, em constante negociação e reinterpretação. Isto é, o patrimônio como enxergamos hoje, não é o mesmo de antes e não será o mesmo do devir. Percebo que alguns dos recentes debates têm girado em torno da descolonização do patrimônio, numa tentativa de mostrar outras perspectivas que não a do colonizador e assim evidenciar narrativas dos povos colonizados outro aspecto que observo é como tem sido fomentada a participação das comunidades locais nos processos de preservação e feito uso do patrimônio como ferramenta de inclusão e reconhecimento dessas perspectivas diferentes. De certa forma, minha intenção ao descrever brevemente este processo é de corroborar também com o interesse nas coleções particulares que foram preservadas como patrimônio familiar, a partir de uma perspectiva igualmente diferente das dos familiares, vide a coleção MFG.

1.3 Patrimônio e museologia, uma relação plena de interseções...

O patrimônio e a museologia são áreas que vêm ampliando suas funções originárias e institucionais e ambos abarcam uma dimensão social que pode ser dizer que é política e simbólica e também econômica. Nas últimas décadas sobretudo a relação entre essas duas áreas tem estimulado diálogos e encontrado convergências que refletem como patrimônio e museologia como elas podem se entrelaçar em alguns casos. O próprio elã que os dois campos demonstram pelos bens culturais e sua influência na construção da memória social, já é por si só uma demonstração de uma convergência. Tanto a museologia quanto o patrimônio refletem as transformações e a dinamicidade dessas áreas no que tange a forma de apropriação, interpretação, legitimação e salvaguarda dos bens através dos tempos.

Nesse afã de ressignificar e de levar em consideração a função social dessas áreas, para além da mera preservação de objetos, existem entre narrativas, parcialidade nas escolhas do que será lembrado, exposto ou silenciado.

De um lado a museologia tornou-se um campo fundamental para pensar patrimônio ao lado da antropologia, da sociologia, da história da cultura e até da psicologia. Considerando que todo objeto musealizado provavelmente o foi porque teve reconhecido seu valor patrimonial processo que na complexidade que envolve a contemporaneidade

tem alargado ainda mais esse leque de possibilidades. Sendo assim, o campo da museologia propõe para além da antiga e estrita atividade de apenas catalogar e preservar os objetos a fim de expô-los, realizar a mediação cultural entre o visitante e a narrativa das exposições que o museu abriga.

Do outro lado o patrimônio também expandiu seus horizontes deixando de cuidar somente da herança monumental ou artística e incluindo as expressões imateriais como representatividade das identidades sociais que são dinâmicas e profícuas contribuindo para o reconhecimento e representatividade dos inúmeros grupos sociais existentes. Valorizando os saberes, as comidas, as danças de cada grupo e fomentando a identificação, o reconhecimento e a salvaguarda da dimensão Imaterial do Patrimônio Cultural Brasileiro, conforme descrito pelo IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional em sua PNPI – Política nacional do Patrimônio Imaterial que transcrevo abaixo:

O Programa Nacional do Patrimônio Imaterial (PNPI), instituído pelo [Decreto nº 3.551, de 4 de agosto de 2000](#), viabiliza projetos de identificação, reconhecimento, salvaguarda e promoção da dimensão imaterial do Patrimônio Cultural Brasileiro, com respeito e proteção dos direitos difusos ou coletivos relativos à preservação e ao uso desse bem. É um programa de apoio e fomento que busca estabelecer parcerias com instituições dos governos federal, estaduais e municipais, universidades, organizações não governamentais, agências de desenvolvimento e organizações privadas ligadas à cultura e à pesquisa.

Entre as atribuições do PNPI está a elaboração de indicadores para acompanhamento e avaliação de ações de valorização e salvaguarda do patrimônio cultural imaterial. Outros objetivos são a captação de recursos e promoção da formação de uma rede de parceiros para preservação, valorização e ampliação dos bens que compõem o Patrimônio Cultural Brasileiro, além do incentivo e apoio às iniciativas e práticas de preservação desenvolvidas pela sociedade.

Nas diretrizes da política de apoio e fomento do PNPI estão previstas a promoção da inclusão social e a melhoria das condições de vida de produtores e detentores do patrimônio cultural imaterial, e medidas que ampliem a participação dos grupos que produzem, transmitem e atualizam manifestações culturais de natureza imaterial nos projetos de preservação e valorização desse patrimônio. A promoção da salvaguarda de bens culturais imateriais deve ocorrer por meio do apoio às condições materiais que propiciam a existência desses bens e pela ampliação do acesso aos benefícios gerados por essa preservação, e com a criação de mecanismos de proteção efetiva dos bens culturais imateriais em situação de risco.
(BRASIL

Como já mencionado no tópico anterior, Françoise Choay (2001) avalia que a característica mais evidente do patrimônio em seu conceito moderno é a “função alegórica”. A autora faz uso do termo "alegoria" para apontar que o patrimônio, como ele é entendido e valorizado nas sociedades contemporâneas, não é apenas um conjunto de bens materiais preservados por seu valor histórico ou artístico, mas uma construção simbólica, uma representação carregada de significados ideológicos, culturais e políticos. Ou seja, o patrimônio está longe de ser neutro: ele é escolhido, interpretado e valorizado dentro de

uma determinada visão de mundo. Em outras palavras, o patrimônio representa algo além de si mesmo, assim como uma alegoria representa ideias abstratas por meio de imagens ou figuras. Sua visão crítica aponta que experiências culturais podem ser preservadas ou excluídas de acordo com a escolha daquilo que se deseja ou não preservar, com intuito de revelar uma ou outra perspectiva do passado.

Outro autor que compartilha dessa visão crítica, o historiador francês Pierre Nora (1993) que como já citei cunhou o conceito de “lugares de memória” e indica que esses espaços aparecem substituindo uma memória social espontânea e que esta se vê enfraquecendo ante aos processos de institucionalização formais. Há entre estas duas visões algumas semelhanças nos processos das duas áreas o que pode demonstrar o quanto como patrimônio e museologia estão interligados.

A rápida desapareição de nossa memória nacional me pareceu demandar um inventário dos lugares onde ela havia eletivamente se encarnado e que, por vontade dos homens ou pelo trabalho dos séculos, restaram como os mais ruidosos símbolos: festas, monumentos e comemorações, mas também elogios, dicionários e museus (NORA, 1984, VII).

Segundo ele, a memória se estabelece e é transmitida por grupos vivos, dinâmicos, e, portanto, vai se adequando em respeito à relação da lembrança e do esquecimento. Esse aspecto vivo que Nora atribuiu à memória enfrenta suas vulnerabilidades, como por exemplo a parcialidade a que fica sujeita a memória que pode dependendo da narrativa e das manipulações de quem está fazendo esse reconhecimento legitimar diferentes perspectivas a fim de nos remeter ao passado. O mundo globalizado acaba por abreviar o tempo de memória uma vez que as informações vão se sobrepondo rapidamente, assim como os fatos, acontecimentos, mas principalmente, o acesso imediato com que são divulgados e acessados. Há aproximadamente uma década, predominava uma concepção relativamente estável de globalização, estruturada sob a lógica da unipolaridade e da unilateralidade, ancorada na hegemonia de um centro político-econômico-militar específico — notadamente os Estados Unidos — a partir do qual se irradiavam dinâmicas culturais, tecnológicas, comportamentais e científicas. Essa configuração unidirecional da globalização sustentava a ideia de um "mundo globalizado" centralizado e normativo, no qual fluxos culturais como moda, cinema, música e ciência seguiam um eixo dominante. Contudo, nas últimas décadas, esse modelo vem sendo gradualmente desestabilizado por transformações geopolíticas e econômicas que indicam o surgimento de uma multipolaridade e de uma multilateralidade mais complexas. Tais mudanças se manifestam na intensificação das relações Sul-Sul, no fortalecimento de potências emergentes e na reconfiguração dos fluxos globais de informação, bens simbólicos e poder. Esse processo pode ser interpretado como uma forma de neomeridionalização, na qual regiões historicamente periféricas passam a desempenhar

novos papéis no sistema-mundo, ao mesmo tempo em que zonas antes centrais enfrentam processos de marginalização relativa.

Diante desse novo cenário, torna-se necessário revisar os fundamentos da globalização enquanto fenômeno, reconhecendo sua irreversibilidade estrutural, mas também sua crescente heterogeneidade. A rápida sobreposição de acontecimentos, a circulação imediata de informações e a descentralização das matrizes de poder comunicacional desafiam o paradigma anterior e exigem abordagens que levem em conta os estertores do modelo unipolar tradicional e a ascensão de novas dinâmicas globais.

Após esse breve relato sobre patrimônio considero necessário contemplar nesta dissertação algumas informações acerca da museologia, afinal, a partir da segunda metade do século XX, a prática crítica da museologia faz nascer a nova museologia. Dentre outras razões, a insatisfação recorrente diante do modelo tradicional de museus, que mantinha seu foco direcionado ao objeto e quase não estabelecia nenhuma relação com as comunidades do entorno, foi realizada a *Reunión Regional sobre el Papel de los Museos en América Latina*, a qual foi alcunhada de Mesa de Santiago. Realizada em 1972 no Chile pré-golpe, ainda governado por Salvador Allende¹⁰, a Mesa-Redonda de Santiago se transformou em um marco para a museologia contemporânea. Composta por representantes político-culturais de grande parte da América Latina, oriundos da Costa Rica, Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, El Salvador, Equador, Guatemala, México, Panamá, Peru e Uruguai, ela debateu as principais questões da museologia no continente e repensou a forma como a museologia e o patrimônio eram tratados e nesse contextos as relações entre as áreas e o entorno delas considerando em suas diretrizes a situação de cada país envolvido. Vale ressaltar que o momento político social da América Latina era delicado e, portanto, os museus tornaram-se, para além de guardiões do patrimônio, agentes de transformação social. A proposta dessa nova museologia era de romper com a posição de espaço elitista, voltado para os objetos e transcender de forma mais dinâmica, integrada a função social dos museus, através do estabelecimento de uma relação fértil com a comunidade, a relevância da educação museal e, a interação entre o patrimônio natural e cultural. Graças a esta abordagem foi possível entender o museu como espaço de escuta e ação, e a construção do patrimônio pode demonstrar as narrativas locais e populares.

¹⁰ (nascido em 26 de Junho de 1908, Valparaíso, Chile – falecido em 11 de Setembro de 1973, Santiago) foi o primeiro presidente socialista do Chile. (tradução nossa) Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Salvador-Allende> Acesso em: 22 abril 2024.

. Repercutindo na evolução do conceito de patrimônio em suas variadas dimensões. Em consonância com o proposto nessa nova museologia. Georges Henri Rivière¹¹ (1989) e Hugues de Varine¹² defenderam a inclusão do museu na realidade da comunidade e do território. Numa perspectiva de que a população se reconhecesse e reconhecesse a própria história no museu. E assim surgiu o conceito de ecomuseu – fruto da incorporação do patrimônio material e imaterial através da ressignificação de suas práticas cotidianas e saberes locais de uma coletividade, bem como do patrimônio natural que a cerca, destacando e prestigiando os mesmos.

Graças aos apontamentos determinados pela Mesa-redonda de Santiago surgiram pela primeira vez os termos “museu integral”¹³ e “sociomuseologia”¹⁴, dois conceitos-chaves para se pensar a então denominada “Nova Museologia”. Ou seja, a partir da Mesa-Redonda de Santiago as perspectivas se modificam levando inclusive o ICON - *International Council of Museums* a atualizar a definição de museu tornando-a mais institucional e enfatizar o papel social dos museus.

Aqui no Brasil, Waldisa Rússio Camargo Guarnieri (1981) reforçava que a museologia fortaleceria os laços comunitários e a cidadania cultural se fosse pensada como uma “prática social”. A referida autora antevia que o patrimônio museológico não se

¹¹ Foi um museólogo francês, o primeiro Diretor do Conselho Internacional de Museus (ICOM), cargo que exerceu no período de 1946 a 1962. Considerado o fundador da museologia francófona. Foi o idealizador do Museu Nacional de Artes e Tradições Populares em Paris. Disponível em: <https://historiadamuseologia.wordpress.com/autores/georges-henri-riviere/> Acesso em: 20 maio 2025.

¹² Hugues M. de Varine-Bohan é um arqueólogo, historiador e museólogo francês. Foi Diretor do Conselho Internacional de Museus – ICOM, de 1965 a 1974, dando continuidade ao trabalho desenvolvido até então por Georges Henri Rivière, seu primeiro diretor. Nos anos 70, atuou como consultor para o desenvolvimento comunitário na França. É o criador do termo ecomuseu, ideia que surgiu a partir do esforço em gerar um novo termo para abarcar as formas experimentais de museus que seriam teorizadas no pensamento acerca da Nova Museologia, desenvolvida, nos anos 80, sob sua influência. Disponível em: <https://historiadamuseologia.wordpress.com/hugues-de-varine/> Acesso em: 20 maio 2025.

¹³ Para Hugues de Varine o “sentido verdadeiramente inovador, senão revolucionário” da Mesa Redonda de Santiago do Chile está situado em duas noções: 1ª - a de “museu integral”, “que leva em consideração a totalidade dos problemas da sociedade” e 2ª - a de “museu como ação”, que compreende o museu como ferramenta, como “instrumento dinâmico de mudança social”. Ver o texto: “A respeito da Mesa Redonda de Santiago do Chile (1972)”, de Hugues de Varine, publicado em 2010, no livro *O ICOM-Brasil e o Pensamento Museológico Brasileiro: documentos selecionados*, organizado por Maria Cristina Oliveira Bruno, São Paulo: Pinacoteca do Estado: Secretaria de Estado da Cultura: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus. Disponível em: <https://mariochagas.com/wp-content/uploads/2020/01/2museuintegral.pdf> Acesso em: 16 fevereiro 2025.

¹⁴ “A Sociomuseologia constitui-se, assim, como uma área disciplinar de ensino, investigação e atuação que privilegia a articulação da museologia, em particular, com as áreas do conhecimento das Ciências Humanas, dos Estudos do Desenvolvimento, da Ciência de Serviços e do Planejamento do Território (Moutinho, M.C., In: *Cadernos do CEOM - Ano 27, n. 41 - Museologia Social*) Disponível em: <file:///C:/Users/Usuario/Downloads/admin.+2617-9122-1-CE.pdf> Acesso em: 18/ maio 2025.

limitava à materialidade dos objetos e reconhecia nele uma dimensão simbólica, considerando as relações sociais a partir das quais era constituído e interpretado. Destacamos assim o quanto museologia e patrimônio se complementam e contribuem para a emergência de novos paradigmas culturais.

Considerando o patrimônio¹⁹ como um conceito dinâmico é possível perceber sua transformação social e histórica e a museologia segue como espaço de escuta, disputa e representação cultural que pretende contribuir para a ressignificação do passado à luz das demandas do presente. As duas áreas não são categorias engessadas ou imparciais, mas sim campos de poder e produção simbólica. Em suma, os profissionais dessas duas áreas podem contribuir para a elaboração e articulação de políticas patrimoniais democráticas e plurais. Alinhados à estas visões e conceitos aqui descritos como patrimônio que nos debruçamos sobre a coleção MFG, sobre a qual descreveremos mais de perto o intuito de trazê-la como objeto de estudo desta dissertação.

¹⁹ Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: I - as formas de expressão; II - os modos de criar, fazer e viver; III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/constituicao_federal_art_216.pdf Acesso em: 22 fevereiro 2025.

CAPÍTULO 2

COLEÇÃO PARTICULAR COMO OBJETO DE PESQUISA: DE PATRIMÔNIO FAMILIAR À PATRIMÔNIO PÚBLICO

1. COLEÇÃO FAMILIAR COMO OBJETO DE PESQUISA: DE PATRIMÔNIO PRIVADO À PATRIMÔNIO PÚBLICO

Neste capítulo, visando aprofundar a análise do conjunto documental acerca de MFG, direcionei minha atenção para coleção, colecionador e a relação existente entre ambos. Juntamente com este olhar, descrevo as circunstâncias que me impulsionaram a vislumbrar a possibilidade de mudança da coleção MFG da condição de patrimônio familiar à patrimônio público. Incluindo aqui não apenas os desafios que são inerentes a este tipo de objeto de estudo, como também como se dá a minha dinâmica enquanto pesquisadora de uma coleção que esteve na posse da minha família e sobretudo do cuidado que preciso ter ao realizar o processo de distanciamento do olhar para a análise dos itens

2.1 As coleções particulares e as especificidades de seus objetos

Para estudar coleções particulares é imprescindível destacar mais alguns aspectos que atravessam o termo “coleção”. Segundo Baudrillard (1968), o ato de colecionar equipara-se ao ato de sonhar, no que tange a sua preeminência diante da vida. Chega a referir-se como um ato “essencial”, assim como os “sonhos”. Os objetos, na visão do autor funcionam como uma expectativa de reciclagem do nascimento e da morte através do sistema de objetos, embora não garantam a continuidade da vida física. Isto é:

O que o homem encontra nos objetos não é a garantia de sobreviver, é a de viver a partir de então continuamente em uma forma cíclica e controlada o processo de sua existência e de ultrapassar assim simbolicamente esta existência real cujo acontecimento irreversível lhe escapa (BAUDRILLARD, 1968, p.104).

Colocar o objeto como parte de um sistema revela a função fundamental da coleção sob o ponto de vista defendido por Baudrillard: solucionar a problemática humana do tempo real no que tange a questão da finitude. Embora não haja uma solução para a morte humana e o ciclo que a envolve, consigo identificar na coleção MFG o que o autor acredita que uma coleção pode suscitar. Dentre outras características ele acredita que uma coleção “representa o perpétuo reinício de um ciclo”, ou seja, a cada vez que os objetos de uma coleção são tocados, um novo olhar é depositado e uma nova leitura é feita. No caso da coleção que estudo, de fato houve uma releitura dos objetos por minha tina e subsequentemente por mim. Apesar disso, o colecionador possivelmente imprimiu ali aspectos e características pessoais que poderão ser identificadas para além de sua morte. É como se a finitude intangível e inegociável da vida pudesse burlar o tempo e reaparecer em outra dimensão temporal. E durante este estudo eu pude analisar algumas características pessoais do personagem, pelo ponto de vista de quem conviveu com ele, no caso das cartas recebidas e de como ele expressava suas opiniões e pareceres, nas cartas por ele enviadas. Baudrillard propõe que o que os objetos nos permitem de certa maneira é viver o luto sobre nós mesmos convivendo (da melhor maneira possível) com a

contagem regressiva natural da vida, já que a única certeza que podemos ter em relação à vida é o seu fim.

Etimologicamente, o termo “coleção” deriva do latim “colligere” (coletar), o que implica em escolher e reunir, sendo diferente de acumular, conforme reforçado pelo autor ao afirmar que a coleção tem como característica possuir o potencial de colocar “um homem em face de outro”, assim como qualquer obra ou expressão artística é capaz de fazer, Baudrillard considera-a como uma mensagem. Como se a coleção refletisse traços do colecionador e que a cada análise fosse dando a este uma possibilidade de “repetição ou substituição indefinida de si mesmo” que atravessasse os tempos de vida e morte e a transporte (a mensagem) para além desta. No meu caso, MFG faleceu quando eu tinha 3 anos, portanto, tenho uma ou outra lembrança de situações que me foram relatadas sobre o seu relacionamento comigo. Todavia eu não tinha até então conhecimento de boa parte dos traços que ele deixou em sua coleção, afinal eu mantive contato com os itens da coleção pelo prisma com o qual minha tia enxergava.

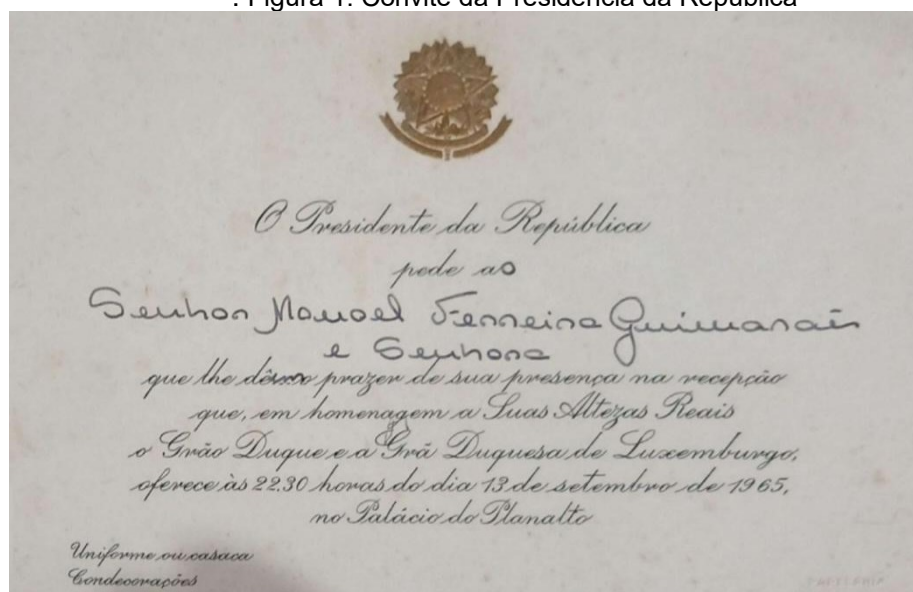
Para que uma coleção exista, na reunião de objetos, outro conceito a ser utilizado neste trabalho é o de documento. As inferências sobre quais informações um objeto pode nos levar a inferir além dos que tratam de sua própria composição como material, técnica utilizada, tamanho, mas sobre alguém, sobre um tempo, sobre a história, são características que irão, segundo Meneses (1998), definir o grau de capacidade documental que cada item possui.

Assim, a matéria prima, seu processamento e técnicas de fabricação, bem como a morfologia do artefato, os sinais de uso, os indícios de diversas durações, e assim por diante, selam, no objeto, informações materialmente observáveis sobre a natureza e propriedades dos materiais, a especificidade do saber-fazer envolvido e da divisão técnica do trabalho e suas condições operacionais essenciais, os aspectos funcionais e semânticos - base empírica que justifica a inferência de dados essenciais sobre a organização econômica, social e simbólica da existência social e histórica do objeto. Mas, como se trata de inferência, há necessidade, não apenas de uma lógica teórica, mas ainda do suporte de informação externa ao artefato (MENESES, 1998, p.91).

Devido ao conjunto de informações que o objeto carrega Meneses sinaliza [que também funcionam como veículos de qualificação social. Mas entendo que ele nos alerta que o suporte externo, a ratificação de determinada inferência feita em fontes alheias à coleção é necessária para complementar o trabalho. Por exemplo, num convite de jantar feito a MFG (Figura 1) e esposa pela presidência da república em homenagem aos Duque e Duquesa de Luxemburgo, bem como em convite feito por estes posteriormente em homenagem à presidência da república (Figura 2), é possível inferir o círculo social no qual estava inserido. No exemplo antecedente, eu fiz a inferência que pode apenas atestar a

importância econômica-social do convidado. Mais adiante, eu conciliei a fala de outros autores à alguns itens da coleção.

. Figura 1: Convite da Presidência da República



Fonte: Coleção Manoel Ferreira Guimarães

Figura 2: Convite do Duque e Duquesa de Luxemburgo



Fonte: Coleção Manoel Ferreira Guimarães

Ao ter contato com esta reflexão de Meneses, pude retornar ao pensamento de Baudrillard que transcrevo a seguir: “através dos objetos, que cada indivíduo, ou cada grupo procura seu lugar em uma ordem, tentando empurrar esta ordem conforme sua trajetória pessoal” (BAUDRILLARD, 1972, p. 54).

Vale ressaltar que o artefato por si só, carrega em sua integridade física sua verdade objetiva que abrange o material utilizado, os hábitos da época, e outras características, isto é algo que a ação do tempo, as condições de conservação habitualmente nos revelam. Todavia, os discursos elaborados a partir da análise do artefato é que podem se aproximar ou se desviar desta verdade. Quando a análise é realizada, ela passa a ser quase que uma descrição das características do objeto, uma biografia deste. Sendo assim, é preciso uma avaliação que considere cada perspectiva usada na trajetória biográfica do objeto. Ainda de acordo com o que Meneses coloca, esta biografia que é feita a partir da materialidade, da temporalidade, dos diferentes momentos em que o objeto foi feito ou encaminhado alça um novo ponto que requer atenção: a biografia das pessoas no objeto. O que quero dizer é que a coleção MFG por exemplo, pela natureza de seus itens me revela bastante informações sobre Manoel. Considerando a função, já descrita anteriormente, dos objetos como um elo do colecionador com a posteridade, a mensagem que este deixa estará contida na biografia do objeto, por isso a necessidade de o pesquisador se distanciar para avaliá-lo acreditando que isto fará com que possa verificar em que medida a mensagem “plantada” pelo colecionador possui de coeso ou não com as informações externas e com o contexto social em torno dele. Segundo Dohmann:

Todo objeto conta uma história e, para isso, torna-se fundamental estudar os artefatos a partir das suas interações sociais. Nesse sentido, a trajetória dos objetos introduz uma interessante questão: a biografia dos indivíduos nos objetos. Por trás de cada objeto há uma trajetória, quando compartilhada, pode revelar muito sobre histórias pessoais, costumes e tradições (DOHMANN, 2014, p.3).

A escolha da citação foi feita com base nas características específicas de coleções particulares, dentre elas a que é objeto de nosso estudo, seguem de modo geral os desdobramentos ora apresentados. Dentre os objetos que compõe este tipo de coleção, encontram-se objetos que podem ou não ter um valor econômico, mas que, devido ao seu valor simbólico, atribuído inicialmente pelo colecionador ou proprietário acabaram por ser reunidos e preservados. Significa dizer que caso estas coleções tiverem sido cuidadosamente formadas ou ainda quando se transformaram em coleções a partir da reunião de objetos de alguém já falecido, seja qual for a origem, elas terão em seus objetos as representações anteriormente descritas. Dohmann (2014) sugere que: “a coleção deverá ser, antes de mais nada, abordada como um processo criativo, por tratar-se de uma reunião de fragmentos esparsos constituídos a partir de trajetórias não lineares”. Porém, nem todas as coleções e nem todos os colecionadores atuam de maneira aleatória, impulsiva ou desorganizada. Pelo contrário, há aqueles que colecionam com intenção clara, método e propósito definido, seja ele estético, científico, histórico, memorial ou simbólico. As coleções particulares como a de MFG por ter sido constituída a partir de

objetos diversos preservados apenas por impulso ou afeto momentâneo podem ser consideradas mais erráticas.

Objetos e coleções, sejam particulares ou em museus, representam uma forma de biografia material. O mundo material resiste e muitas vezes sobrevive aos seus autores, servindo como monumento ao esforço de sua criação. As evidências materiais permitiram que novas interpretações do passado pudessem ser reconstruídas. A propriedade dos objetos proporcionou a alguns artefatos, um lugar especial como símbolos do passado, que impuseram marcas específicas à memória coletiva (DOHMANN, 2014, p.8).

No caso das coleções particulares, em especial ainda, há uma outra perspectiva a ser explorada. Muitas vezes as coleções se formam após a morte do proprietário dos itens e reunindo objetos de diferentes tipologias. Contudo, mesmo assim, os objetos carregam características autobiográficas que podem auxiliar na construção de narrativas biográficas. Segundo Calligaris (1998), esse conjunto de objetos constitui um acervo importante para a memória material:

Um capítulo à parte, aliás, deveria ser reservado para a memória material: desde as fotos de lembrança, até a simples acumulação de objetos e documentos. Esses conjuntos às vezes confusos, outras vezes ordenados e organizados, reunidos ou não com o intento de constituir um arquivo, se transformam inevitavelmente em arquivos pessoais (autobiografias materiais, por assim dizer) pela morte do sujeito que os acumulou. Assim, no mínimo uma vez na vida, cada um torna-se arquivista, quando se depara infelizmente com a necessidade de esvaziar a casa de seus pais depois da morte deles (CALLIGARIS, 1998, p.46).

De acordo com o que descreve Calligaris, existe uma relação entre a acumulação de objetos cotidianos e o que ele chama de “progressiva relevância do ato autobiográfico”. Segundo o autor, ao dispor os objetos em seu entorno, o indivíduo sacia seu desejo de trazer significações diferentes para o mundo, a partir de sua própria criação. Ainda que consideremos fantasiosa ao extremo esta colocação, ela pode se aproximar de uma relação com este pensamento e a tentativa de fazer uso de objetos para que transmitam uma “mensagem” como propõe Baudrillard.

A um dado momento torna-se característica da coleção uma ruptura que a arranca a seu sistema involutivo e a determina para um projeto ou exigência (de prestígio, cultural, comercial - pouco importa, desde que o objeto acabe por colocar um homem em face de outro: trata-se então de uma mensagem) (BAUDRILLARD, 2015, p.113).

Considerando que as coleções familiares, sobretudo as de cunho biográfico como é o caso da coleção MFG, independente do destino que lhe seja dado, certamente coloca o personagem frente ao pesquisador e, assim, a análise dos itens acaba por transmitir uma mensagem acerca do personagem estudado, embora esse não seja o mote de nossa pesquisa, por vezes a decodificação de possíveis mensagens existentes na coleção podem auxiliar inclusive numa biografia do personagem.

Destacamos essa característica da coleção particular de MFG: a capacidade de ser mensageira entre gerações, aqui no caso, entre o personagem e eu, na qualidade de pesquisadora, que, embora não tenha convivido diretamente com Manoel, passei as primeiras três décadas de vida com sua viúva, ouvindo-a sempre descrevendo peculiaridades sobre o falecido. Ao citar Le Goff, descrevendo a memória como um processo da “ordem de vestígios” e “releitura desses vestígios”, (Le Goff, 1984, p. 11 apud Lima, 2008, p.38), Lima (2008, p.38) acrescenta:

“[...] possui função de comunicação entre as gerações, pois realiza a transmissão de um modelo existencial/normativo (do mundo natural associado ao social) à maneira da já citada passagem da recordação. Comporta o conjunto das Manifestações Culturais relacionadas aos comportamentos sociais (Agir/práticas coletivas) e às mentalidades (Pensar/representações mentais coletivas) e, retornando à fala de Bourdieu, pode-se dizer que sua ambiência envolve o relacionamento simbólico das estruturas mentais e sociais. (Lima, 2008, p.38).

Durante o processo de digitalização do acervo, por exemplo, foi possível constatar por várias vezes o quanto essa comunicação entre gerações foi afetada uma vez que a impressão que fora passada por minha tia, esposa de MFG para mim sobre alguns dos itens foi alterada a partir da releitura dos documentos.

2.2 Patrimônio familiar como uma categoria

Ao escolher a coleção MFG como objeto de estudo, a pesquisa pretende evidenciar o quanto este acervo é uma fonte fidedigna, e, futuramente corroborar para que o reconhecimento do valor testemunhal do acervo venha a possibilitar a transição deste da subcategoria de patrimônio familiar para uma outra.

A proposição geral sobre coleção como prática social significativa pode ser refinada analiticamente a partir da introdução da subcategoria “coleção privada”, sob a qual se insere a coleção familiar. Segundo José Reginaldo Santos Gonçalves, as coleções não devem ser entendidas apenas como agrupamentos arbitrários de objetos, mas como sistemas simbólicos organizados, dotados de lógicas internas, de sentidos sociais e de funções estruturantes no campo da cultura material.

Na obra "A Retórica da Perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil" (GONÇALVES, 2007), o autor defende que as coleções articulam a relação entre sujeitos, objetos e memória, sendo espaços privilegiados de produção de significados e de inscrição do tempo. Ele diferencia as formas institucionais de colecionamento (como museus públicos) das formas privadas e domésticas, que, embora menos visíveis, também desempenham papel central na constituição de memórias, identidades e valores.

A coleção familiar, nesse contexto, refere-se àquelas que são mantidas fora da esfera pública formal, e que obedecem a critérios próprios, muitas vezes ligados à afetividade, à trajetória pessoal ou à história de um grupo restrito. Entre essas, destaca-se a coleção familiar, que Gonçalves reconhece como um dispositivo essencial de produção e

transmissão de memórias intergeracionais, sendo composta por objetos que, muitas vezes, adquirem valor não por sua raridade ou autenticidade histórica, mas pela carga simbólica associada às experiências vividas.

Esse tipo de coleção frequentemente escapa às classificações museológicas tradicionais, mas ainda assim desempenha um papel importante na construção de patrimônios afetivos e identitários. A coleção familiar pode conter fotografias, cartas, objetos do cotidiano, roupas ou utensílios herdados, cuja importância reside na sua capacidade de narrar histórias familiares e vincular os indivíduos a uma linha de continuidade temporal. Desta maneira, quando reconheço a categoria "coleção privada" e, em particular, a "coleção familiar", amplio o escopo das análises patrimoniais para além dos limites institucionais, conforme propõe Gonçalves ao tratar da "retórica da perda" e da diversidade das formas de preservação simbólica. Bourdieu oferece uma chave interpretativa importante para entender por que famílias constroem e mantêm coleções. Em obras como *A distinção* (1979), ele mostra que os objetos culturais (quadros, livros, móveis, fotografias etc.) expressam o capital simbólico e cultural de uma classe ou grupo. Ou seja, manter uma coleção privada — especialmente de objetos com valor estético, histórico ou afetivo — é uma forma de reprodução simbólica do status e da memória familiar.

A coleção familiar pode ser interpretada como um instrumento do habitus, pois reflete os gostos, valores e disposições que são aprendidos e transmitidos no seio familiar, consolidando pertencimentos sociais e simbólicos. Coleccionar é, nesse contexto, um gesto de distinção e também de preservação de identidade. A coleção familiar pode ser interpretada como um instrumento do habitus, pois reflete os gostos, valores e disposições que são aprendidos e transmitidos no seio familiar, consolidando pertencimentos sociais e simbólicos. Coleccionar é, nesse contexto, um gesto de distinção e também de preservação de identidade. Appadurai, em sua coletânea *The Social Life of Things* (1986), propõe que os objetos têm "vidas sociais" e podem ser estudados a partir de seus valores em circulação, não apenas por suas características materiais. A coleção familiar, nessa chave, é composta por objetos cuja trajetória está profundamente ligada à biografia dos sujeitos. Eles são investidos de significado por meio da experiência vivida, e não necessariamente por critérios historiográficos ou museológicos. Appadurai nos permite pensar que os objetos da coleção familiar funcionam como mediadores de memória, deslocando o foco da análise da "coisa" para a relação que se estabelece com ela ao longo do tempo. Assim, mesmo objetos aparentemente comuns ganham valor de patrimônio dentro de um contexto afetivo e relacional.

Para fundamentar nosso entendimento de patrimônio, utilizo os autores supracitados por encontrar nas suas explanações elementos argumentativos relevantes para a

compreensão da classificação deste tipo de coleção como patrimônio. Ainda segundo Gonçalves (2002, 9.108), é possível encontrar a afirmação onde ele interpreta a categoria de “colecionamento” como sendo também um “processo de formação de patrimônios” (Gonçalves 2002, p.109).

Ao discorrer sobre o patrimônio como sendo uma categoria de pensamento, o autor pontua que a modernidade delimitou com mais precisão seu significado, por exemplo: quando se fala em patrimônio econômico, financeiro, patrimônio cultural, ou ainda patrimônio genético, estamos qualificando o patrimônio segundo a economia, a cultura e a natureza. Entretanto, permitiu a fluidez da categoria entre diferentes campos do espectro social. No entanto, existem diversos significados para a noção de patrimônio em diferentes dimensões temporais e sociais. E embora os campos sejam diferenciados, existe uma interseção na noção comum de patrimônio que está de certa forma relacionada ao sentido de valor, seja ele simbólico ou não.

E nesta perspectiva é que se pode considerar que as coleções particulares familiares, tomadas como objeto de estudo, poderão favorecer a legitimação do valor testemunhal que têm, ou que tiveram, para um grupo seja ele familiar, social ou territorial, o que aproxima as coleções particulares de serem consideradas um patrimônio não apenas para quem as formou.

No excerto de Nery, transcrito abaixo, é possível identificar que justamente o valor atribuído aos itens de uma coleção particular, bem como o apelo simbólico, histórico ou social que tais objetos possuem, que corrobora para que se construa em torno dela a noção de um patrimônio familiar, mesmo que o ato da separação e salvaguarda não tenha sido intencional. Como ocorreu no caso da coleção de MFG já que ao preservá-la não supunha que pudesse um dia vir a estudá-la.

O hábito de colecionar objetos é uma prática das pessoas que enxergam valor atribuído nas peças e não apenas. Não é um apego material, mas simbólico, de objetos com fortes cargas memoriais que serviram, e ainda servem, de lugares de memória dentro das famílias às quais pertencem, fazendo parte da identidade de seus membros que têm a prática de salvar tais peças. Podemos perceber que quem guarda objetos ou fotografias, não sabe que necessariamente se trata de suportes de memória. A maioria das pessoas, ao reunir objetos em caixas, faz isso sem saber ao certo o porquê (NERY et al., 2015, p. 45).

Esta autora descreve exatamente o que aconteceu no caso da coleção MFG. A esposa a preservou, talvez motivada pela saudade do falecido marido. Eu guardei e reuni os objetos sem ter uma motivação específica, nem sequer chamava de coleção. Todavia, talvez por ser graduanda do curso de museologia, vislumbrei a reunião desses itens sendo tratada, preservada adequadamente e pensei para os mesmos uma forma de organização que embora empírica facilitou o processo de digitalização e arquivamento dos itens.

Durante o processo de organização e classificação, precisei compreender os tipos de catalogação existentes e utilizei como referência a catalogação passiva e ativa, utilizadas no APERJ - Arquivo público do Estado do Rio de Janeiro. Nesta instituição realiza a catalogação passiva de documentos já produzidos e transferidos para o arquivo, organizando, classificando e descrevendo-os. Já para a catalogação ativa são elencados documentos que são catalogados no momento da produção ou tramitação na própria instituição que os produziu. Seguem um plano de classificação associado à gestão documental com o fim de facilitar o controle, a avaliação e eliminação ou recolhimento futuro.

Dentre os exemplos anteriores, o trabalho realizado coaduna-se melhor com a segunda opção, afinal de contas diante desses itens da coleção meu papel foi justamente criar uma organização com a finalidade de pesquisa e encaminhamento ao um destinatário que preserve e viabilize o acesso. Ideal seria que a ordem dos itens tivesse sido preservada, mas isto não ocorria desde o falecimento de MFG, e tudo encontrava-se aleatoriamente disposto. Sendo assim, para organizar os arquivos oriundos da digitalização da coleção durante a pesquisa, escolhi nomeá-los primeiramente com o prefixo do tipo de item que se tratava, que poderia ser “carta env”, “carta rec”, “imagem”, “publicação” ou ainda, “jornal” seguido de uma numeração corrida que é iniciada para cada prefixo, separados por *underline* e acompanhados de alguma palavra ou nome que pudesse identificar o arquivo e também de modo que ao dispô-los em ordem alfabética a numeração não se mesclasse. Quando Ex.: carta env 002_presEUA; carta rec 024_puc_phalonso; imagem 042-embaxadainglesa; jornal 010_austregesilodeataide; publicação 002_folderACM. A partir desse critério, como puderam perceber, a organização dos os itens se distribuiu em cinco classes: cartas enviadas, cartas recebidas, jornal, publicação e imagens.

2.3 A pesquisa acadêmica em acervos particulares

Os acervos particulares, sobretudo os familiares, podem ser compostos por fotografias, cartas, lembranças, bilhetes, recortes de jornais e revistas, enfim, uma miscelânea não cronológica e sequencial de objetos que, reunidos e preservados por algum membro da família, potencialmente (ou até mesmo intencionalmente) conectam os seus descendentes Segundo Rendeiro (2010, p.3) já é possível identificar a “importância epistemológica das fotografias de família no campo da memória social e o seu papel documental e narrativo reunindo informação e experiência, representação e imaginário”. A coleção familiar, como uma forma particular de organização simbólica da experiência vivida, possui importância epistemológica que ultrapassa a função meramente memorial ou afetiva naturalmente atribuída a esse tipo de acervo. Trata-se de um espaço de produção de conhecimento situado, relacional e subjetivo, no qual objetos aparentemente ordinários — como

fotografias, documentos, utensílios e vestuário — assumem a função de dispositivos narrativos e pedagógicos intergeracionais. Me cabe aqui salientar que de fato analisar a coleção MFG foi um aprendizado sobre minha ascendência. Segundo Gonçalves (2007), essas coleções privadas, muitas vezes invisibilizadas por não fazerem parte de instâncias patrimoniais oficiais, operam como formas alternativas de preservação e transmissão cultural, possibilitando a emergência de epistemologias domésticas e afetivas. Considerando essa perspectiva, a coleção familiar não somente conserva traços do passado, mas também demonstra um saber sobre o mundo, ancorada em experiências compartilhadas e na trajetória de quem as preservou. A partir da articulação entre memória, identidade e cultura material, tal coleção configura-se como um verdadeiro arquivo epistemológico, no qual se expressam lógicas de resistência à normatividade dos discursos hegemônicos sobre o patrimônio e a história. Impossível não ser direcionada as proposições de Bourdieu (2007, p.30) a partir dessa abordagem. Provavelmente por evidenciar o papel simbólico dos objetos na reprodução social do habitus familiar, bem como com Appadurai (1986), para quem os objetos têm vida social e constroem valor e sentido ao longo de suas trajetórias. Portanto, acredito que ao reconhecer a relevância epistemológica das coleções familiares reconhecemos também formas plurais de saber e memória, inseridas na vida cotidiana e atravessadas por relações afetivas, culturais e políticas. Compreendi a importância epistemológica de uma coleção familiar como sendo o reconhecimento de seu poder de produzir conhecimento significativo sobre o mundo, sobre os sujeitos e sobre a história, a partir de uma perspectiva íntima, cotidiana e não institucionalizada — que, embora marginalizada, é rica em sentidos e fundamental para a construção plural da memória e da cultura.

Ao apontar e referir-se ao campo da “memória social como essencialmente sensível a novas fontes documentais e aos objetos de estudo que aprofundam as questões das relações humanas no cenário controverso das sociedades atuais”, Rendeiro (2010, p.3) afirma quando o objeto de estudo é um acervo particular, especificamente os familiares de cunho biográfico como é o caso da coleção MFG pode auxiliar na compreensão das relações interpessoais e institucionais do personagem estudado. Ainda de acordo com Rendeiro, além dos “pequenos altares simbólicos” que são representados pelas fotografias expostas em porta-retratos nas residências que visam capturar o olhar do visitante. Como estudante de museologia, discordo em parte do termo que transcrevi, já que seria mais consistente me referir a essas lembranças como suportes de memória ou vitrine familiar ou até mesmo uma exposição do acervo particular. Há, algumas vezes, álbuns de fotografias especialmente exibidos em momentos especiais, nos quais ocorre a descrição das situações das fotos para outrem. Todavia, a autora destaca que nos porta-retratos dos “pequenos altares simbólicos” já existiria uma mensagem a ser transmitida do âmbito

privado para o público, ou, em suas palavras, “um recado da casa para a rua” (Rendeiro, 2010, p.4), com o que excetuando a nomenclatura utilizada por Rendeiro eu consigo identificar na coleção MFG.

A tradição narrativa acompanha e antecede a todas as fotografias de família, além de auxiliar no processo de análise da leitura de imagem. Por ela é possível perceber que um rosto nunca é apenas um rosto, a ausência da pose muitas vezes é a própria pose, o brinde dos noivos quase sempre vem seguido de muitas histórias; assim como o batizado, o casamento, as viagens, a cerimônia de formatura e o aniversário revelam personagens, representam ideias, constroem e reconstroem memória. Informação? Conhecimento? Experiência? Como tratar a imagem à luz da pesquisa acadêmica? A fotografia familiar como objeto de pesquisa estabelece entre muitos desafios o de estabelecer as relações entre narrativa, leitura e memória (RENDEIRO, 2010, p.7).

Numa referência à uma obra de Schapochnik (1998), Rendeiro (2010) evidencia que o pesquisador precisará enfrentar diversos desafios ao mergulhar em um objeto de estudo a partir de uma coleção particular e destaca que:

O leitor dos álbuns de família e o pesquisador precisarão vencer muitos desafios nessa especulação memorativa, num contexto fragmentário e dispersivo será preciso seguir em busca de orientação para a memória e de uma forma capaz de resistir à aceleração do tempo – dispendo as fotografias numa determinada ordem e com uma lógica própria, um “código de motivos”, a crônica dos eventos estabelece um repertório, uma narrativa (SCHAPOCHNIK, 1998 apud RENDEIRO 2010, p.7).

Como já destacamos anteriormente, as coleções particulares, sobretudo as que são despretensiosamente constituídas, nos referindo aqui as que são formadas após a morte de alguém não sendo, portanto, necessariamente a vontade do falecido, são habitualmente constituídas de itens de diferentes tipologias. O que as tornam um objeto de pesquisa favorável à reconstrução de narrativas na medida em que para estudá-las podemos recorrer aos dispositivos de análise pertinentes a cada tipologia. Um exemplo disto seria a forma de observação de uma fotografia que pode considerar aspectos que são relevantes especificamente para este tipo de suporte de memória. As correspondências tem igualmente outras formas de serem avaliadas. Assim também acontece com os eventos ou os fatos que aparecem ou em fotos ou em textos. Talvez, porque como os autores sugerem abaixo, vários objetos podem servir de suportes evocadores de memória e dentre estes as técnicas de análise podem se diferenciar.

Tanto as fotografias como os objetos, apesar de serem suportes diferentes, atuam como evocadores de memórias. Ao colocar estes dois elementos em um mesmo lugar, guardando-os juntos por motivos simbólicos, muitas vezes, acabamos criando “caixas de memória”. São lugares como gavetas, caixas, álbuns e diários, que possuem objetos, fotografias e uma variedade de coisas como cartas, bilhetes, diários, entre outros. São peças que possuem uma representatividade para a pessoa que as guarda, não sendo, necessariamente, suas, mas às vezes coisa que, apesar de pertencerem a outras pessoas, são importantes para quem as mantém. Estas “caixas de memória” são muito comuns, mesmo que,

na maioria das vezes as pessoas não as reconheçam com esta nomenclatura e função (NERY et al., 2015, p. 43).

Exatamente desta forma se deu a preservação da coleção que ora estudo, se os itens tiveram uma representatividade para MFG, logo isto motivou a preservação por parte de sua viúva, que acresceu a este conjunto uma camada de propósito já que manuseá-la minimizava a saudade do falecido. E atualmente estão sendo atualmente conservados por motivação alheia a que despertara nos antepassados.

2.4 Aspectos da relação pesquisador-objeto: distanciamento e aproximação do objeto

A pesquisa científica é constituída em sua prática pelo ato da observação. Quando um pesquisador se debruça sobre seu objeto de estudo, ele alternará momentos de distanciamento e aproximação em relação ao mesmo. A observação dos fenômenos, segundo Jaccoud e Mayer (2008) constitui o núcleo de todo procedimento científico ou conhecimento empírico. Nas pesquisas qualitativas realizadas em coleções, tudo é relevante, sejam os fatos sociais, os objetos propriamente ditos, o contexto da biografia dos mesmos, as características do colecionador, as evidências temporais. Absolutamente tudo pode contribuir para uma análise mais precisa do acervo. Todavia, os autores reforçam que todas as metodologias de pesquisa se cercam de ferramentas específicas, como sugerido no texto a seguir:

Em nome de um certo “rigor científico”, ou de uma preocupação com a “verdade” e a “objetividade”, conceberam-se “instrumentos de medida”, “técnicas” e “métodos” de pesquisa, para permitir a observação, a compreensão ou a explicação dos fenômenos sociais. Mas, ainda que a observação tenha aparecido muito cedo na história do desenvolvimento do pensamento científico, como o modo de construção do conhecimento por excelência (por exemplo, nos gregos antigos, por meio de Aristóteles), será preciso esperar vários séculos para que uma metodologia da observação se esboce e se enraíze no meio universitário (JACCOUD, MAYER, 2008, p.254).

Não esmiuçamos aqui a metodologia de pesquisa científica, mas, consideramos a aplicabilidade da técnica de distanciamento e aproximação em relação ao objeto de estudo. De acordo com os autores supracitados, a posição e o papel do observador estão entre os eixos principais para a construção de uma metodologia eficiente.

As questões mais debatidas, mais comentadas, e, enfim, mais documentadas concernem, sobretudo, à posição e ao papel do observador, sua relação com os campos de pesquisa, o lugar da observação no procedimento de pesquisa, os critérios de validade e de confiabilidade, a amostragem ou a seleção do local de observação, a construção das categorias de análise, a produção teórica, o problema da generalização dos resultados e as questões de ordem ética (JACCOUD, MAYER, 2008, p.255).

Impossível deixar de mencionar a contribuição que nos foi feita pelo conceito de memória coletiva elaborado por Halbwachs que nos ampara nesta análise, por entendermos que aquilo que foi preservado e deu origem ao acervo da coleção MFG, serve

de alinhavo à construção das memórias coletivas de que conviveram com o empresário direta ou indiretamente, como é a minha realidade em relação à pesquisa. Ao afirmar que a memória individual existe ancorando-se na memória coletiva, Halbwachs descreve exatamente a situação que no caso do pesquisador-familiar que teve vínculo com o objeto anteriormente a pesquisa estará sujeito a viver.

Consideremos agora a memória individual. Ela não está inteiramente isolada e fechada. Um homem, para evocar seu próprio passado, tem freqüentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros. Ele se reporta a pontos de referência que existem fora dele, e que são fixados pela sociedade. Mais ainda, o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as idéias, que o indivíduo não inventou e que empresou de seu meio. Não é menos verdade que não nos lembramos senão do que vimos, fizemos, sentimos, pensamos num momento do tempo, isto é, que nossa memória não se confunde com a dos outros. Ela é limitada muito estreitamente no espaço e no tempo (sic) (Halbwachs, 1990, p.54).

Tomaremos, então, a pesquisa acadêmica feita em coleções familiares como um recorte a ser mais explorado, especialmente quando o pesquisador possuir algum tipo de vínculo com a coleção, o colecionador e/ou herdeiros deste. Neste caso, Pereira relata:

O vínculo familiar entre pesquisadora/ouvinte e entrevistado/narrador – neste caso, entre filha e pai - no contexto de uma pesquisa acadêmica que envolvia a produção da memória teve motivações de ordens metodológica e ética. A questão de ordem metodológica surgiu das dificuldades presentes nessa experiência, entre as quais a possibilidade de construção do distanciamento numa situação em que a relação familiar pressupunha a existência de uma intimidade e de um passado comum (PEREIRA, 2000, p.22).

No caso das coleções particulares, este vínculo não se dá entre indivíduos, mas sim entre o indivíduo-pesquisador e o objeto. Todavia, o pesquisador igualmente terá que se distanciar. Em outras palavras, o que seria tratado como aproximação, nesta situação seria uma (re)aproximação, uma vez que o pesquisador teve, direta ou indiretamente, contato com o material em momentos progressos. Justamente por se tratar de outro tipo de aproximação, mediada pelo estranhamento, pelo método e pelas teorias torna-se fundamental discernir as diferenças e ter sempre isso em sua perspectiva. Pereira (2000) reforça que, embora não haja “tabus”, acerca deste tipo de produção acadêmica, tampouco há um instrumental metodológico que aborde a situação de distanciamento/aproximação na entrevista, no nosso caso específico, análise dos objetos. Nos resta, entretanto, continuar ao longo da pesquisa, seguindo a estratégia antropológica de tornar estranho o que é familiar. Consideremos outros aspectos relevantes a este tipo de pesquisa: se o pesquisador acessou o material na infância, construiu empiricamente suas impressões sobre os objetos. Essa impressão infantil que no meu caso chegava a ser precisará ser ponderada no momento da análise dos objetos. Todavia, esta ponderação não será uma tarefa simples. Pereira (2000, p.24) faz uma observação quanto a isto ao falar sobre a

necessidade de reflexão sobre a perda e a reconstrução da experiência tanto para o entrevistado, quanto para o entrevistador. E afirma

Assim, repensar o lugar dos pesquisadores é também não esquecer as relações que estes estabelecem com o seu próprio passado, sua origem familiar e social, bem como indagar de que modo tais ligações constituem o seu trabalho, não estritamente no aspecto metodológico, mas como produtora de memória(s) e, por tanto, de identidade(s) - sobre as quais, em geral, não nos ocupamos muito em refletir como parte da nossa produção intelectual. Essas relações implícitas podem ter um sentido (ou posicionamento) político que, por isso mesmo, não se permite deixar revelar explicitamente num trabalho acadêmico, sob a ameaça de que esta venha a "perder" a sua legitimidade (ou distanciamento). Isso nos instiga, como diria Benjamim, a escovar a contrapelo esses "bastidores de pesquisa" silenciados para encontrar o sentido político que muitas vezes é submergido no cuidado e distanciamento metodológico (PEREIRA, 2000, p.24).

De certo que para a situação que nos propomos a estudar, o lugar do entrevistado passa a ser ocupado por cada um dos itens da coleção analisada e o entrevistador dará espaço ao pesquisador-familiar que a estuda. Ao distanciar-se e reaproximar-se do objeto, o pesquisador certamente perceberá as diferenças entre o olhar infantil e o olhar adulto que depositou sobre o mesmo; sem esquecer que, nesse processo, será o olhar do pesquisador que será requisitado. Esta experiência, vivida de forma consciente, poderá implicar em uma série de descobertas que permearão diferentes campos de sua existência. Nesse sentido, a impressão que na infância foi obtida ao ver uma carta pode se diferenciar da leitura feita na fase adulta. Assim como a perspectiva de pesquisador também pode alterar a percepção desta última fase. No caso do pesquisador que teve contato com a coleção familiar em casa, a afetividade expressa nas relações familiares, os ideais políticos, o meio social onde está inserido vão, num primeiro momento, influenciar a análise dos objetos, sendo assim, é necessário saber de que modo e em que medida haverá, ou não, tal influência. No entanto, o conjunto destas percepções, se também for devidamente analisado, poderá alicerçar uma pesquisa acadêmica bem fundamentada teórica e metodologicamente sem, entretanto, menosprezar as discrepâncias e afetações proporcionadas pelo conjunto.

Pereira (2000, p.37) reforça o quanto é importante gerir as diversas possibilidades que a pesquisa pode alavancar. Além das lembranças, segredos poderão ser revelados, mentiras descobertas e tudo isto pode suscitar desde a intimidade ao desconhecimento do pesquisador sobre determinada circunstância..

Requer repensar o registro dessas motivações para além das preferências pessoais do pesquisador, ou, no outro extremo, da relevância social da pesquisa. Entre o particular e o geral muitas vezes deixamos uma lacuna, e é justamente nela que se encontra a mediação fundamental, o chão da experiência que liga a história pessoal do pesquisador a uma história pública, coletiva, a ser interpretada, a afetividade ao conhecimento teórico (o qual também pressupõe paixões, às quais somos orientados a

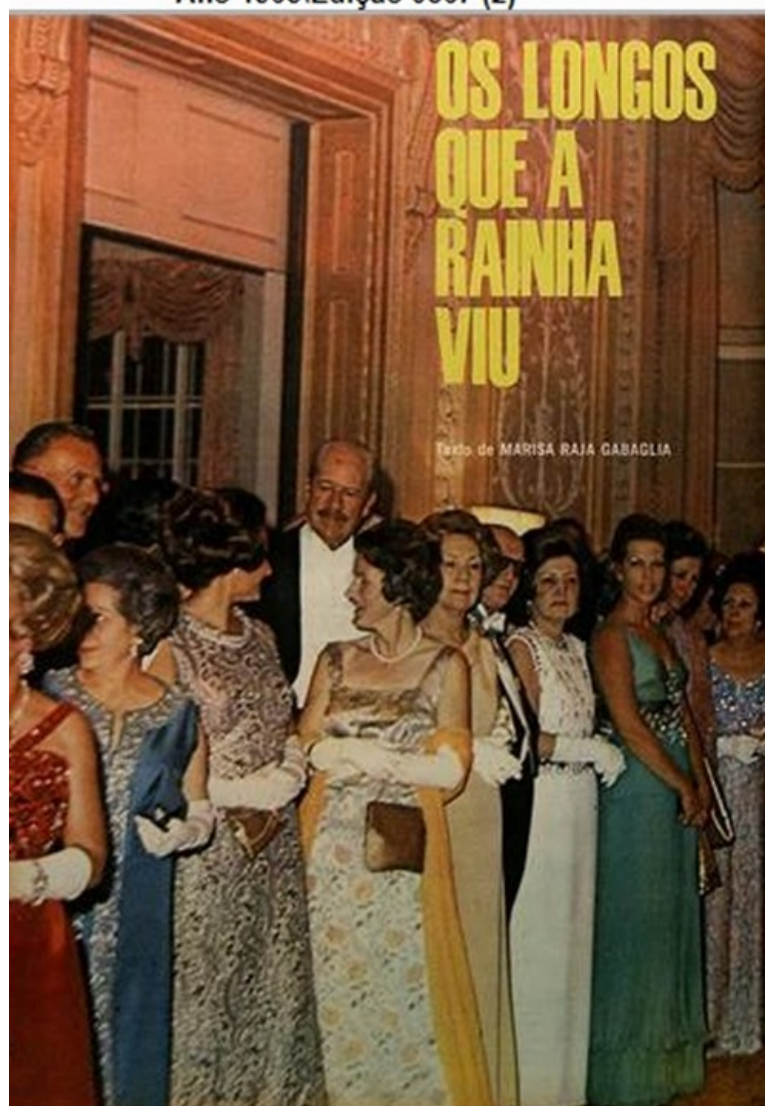
reelaborar). E essa mediação que procuramos problematizar ao pensar o familiar e privado e o coletivo e público, e que se transforma numa lacuna em muitos trabalhos justamente pelo "temor" do pesquisador em se deixar levar por supostas armadilhas do não distanciamento: o encantamento, o engajamento, a afetividade em relação ao seu "objeto" (PEREIRA, 2000, p.37).

Outro fator a ser levado em conta no processo de distanciamento e reaproximação entre pesquisador e o objeto é a lembrança dos objetos. Quando o pesquisador se aproxima de um objeto de estudo com o qual já teve contato anteriormente, ele passa por um processo de reconhecimento do mesmo. De acordo com Bergson (1999, p.55), o processo de memorização das imagens ocorre ao longo de todo tempo e na medida em que o tempo passa e novas imagens são processadas, vamos automática e involuntariamente praticando cortes instantâneos, visando reordenar os espaços na memória. Ainda segundo o autor, o passado sobrevive de duas formas distintas: em mecanismos motores e em lembranças independentes. Usando o exemplo do estudo de uma lição, ele afirma que ao repetirmos uma leitura para retê-la na memória, estamos involuntariamente retendo duas coisas diferentes: uma é o trecho que repetimos visando capturá-lo, e a outra é a lembrança de cada uma dessas repetições, que se constituem em momentos diferentes que, quer queiramos ou não, ficarão por algum tempo retidos na memória. Partindo dessa proposição, quando um pesquisador tem contato com um objeto que lhe é familiar nele poderão ser suscitados diferentes tipos de lembrança. Sendo assim, o pesquisador terá que treinar seu distanciamento em relação ao objeto para não permitir que suas representações do mesmo afetem o sentido objetivo da pesquisa que está sendo desenvolvida.

À primeira vista, este processo pode parecer confuso para quem o exerce, mas traremos um exemplo real e recente que se deu durante esta pesquisa, para demonstrá-lo. Ao digitalizar a coleção familiar, fui tendo recordações de situações, frases, conversas e imagens de minha infância, quando a viúva de MFG, minha tia Laurita, me mostrava os itens da coleção que compunham o material que estava manuseando. Quando criança, ao ser alfabetizada ainda no âmbito familiar, essa mesma tia me treinava colocando-me para ler títulos de matérias em jornais e revistas. Essa recordação de um exemplar da revista O Cruzeiro²⁰ que fui incentivada a ler, emergiu em minha lembrança em forma de um título de matéria: "Os longos que a rainha viu" (Figura 3). Intrigada, recorri a uma hemeroteca digital e, para meu espanto, encontrei a matéria da revista antiga, a qual apresentamos a seguir. Eventualmente, o pesquisador-familiar terá que administrar esse tipo de *insight*²¹ ao manusear a coleção. Encontrando evidências que poderão, ou não, corroborar com seus objetivos acadêmicos. Na situação descrita previamente e na figura exposta a seguir temos

uma demonstração de situação envolvendo memória, que pode acontecer quando o pesquisador de uma coleção familiar é membro da família objeto dessa coleção.

Figura 3: Matéria da Revista O CRUZEIRO
Ano 1968\Edição 0867 (2)



Fonte : Hemeroteca da Biblioteca Nacional

Para compreender melhor, façamos uma correlação desta lembrança do título da revista e do momento em que a pesquisadora, ainda na infância, teve contato com ela. Em umas das hipóteses defendidas por Bergson (1999, p.84), ele afirma que: “o passado sobrevive sob duas formas distintas: em mecanismos motores e em lembranças independentes”. No caso que está sendo descrito, o mecanismo motor seria a repetição feita pelo esforço da leitura do título “Os longos que a rainha viu”, que representa: “o trecho

²⁰ Revista brasileira publicada semanalmente entre 1952 e 2000 pela Block Editores.

²¹ *insight* é um acontecimento cognitivo que pode ser associado a vários fenômenos, podendo ser sinônimo de compreensão, conhecimento, intuição.

que repetimos visando capturá-lo”. Já a lembrança de que houve o momento de contato com a revista e o esforço para leitura da frase seria a lembrança independente de cada uma dessas repetições. Em suma, quando a coleção familiar é objeto de estudo de um membro da família, ao longo da pesquisa situações serão pinçadas na memória e precisarão ser confirmadas para que, caso atendam aos objetivos da pesquisa, possam ser incluídas, ou não, ao longo da pesquisa ou em seus resultados. Portanto, compreender melhor os mecanismos que permeiam essas lembranças a foi importante para que eu identificasse os mesmos.

Retomemos agora ao pensamento de Meneses a fim de sustentar as advertências em torno dos cuidados éticos que o pesquisador em questão deve ter ao avaliar uma coleção particular:

A coleção privada, com efeito, é a forma, senão exclusiva, pelo menos dominante, pela qual objetos pessoais, em nossa sociedade, expõem-se à esfera pública. Mais que representações de trajetórias pessoais, os objetos funcionam como vetores de construção da subjetividade e, para seu entendimento, impõem, já se viu, a necessidade de se levar em conta seu contexto performático. Na coleção fica patente esse caráter de interlocução, de ato em que está em jogo a subjetividade em diálogo (MENESES, 1998, p.96).

Sendo assim, e, sobretudo quando existe a possibilidade ou intenção de tornar público esse acervo, os critérios da pesquisa devem estar definidos e ser considerados na análise dos itens da coleção, como forma de exhibir a trajetória pessoal de um indivíduo ou de um grupo de indivíduos a partir dos objetos que compõe sua(s) coleção ou coleções.

Até aqui é notório que coleções particulares vêm sendo agregadas ao patrimônio cultural e científico há bastante tempo, vide a coleção dos pertences de Getúlio Vargas que foi preservada por sua filha e doada à fundação homônima. Para, além disto, num mundo que corre frenético ante os avanços tecnológicos e digitais propiciados pela já citada Era da Informação, a retenção e salvaguarda de itens físicos e não virtuais, tenderá a ser cada vez mais rara e quem sabe isto também venha agregar mais uma camada de valor nos objetos materiais.

No caso da coleção MFG, o potencial arquivístico-histórico pode ser observado nas manifestações de apoio ao golpe e os comentários sobre a política, a economia e a situação do Brasil no contexto mundial visto pelo olhar de MFG. Os documentos selecionados para serem analisados nesta pesquisa juntam-se a outros que dão à coleção uma característica biográfica.

CAPÍTULO 3

O VALOR PATRIMONIAL DA COLEÇÃO MANOEL FERREIRA GUIMARÃES: O HOMEM E A HISTÓRIA

VALOR PATRIMONIAL DA COLEÇÃO MANOEL FERREIRA GUIMARÃES: O HOMEM E A HISTÓRIA

Neste capítulo procurarei demonstrar o valor patrimonial da coleção MFG, trata-se do momento em que estes documentos de origem privada com relevância pública poderão expor o potencial patrimonial da coleção através da análise da participação política de nosso personagem. Ao destacar a relevância dessa participação política e identificar trechos que demonstram a posicionamento favorável ao Golpe militar de 1964, bem como a nítida polarização que existia na época encontramos sentido na fala de Boris Fausto²², em entrevista ao portal Festival de História, durante o 3º Festival de História (fHist) ocorrido em Braga, Portugal, de 20 a 23 de maio de 2015. O festival teve como tema "Diálogos Oceânicos: Veias da Integração dos Países de Língua Portuguesa" e, ao ser perguntado sobre o porquê de ensinar História, ele respondeu:

A História é aberta e nos ensina a viver. Mas são um tanto exageradas as afirmações de que conhecendo o passado, entendemos o presente e projetamos o futuro, porque não se reproduz a História no presente, não se reproduz a História para o futuro. Na verdade, a História serve como um índice importante de como certos caminhos foram trilhados, de como certos caminhos devem ser percorridos com maior cuidado ou mesmo até evitados (FAUSTO, 2015, p.2).

O recorte temporal selecionado, juntamente com as motivações que levaram àquela ruptura com o estado democrático, os argumentos utilizados e a interferência estrangeira, contribuíram para o desfecho do Golpe empresarial-militar de 1964. Nesse contexto, parte da população brasileira apoiava a intervenção financeira dos Estados Unidos, motivada por sentimentos nacionalistas e patrióticos que defendiam o capitalismo. Por outro lado, uma parcela da sociedade rejeitava essa visão e defendia um governo mais igualitário, também impulsionada por sentimentos nacionalistas, porém orientados por perspectivas distintas. Essa divergência política e a polarização resultante afetaram a credibilidade das instituições e do sistema político, favorecendo a desestabilização do cenário político e facilitando a ascensão de forças extremistas ou autoritárias, o que de fato ocorreu. Esta observação visa situar o personagem que estudo no contexto histórico daquele momento e comprovar através dos documentos da coleção o seu posicionamento político.

²² Boris Fausto nasceu em São Paulo, no dia 8 de dezembro de 1930. Formou-se Bacharel em Direito pela Universidade de São Paulo (USP) em 1953. No ano de 1966 graduou-se em História pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, obtendo seu título de doutor pelo Departamento de História em 1969, pela mesma instituição. Foi Professor Colaborador aposentado, em nível de Professor Titular, do Departamento de Ciência Política da Universidade de São Paulo, de 1988 a 1997, e colunista semanal do jornal "Folha de São Paulo" de 1998 a 2003. Atualmente é membro da Academia Brasileira de Ciências, eleito em 2001. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/entrevistados/boris-fausto> Acesso em: 17 novembro 2024.

3.1 Contexto histórico do recorte temporal (1957-1967)

Com o intuito de situar o leitor acerca do que acontecia no Brasil e no mundo durante o recorte temporal que selecionei e compreender melhor a posição de nosso personagem, neste tópico fiz um breve relato da situação nacional e internacional sob os pontos de vista econômico, social e político. Ratifico ainda que como o foco aqui é apenas esclarecermos o valor patrimonial da coleção MFG, considerando a relevância das influências que a sua atuação laboral proporcionava, não me aprofundarei nos itens que irei elencar. O período apontado passou por profundas transições políticas, no contexto global por exemplo, o mundo enfrentava a plena intensificação da Guerra Fria²³ com uma polarização protagonizada pelo capitalismo americano e o socialismo russo. Ainda em 1957, o lançamento do Sputnik²⁴, satélite enviado pela URSS, consagrou o início da era espacial que, por sua vez também representava um espaço de disputa pelo poder e pelos avanços tecnológicos. Posteriormente, em 1962, se desencadeou um confronto nuclear iminente entre EUA e URSS motivado por Cuba. Ainda nos EUA cresciam os movimentos pelos direitos civis e ganhava destaque como um dos líderes Martin Luther King Jr²⁵. Na África mais de três dezenas de países se tornaram independentes constituindo um processo significativo de descolonização. Na Ásia três países tiveram a mesma conquista. Tudo isto concomitantemente na área econômica o mundo assistia ao crescimento econômico do pós guerra nas potências ocidentais (EUA, Europa Ocidental e Japão) e a industrialização o que refletiu no âmbito social na necessidade de urbanização para acolhimento da mão de obra. Simultaneamente o modelo fordista²⁶ se consolidava

²³ Guerra Fria, a rivalidade aberta, mas restrita, que se desenvolveu após Segunda Guerra Mundial entre os Estados Unidos e a União Soviética e seus respectivos aliados. A Guerra Fria foi travada em frentes políticas, econômicas e de propaganda, com recurso limitado a armas. O termo foi usado pela primeira vez pelo escritor inglês George Orwell, em um artigo publicado em 1945, referiu-se ao que ele previu que seria um impasse nuclear entre “dois ou três superestados monstruosos, cada um possuindo uma arma pela qual milhões de pessoas podem ser exterminadas em poucos segundos”. Disponível em: <https://www.britannica.com/event/Cold-War> Acesso em: 20 agosto 2024.

²⁴ Em 4 de outubro de 1957, a União Soviética inaugurou a Era Espacial com o lançamento do Sputnik, o primeiro satélite artificial do mundo. Lançado como contribuição ao Ano Geofísico Internacional (AGI), o Sputnik pesava 84 quilos e orbitava a Terra a cada 90 minutos, enviando um sinal que operadores de rádio amador de todo o mundo podiam monitorar. O lançamento do Sputnik pegou os Estados Unidos de surpresa, dando início a uma corrida espacial entre os dois países, com cada superpotência buscando alcançar a supremacia na fronteira elevada. Os Estados Unidos enfrentaram o desafio lançando seus próprios satélites e criando a NASA para supervisionar seu programa espacial civil. A competição levou ao rápido desenvolvimento de capacidades espaciais por ambos os países, primeiro colocando animais e depois humanos no espaço e, 12 anos após o lançamento do Sputnik, pousando os primeiros homens na Lua. Disponível em: <https://www.nasa.gov/history/65-years-ago-sputnik-ushers-in-the-space-age/> Acesso em: 15 maio 2025.

²⁵ Martin Luther King Jr. foi um pastor batista norte-americano que ficou internacionalmente conhecido por ser uma das lideranças que lutaram contra a segregação racial. Ele ganhou projeção nacional ao ser um dos líderes do boicote à segregação racial nos ônibus de uma cidade do Alabama, na década de 1950. Disponível em: <https://www.nobelprize.org/prizes/peace/1964/king/biographical/> Acesso em 15 maio 2025.

²⁶ O fordismo é um modelo de produção industrial criado nos Estados Unidos pelo industrial Henry Ford. A linha de produção é um elemento característico desse sistema produtivo.

alavancando a produção em massa e a intervenção estatal. Surgem assim críticas ao desenvolvimento desigual entre os países, com um acesso desproporcional da educação e alfabetização entre países centrais e os periféricos.

No Brasil, este período foi um tempo decisivo impulsionado pelo desenvolvimento acelerado no governo de Juscelino Kubitschek, cujo slogan afirmava que a industrialização e a infraestrutura brasileira cresceriam “50 anos em 5”. No mandato de JK a nova capital federal foi feita e inaugurada e a coleção objeto de estudos dessa dissertação evidencia a presença de MFG acompanhando esse processo de perto, como podemos ver nas fotos dispostas a seguir (Figuras 4 e 5). Nesta primeira, é possível ver Manoel caminhando pelos canteiros de obra da nova capital, na segunda MFG aparece conversando com JK.

Figura 4: Esqueleto da catedral de Brasília



Fonte: Coleção MFG

Figura 5: MFG conversa com JK



Fonte: Coleção MFG

No entanto, uma das principais mudanças ocorridas nesse período foi o Golpe Militar em 31 de março de 1964, uma ruptura democrática que inaugura um regime autoritário e centralizador. Instaurado após uma forte instabilidade política vivida no governo Jânio Quadros²⁷, seguida de sua renúncia e do governo progressista de João Goulart²⁸.

Na economia o Brasil lidava com a expansão da indústria automobilística, energética e da construção civil. A entrada de capital estrangeiro era uma realidade e o endividamento externo era crescente e assim como o PIB – Produto Interno Bruto e consequentemente as desigualdades sociais. Vale ressaltar que o aumento exponencial da dívida externa se deu durante o regime militar.

²⁷ (1917-1992) Advogado, nascido em Campo Grande, estado do Mato Grosso do Sul, em 25 de janeiro de 1917. Transferiu-se com a família para São Paulo, onde iniciou sua carreira política. Foi vereador (1948-1950) pelo Partido Democrata Cristão (PDC), deputado estadual na mesma legenda (1951-1953), prefeito de São Paulo (1953-1954) pelo PDC e pelo Partido Socialista Brasileiro (PSB) e governador desse estado (1955-1959). Elegeram-se deputado federal pelo estado do Paraná na legenda do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), em 1958, mas não chegou a participar das sessões do Congresso. Foi eleito presidente da República, com o apoio da União Democrática Nacional (UDN), tendo como vice o candidato da oposição João Goulart. Disponível em: <https://presidentes.an.gov.br/index.php/arquivo-nacional/60-servicos/registro-de-autoridade/107-janio-quadros> Acesso em: 23 maio 2025.

²⁸ João Belchior Marques Goulart, conhecido também pelo apelido de Jango, foi presidente do Brasil entre os anos de 1961 e 1964, quando foi deposto pelo Golpe Militar de 1964. João Goulart nasceu na cidade gaúcha de São Borja, em 1º de março de 1919, e faleceu na cidade argentina de Mercedes, em 6 de dezembro de 1976. Disponível em: <https://memoriasdaditadura.org.br/personagens/joao-goulart/> Acesso em: 23 maio 2025.

Figura 6: MFG na Comemoração de aniversário da Rodasa



Fonte: Coleção MFG

Figura 7: Evento de lançamento na Volkswagen



Fonte: Coleção MFG

MFG estava presente e atuante como pode-se ver nas (Figuras 6 e 7) em acontecimentos como alargamento a indústria automobilística, contextualizados no recorte

temporal que escolhi e para tanto decidi explorar um pouco mais detalhadamente o acervo no tópico a seguir.

3.2 As relações e interesses econômicos e políticos de MFG

Com intuito de demonstrar melhor o nível de atuação laboral de MFG, optei por destacar alguns itens da coleção que, embora sejam de anos fora do recorte estabelecido, indicam a relevância das relações estabelecida nacional e internacionalmente por MFG. A título de demonstração segue descrição dada por um periódico norte-americano que transcreveu alguns destaques do discurso de MFG acompanhados da introdução abaixo (veja a tradução da íntegra do texto no Anexo I), a qual disponibilizo aqui a tradução e uma sequência de itens fotográficos do acervo que contemplam as informações laborais as quais o jornal *Bufalo Business*²⁹ faz referência.

De destacada importância e ampla atualidade foi o discurso, proferido em português durante o almoço transmitido por rádio bidirecional (entre as Câmaras de Comércio do Rio de Janeiro e Buffalo), no Hotel Statler, no dia 21 de maio, pelo Dr. Manoel Ferreira Guimarães, presidente da Associação Comercial do Rio de Janeiro. A relevância das citações da tradução para o inglês do discurso do Dr. Guimarães pode ser mais bem apreciada quando se considera o histórico empresarial desse ilustre brasileiro. O Dr. Guimarães é diretor e coproprietário da Companhia Minas da Passagem (mina de ouro em Ouro Preto, Minas Gerais); diretor e coproprietário de fábricas têxteis em Minas Gerais, no Estado do Rio e no Espírito Santo; diretor e coproprietário de um curtume em Minas; o maior cultivador de mandioca (fonte de fécula) em São Paulo; diretor e coproprietário de vários cinemas em São Paulo, Belo Horizonte e Juiz de Fora, em Minas Gerais; e diretor e coproprietário da “Sonalco” — Sociedade Nacional de Transporte e Comércio Ltda., do Rio de Janeiro (tradução nossa) (*Bufalo Business*, 1941, p.1).

Os próximos documentos que inseri consistem da capa da publicação de onde o trecho replicado, foi transcrito e a capa de uma revista da Associação Comercial do Rio de Janeiro (Figura 8), na qual MFG acompanhando o momento de assinatura de um documento.

No discurso publicado, MFG, empresário e industrial, fala sobre as relações comerciais entre os países, se posiciona em relação ao mercado financeiro e a oferta de crédito aos comerciantes. Enaltece o desenvolvimento do Brasil naquela década e cita dados sobre agricultura, extração de jazidas, criação de ferrovias e rotas aéreas, bem como a produção do aço, minério e álcool.

²⁹ Jornal local especializado em negócios.

Figura 8: Capa da publicação americana e da revista



Fonte: Coleção MFG

Pelo teor do discurso e por intermédio das referências dadas no início do texto sobre MFG, podemos ponderar que as relações interpessoais e os interesses do empresário fluuavam numa camada da sociedade que dispunha das ferramentas necessárias ao exercício de influência direta e indireta nas decisões que permeavam a economia e a política brasileira, entendendo que de fato os donos dos meios de produção eram quase sempre pessoas com bastante capacidade de difundir a adesão ao Golpe, por exemplo. Segundo René Armand Dreifuss, em sua obra 1964, *A conquista do Estado*, essa influência exercida era consciente, ordenada e favorável ao capitalismo, como transcrito abaixo:

O controle sobre as diretrizes econômicas das empresas era assegurado pela utilização de diretores e profissionais brasileiros que acumulavam funções estatais influentes e proporcionavam apoio político através dessas posições. Suas atividades, relacionadas ao macro-marketing, direcionavam-se de maneira a assegurar condições políticas favoráveis para a produção e eram determinadas pelas diretrizes econômico-políticas de alcance nacional das companhias multinacionais. **Esses profissionais e empresários acumulavam também cargos de diretoria em diferentes companhias multinacionais e associadas, o que os tornou capazes de exercer considerável pressão econômica nas administrações de Juscelino Kubitschek e Jânio Quadros.** Exemplos politicamente importantes dessa acumulação de cargos de diretoria por empresários locais eram os diretores multinacionais Antônio Gallotti, João Baptista Leopoldo Figueiredo e Paulo Reis Magalhães, que se tornariam

os articuladores políticos de sua classe contra o regime populista e as forças sociais populares, e cuja atuação será tratada oportunamente (verificar também o Apêndice B quanto a seus relacionamentos e suas ligações). Outros empresários influentes eram João Baptista Pereira Almeida Filho," João Pedro Gouveia Vieira," **Manoel Ferreira Guimarães**" « Jorge de Souza Rezende," diretores de várias companhias que, no princípio da década de sessenta, iriam dar apoio financeiro às operações políticas do bloco multinacional e associado, ou cujos co-diretores seriam líderes de tal ação política (sic) (DREIFUSS, 1981, p.72 – grifos nossos).

Portanto, para além da influência que poderiam exercer ante os seus subalternos, pela educação informal, convencimento e persuasão, agiam também no sentido de pressionar o Estado em favor de seus próprios interesses econômicos.

Figura 9: Evento no Jockey Club



Fonte: Coleção MFG

Figura 10: Jantar na residência de MFG



Fonte: Coleção MFG

A fim de ratificar o teor da citação anterior, destacamos fotos de MFG ao lado de políticos brasileiros como Ranieri Mazzilli³⁰, (Figura 9) presidente interino do Brasil por duas vezes e recebendo em sua residência Magalhães Pinto (Figura 10), um dos principais aliados de JK durante seu governo.

A qualificação e perícia dos profissionais (denominados técnicos ou tecnocratas após 1964) como economistas, engenheiros, administradores etc, não deveriam obscurecer o fato de que esses homens ocuparam cargos nas diretorias das grandes companhias. Esses agentes sociais serão doravante designados como tecno-empresários para enfatizar suas funções empresariais nos papéis “neutros” mas abrangentes que eles desempenhavam. **A presença desses tecno-empresários nos aparelhos políticos e burocráticos do Estado era bastante instrumental ao estabelecimento e desenvolvimento de um complexo financeiro industrial estatal integrado de produção e domínio.** Tal complexo fincou raízes em princípios de década de cinquenta e se expandiu enormemente durante a administração de Juscelino Kubitschek. Uma das funções iniciais dos tecno-empresários foi organizar e estruturar suas próprias corporações ((DREIFUSS, 1981, p.72 - grifos nossos).

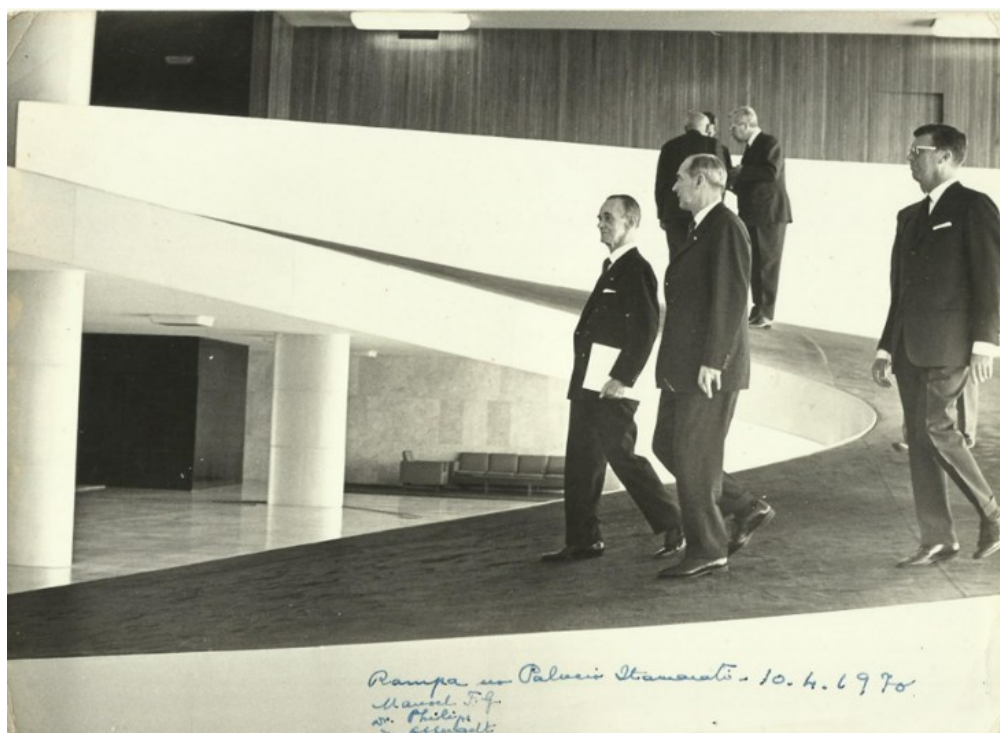
³⁰ Advogado, nascido na cidade de Caconde, estado de São Paulo, em 27 de abril de 1910. Na qualidade de presidente da Câmara dos Deputados, conforme previa a Constituição vigente, Ranieri Mazzilli assumiu a presidência da República em 25 de agosto de 1961, em virtude de renúncia de Jânio Quadros e da ausência do vice-presidente João Goulart, que se encontrava em missão na China. Nessa ocasião, os ministros militares do governo Jânio - general Odílio Denys, da Guerra; brigadeiro Grun Moss, da Aeronáutica; e almirante Sílvio Heck, da Marinha - formaram uma junta militar que tentou impedir, sem sucesso, a posse de João Goulart, abrindo-se uma grave crise político-militar no país. Disponível em: <https://www.gov.br/secretariageral/pt-br/centrais-de-conteudo/biblioteca-da-pr/galeria-dos-ex-presidentes/Mazzilli> Acesso em: 12 setembro 2024.

O trecho destacado em negrito, ao colocar os tecno-empresários numa posição instrumental, faz parecer que eram manipulados quando, na verdade, o papel que mantinham era uma relação orgânica e intrínseca com o governo, influenciando e pressionando o Estado em decisões que vinham a favorecer seus interesse comuns, reiterando o que já dissemos.

No entanto, eles se tornariam também a vanguarda da classe capitalista, sistematizando interesses particulares em termos gerais, isto é, tornando-os “nacionais”. Os tecno empresários formaram, com outros diretores e proprietários de interesses multinacionais & associados, um bloco econômico burguês modernizante-conservador, o qual se opôs à estrutura econômica oligárquico-industrial e ao regime político populista. **Esses tecno empresários tornar-se-iam figuras centrais da reação burguesa contra o renascimento das forças populares do início da década de sessenta**, assim como articuladores-chave de sua classe na luta pelo poder do Estado (DREIFUSS, 1981, p.72 – grifos nossos).

Desta maneira, presença deles no aparelhos políticos era algo recorrente e as articulações que mantinham entre si e com o Estado era implicitamente uma disputa de poder. Nas fotos a seguir, está o registro da presença e circulação MFG no Palácio do Itamarati acompanhado de Fritz Philips³¹, (Figura 11) ou ainda quando conversa com políticos no senado brasileiro (Figura 12).

Figura 11: MFG e Mr. Philips no Palácio do Itamarati



Fonte: Coleção MFG

³¹ Frederik Jacques "Fritzs/Fritz" Philips (16 de Abril de 1905 - 5 de Dezembro de 2005) foi o quarto presidente do conselho de administração da empresa holandesa de eletrônica Philips que o seu tio e o seu pai fundaram. Pelas suas ações de salvar 382 judeus durante a Ocupação Nazi da Holanda na II Guerra Mundial, foi reconhecido em 1996 por Yad Vashem como o Justo entre as nações. Disponível em: <https://www.foraneworld.org/pt-br/people/frederik-frits-philips> Acesso em: 12 setembro 2024.

Para Caio prado Jr. era notória a aproximação de alguns empresários progressistas com multinacionais. Postura que se comprova ao analisarmos como o processo de estreitamento de MFG com o capital estrangeiro se enquadra no descrito na citação abaixo. Vale ressaltar que um dos cargos que ocupava era o de Presidente da Phillips do Brasil, e na imagem anterior ele encontra-se justamente acompanhado do presidente da Phillips mundial, com sede em Eindhoven, Holanda.

Os defensores da teoria consagrada tiveram então que modificar seu esquema, e passaram a explicar a oposição da “burguesia nacional” ao imperialismo com o fato da concorrência que as empresas estrangeiras instaladas no Brasil vinham fazer às suas atividades. Essa retificação da teoria, contudo, não resolveu todas as dificuldades, porque em proporção crescente os **industriais brasileiros de certa expressão, os mais “progressistas” e próximos, por suas características, da imagem que se faz da “burguesia nacional”, começaram a se associar àquelas empresas**, e a se ligarem pelos mais diversos laços e relações de toda ordem com elas e com interesses econômicos e financeiros internacionais em geral. E assim, ao contrário de concorrentes e adversários, se tornaram em regra aliados, sócios, amigos (PRADO Jr, 2014, p.55 – grifos nossos).

Figura 12: MFG e Mr. Philips no Senado da República



Fonte: Coleção MFG

3.3 MFG e Assis Chateaubriand

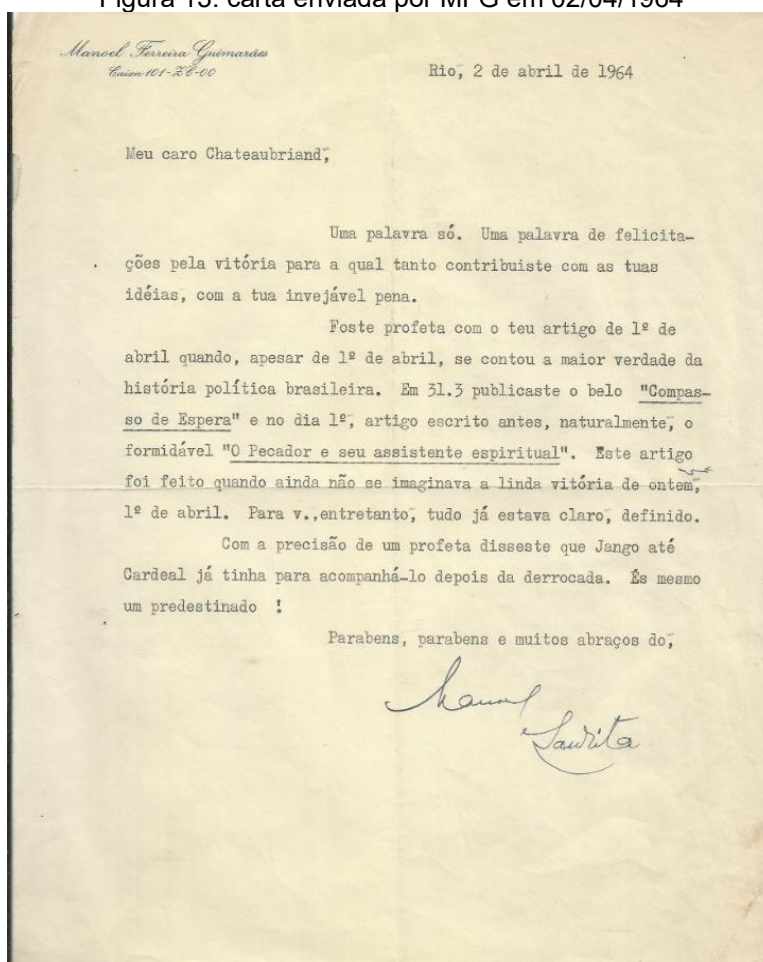
Ao me debruçar sobre o acervo, identifiquei na coleção um conjunto volumoso de correspondências direcionadas a Assis Chateaubriand, substancialmente maior do que a outros destinatários. Por esta razão, decidi dispor num subtópico alguns dos itens que

demonstram a troca de ideias e posicionamentos políticos de ambos personagens, (alinhados em favor do golpe), bem como a amizade e admiração que nutriam reciprocamente.

Com a radicalização que se acentuou ao longo do governo Goulart, Chateaubriand fez de sua residência, em São Paulo, a chamada “casa amarela”, um dos centros de conspiração contra o governo. **Ao mesmo tempo preparava a opinião pública, através de seus artigos diários e de toda a atuação dos Diários Associados, para a eclosão do movimento político-militar de 1964.** Após a vitória do movimento, em abril de 1964, Chateaubriand lançou em São Paulo, através dos Diários Associados, a Campanha do Ouro para o Bem do Brasil, convocando a população a doar suas jóias para auxiliar o pagamento da dívida externa do país (grifo nosso) (CPDOC FGV).

Observamos que o trecho destacado vai exatamente ratificar a percepção que obtive no movimento que os amigos faziam na troca de ideias e nos espelhamentos dos artigos nas cartas enviadas por MFG a Assis Chateaubriand. Tais discursos eram, portanto, conscientes e tinham sim o propósito de “preparar a opinião pública” para o desfecho do Golpe.

Figura 13: carta enviada por MFG em 02/04/1964



Fonte: Coleção MFG

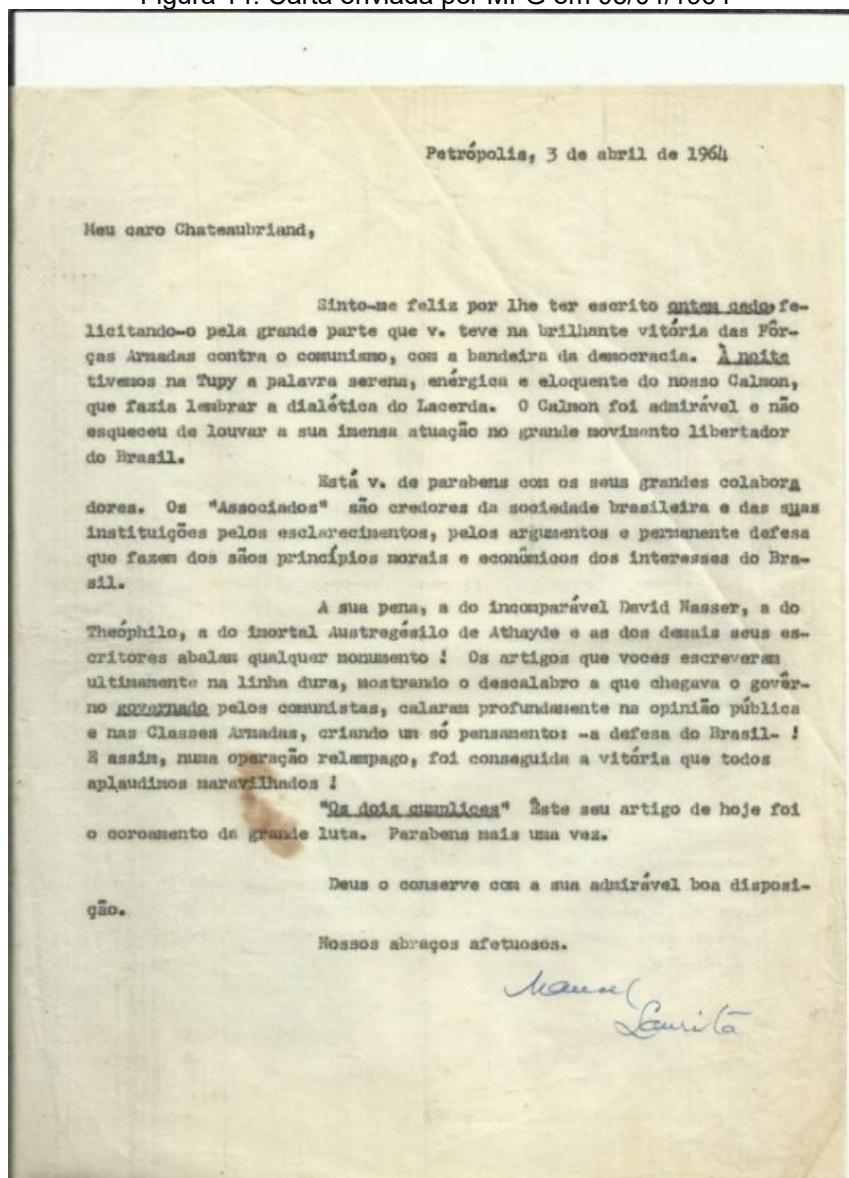
No documento anterior (Figura 13), fica claro que houve uma participação direta de Assis Chateaubriand no golpe militar de 1964, como a leitura de seus artigos o

comprovam. O conglomerado dos Diários Associados, pertencente ao destinatário da correspondência, tinha um alcance considerável, já que espalhava pelo país veículos de comunicação escrita, falada e televisionada. Esta realidade corroborou para a formação do senso comum público de que os militares estariam defendendo o país e lutando pela democracia. A forma como MFG se refere ao golpe como “grande vitória” demonstra o quanto os amigos comungavam dos mesmo ideais.

Acrescento que este tipo de análise de documentos privados é imprescindível ser feita, se quisermos pleitear e/ou promover o valor histórico-patrimonial dos acervos ou coleções que estão sob a guarda de famílias ou indivíduos. Semelhantemente, a análise torna-se relevante para fundamentar as recentes interpretações e redefinições nas motivações que alavancaram o Golpe de 1964, seja antecedendo-o ou sucedendo-o, como é o caso da correspondência em questão. Para tanto, faz-se necessário um escrutínio minucioso das entrelinhas do mesmo, e destacar os trechos mais representativos no que diz respeito ao planejamento e influências exercidas em favor do referido golpe, não apenas em sua consecução, como também na sua manutenção e legitimação.

Ao observar as correspondências selecionadas e submetidas à crítica (isto é, à análise e à interpretação) constatei a possibilidade de a coleção ser dotada de um potencial patrimonial que é meu intento demonstrar, para que, então, possa ser reconhecido por outras instâncias. Devo reiterar, todavia, que minhas considerações quanto à adesão tanto de Chateaubriand quanto de MFG ao ideário desse golpe de estado não advêm apenas do que pude deduzir dos trechos mencionados, uma vez que são sustentadas por outras evidências encontradas em muitos itens da coleção MFG, nos quais encontrei um sistemático diálogo entre esses dois importantes representantes do empresariado brasileiro, e nos quais, especialmente da parte de MFG, há como um espelhamento em relação a diversas manifestações públicas de Chateaubriand. Na correspondência selecionada (Figura 14), é possível notar que a admiração de Manoel por Chateaubriand estendia-se, igualmente, às contribuições que, de acordo com Manoel, Chateaubriand fazia ao patrimônio artístico brasileiro.

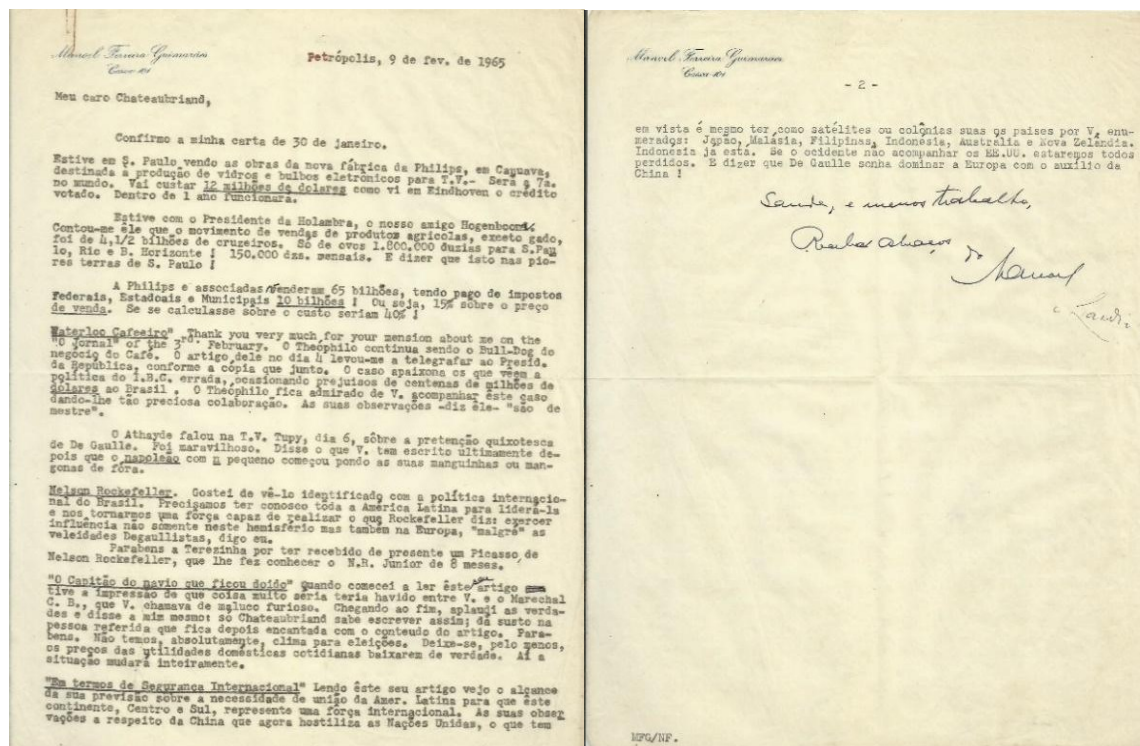
Figura 14: Carta enviada por MFG em 03/04/1964



Fonte: Coleção MFG

Em fevereiro de 1960 Chateaubriand foi acometido de uma dupla trombose que lhe provocou uma paralisia quase total. Apesar de preso a uma cadeira de rodas, continuou a escrever e, nas eleições desse ano, defendeu a candidatura do marechal Henrique Lott à presidência da República, lançada pelo PTB, em oposição a Jânio Quadros, apoiado pela UDN. Eleito Jânio em outubro de 1960, seu governo foi visto pelos Diários Associados como não merecedor de confiança e sua renúncia (25/8/1961) classificada de manobra para ser reconduzido ao cargo com poderes ditatoriais. A seguir, a posse do vice-presidente João Goulart que os ministros militares tentaram vetar, foi defendida pelos Diários Associados. Pouco tempo depois, entretanto, a aproximação de Goulart com a esquerda colocou Chateaubriand entre seus opositores (CPDOC/FGV).

Figura 15: Correspondência enviada por MFG em 09/02/1965



Fonte : Coleção MFG

Para além das contribuições no âmbito artístico, percebe-se pela troca de informações no documento antecedente, que as influências exercidas por esses dois personagens perpassavam várias áreas da economia e política nacional e internacional. Na qualidade de presidente da Phillips do Brasil, Manoel compartilhava informações sobre os investimentos, custo-benefício e remessas para o exterior³², de lucros da companhia, à matriz pela filial brasileira. Ao citar, no artigo Waterloo Cafeeiro (Anexo II), o colunista e historiador Theophilo Andrade³³, Manoel deixa transparecer que, no que tangia o problema do café, o colunista admirava a precisão de Assis Chateaubriand. Manoel segue expondo seus pensamentos, inclusive com temas internacionais, como é o caso da menção à França. Ao referir-se à pretensão de Charlie de Gaulle³⁴ como quixotesca³⁵, o empresário demonstra claramente a descrença na consumação das intenções de de Gaulle.

Destacamos, ainda, o trecho que MFG menciona Nelson Rockefeller³⁶ e manifesta seu contentamento com a identificação deste político norte-americano com o anseio de alguns brasileiros em ver a América Latina uníssona, acompanhando a América do Norte em seu também desejo de se estabelecer na Europa. A propósito, como o objetivo do estudo desta coleção particular é pleitear o reconhecimento de seu valor patrimonial, cabe frisar que também há correspondência enviada à Nelson Rockefeller, ainda que não caiba no escopo da minha pesquisa e da dissertação analisar a correspondência com o Nelson. Nos dois parágrafos seguintes, MFG faz sua crítica a artigos de Chatô, referentes ao governo do Marechal Castelo Branco³⁷ e à segurança internacional, como sendo mais uma

razão para a união das américas como um todo. A correspondência termina com um apelo feito manuscrito no documento datilografado pedindo “saúde e menos trabalho”, o que podemos inferir que seria uma recomendação em relação à fragilidade da saúde do amigo. Não é possível afirmar, mas talvez a saúde debilitada do amigo possa ser uma das razões pelas quais que comprovam a relação dos amigos por parte de Assis Chateaubriand, os documentos tenham sido majoritariamente telegramas. No entanto, a admiração mútua é notória, como disposto na seleção inserida na próxima página.

³² Instrução nº 113 da SUMOC – Superintendência da Moeda e do Crédito (antecessora do Banco Central do Brasil) - Data: 17 de janeiro de 1955 – Estabelecia condições para o registro de capital estrangeiro investido no Brasil com o propósito de permitir a remessa de lucros e a repatriação futura desses capitais.

³³ Falecido em 17 de novembro de 2015, o advogado exerceu mandato como Deputado Federal por São Paulo entre 1963 e 1967, eleito pelo Partido Democrata Cristão (PDC), tendo tomado posse em 2 de fevereiro de 1963. Durante sua atuação parlamentar, licenciou-se temporariamente para tratamento de saúde entre os dias 20 e 26 de abril de 1963. Destacou-se em diversas funções partidárias ao longo do mandato: foi Vice-Presidente e Líder do PDC em 1964, liderou o Bloco Parlamentar dos pequenos partidos — composto por PSP, PTN, PST, PR, MTR e PDC — e atuou como Vice-Líder do MDB em 1966, evidenciando forte presença na articulação política da época. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/deputados/131126/biografia> Acesso em 17 abril 2025.

³⁴ Nasceu em 1890, em Lille, França e morreu em 1970, em Colombey-les-deux-Églises, França. Militar, estadista e escritor francês. Tornou-se um dos principais líderes da resistência francesa contra a ocupação nazista durante a Segunda Guerra Mundial. Destacou-se como uma das grandes personalidades na Segunda Guerra Mundial. Após a libertação de Paris, em 1944, foi chefe do Governo Provisório, demitindo-se, em 1946, do cargo de Primeiro-Ministro da IV República. Em 21 de dezembro de 1958, foi eleito primeiro Presidente da V República, e assumiu o cargo em 1959, no qual permaneceu até 1969.

Figura 16: Carta de Chateaubriand-MFG

New York, 25/5/61
 Meu caro Manuel.

A sua segunda carta s' em por
 uma l'etra da amizade.

Naide' compor um esboço para que
 as outras precisões. Toda a sua
 correspondência está um sequeada, e
 tambem a imagem de Tolstoy e o
 perfil da esma de Juncapari, que
 era o sonho do filha Netto, para
 terminas a minha recepção.

Abraço Laurita que abraço em voces
 petanca que ela proemissas.

Abraço do amigo
 Chateaubriand.

Fonte: Coleção MFG

Figura 17: Bilhete de Chatô

Meu caro Manuel.

A Laurita e V. e
 o Totônio estão mergulhados
 de cabeça para baixo no
 coração da gente. Da' um
 trabalho dos mil diabos
 quando a gente quer
 conversar com V. porque
 do lado de fóra só existe
 as pernas e as botinas.
 Tudo mais está afogado
 lá dentro do coração.
 Manuel: V. é inesquecível
 e esquecido em todos
 os momentos nossos.
 Reciba com Laurita e os
 meninos abraços afetuosos
 do
 Chateaubriand
 New York, 10 MAIO 1961.

Fonte: Coleção MFG

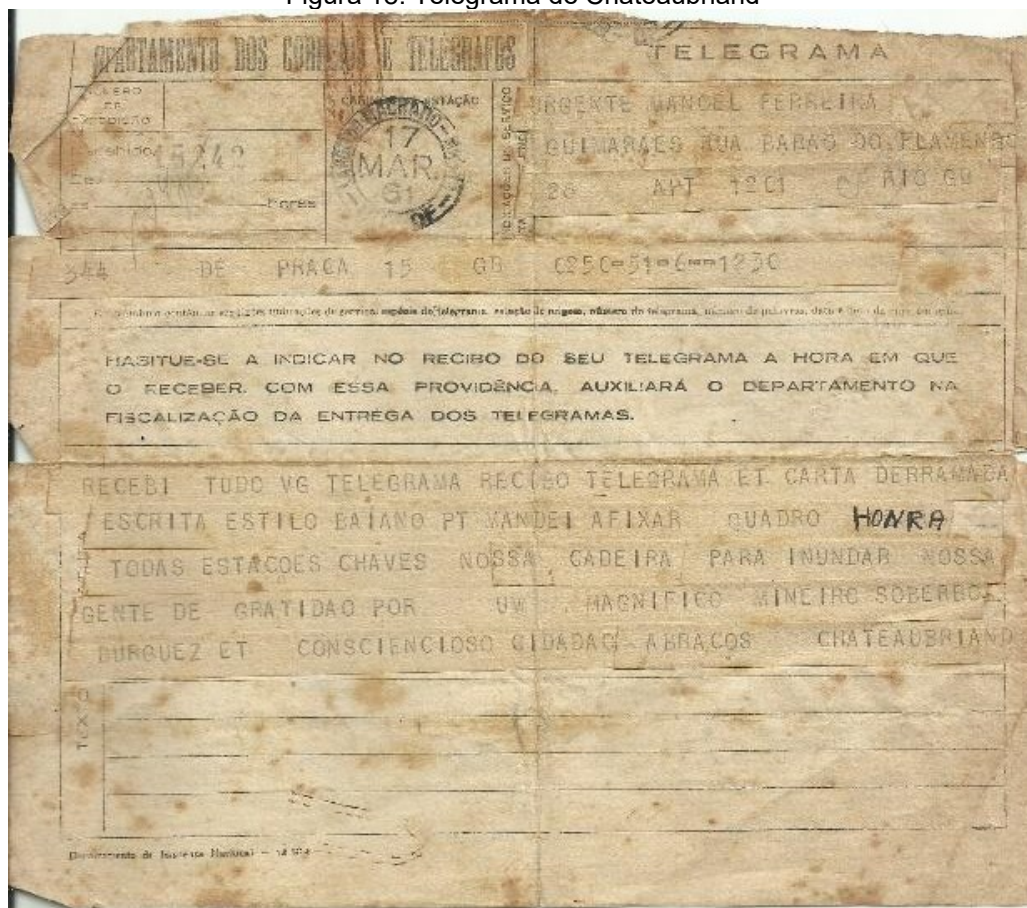
Aproveitamos o ensejo para destacar que, reiteradamente, Chateaubriand fazia referência à esposa de MFG, Laurita (alcunha carinhosa dada por Manoel. Para além disto, ela estava presente em diversos eventos sociais, como o demonstram diversas fotografias e, por essa razão, alguns documentos iconográficos contaram com sua imagem. Além disto, é notório que, nas correspondências pessoais, Manoel costumava despedir-se em nome dos dois. Todavia, ao analisar o acervo, identificamos que os textos escritos sobre MFG *in memoriam*, são fruto de uma tentativa de Laurita de formar uma polianteia³⁵ sobre/para seu falecido marido.

³⁵ Feminino de quixotesco. O mesmo que: tola, lunática, ousada, quixótica, sonhadora, utópica. relacionado com Dom Quixote; próprio do personagem criado pelo escritor espanhol Miguel de Cervantes; ingênuo, romântico, utópico e um pouco lunático. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/quixotesca/> Acesso em: 14 maio 2025.

³⁶ Nelson Rockefeller (nascido em 8 de julho de 1908, em Bar Harbor, Maine, EUA – falecido em 26 de janeiro de 1979, na cidade de Nova York) foi o 41º vice-presidente dos Estados Unidos (1974–1977), durante o governo republicano do presidente Gerald Ford. Foi também governador de Nova York por quatro mandatos (1959–1973), líder da ala liberal do Partido Republicano e membro da famosa família Rockefeller. Tentou, sem sucesso, obter a indicação presidencial de seu partido em três ocasiões. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Nelson-Rockefeller> Acesso em: 12 maio 2025.

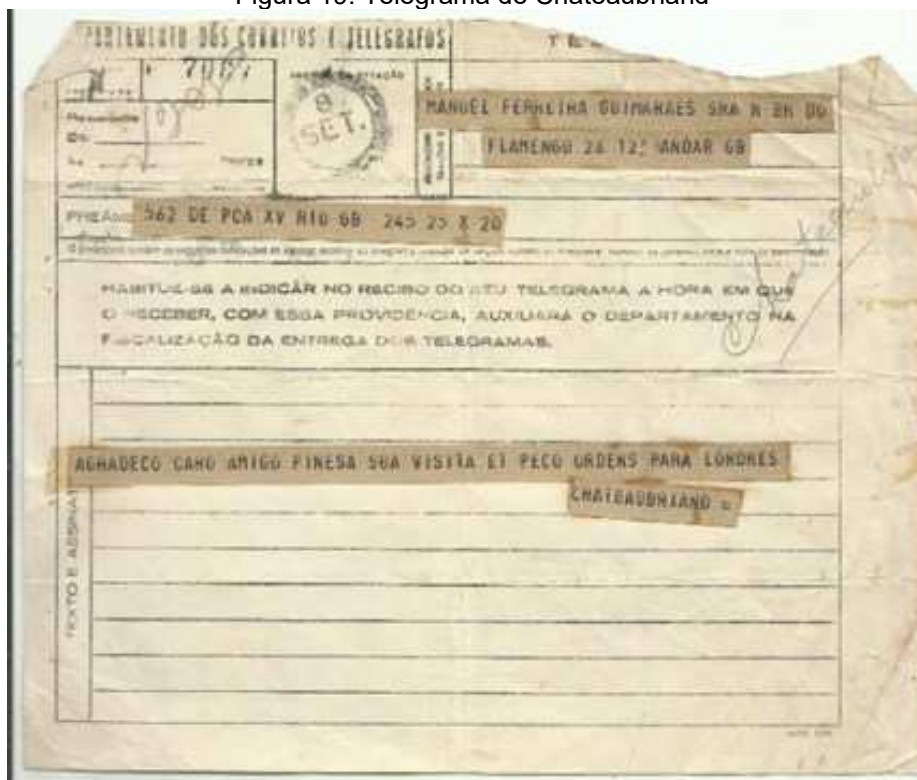
Sendo assim, devemos considerar a dimensão das esposas na preservação da memória-histórica de seus maridos com base em um conjunto, por vezes heteróclito, de documentos. Afinal o papel da mulher – que, na maioria das vezes, era o de ocupar a sombra de seu esposo, num país onde sequer havia ainda desquite e em que a mulher dependia da permissão do cônjuge até para trabalhar - o zelo em preservar o material existente e a ousadia de pedir que amigos escrevessem sobre MFG foi o que efetivamente permitiu que este material formasse o conjunto que compõe a coleção MFG.

Figura 18: Telegrama de Chateaubriand



Fonte: Coleção MFG

Figura 19: Telegrama de Chateaubriand



Fonte: Coleção MFG

Nestes telegramas anteriores (Figuras 18 e 19), aparentemente essa influência e persuasão, que desde o início do trabalho identificamos nos empresários e particularmente entre esses dois amigos, era consciente e ordenada. Ao analisar as correspondências recebidas por MFG, mais uma vez é possível demonstrar o potencial de alcance e poder dos interlocutores. Observe-se o trecho do telegrama escrito por Chatô que selecionei: uma vez que o embaixador era subordinado ao Estado, fica a pergunta, talvez mote para outro trabalho sobre o que exatamente Chateaubriand quis dizer a MFG com a expressão “peço ordens para Londres”. Este episódio me leva a questionar se MFG interferia nas ações de Chatô e, se sim, qual o grau de interferência que tinha alçada para realizar.

³⁷ O Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco nasceu em Fortaleza, Ceará, em 20 de setembro de 1897, e faleceu em 18 de julho de 1967, em um acidente aéreo. Ele foi um militar brasileiro de destaque, tendo estudado no Colégio Militar de Porto Alegre, na Escola Militar do Realengo e na Escola de Aviação Militar. Durante sua carreira, participou da Segunda Guerra Mundial, integrando a Força Expedicionária Brasileira na campanha da Itália. Castelo Branco ocupou posições importantes no Exército, como chefe do Estado-Maior do Exército e comandante do IV Exército. Foi um dos principais articuladores do golpe militar de 1964, que depôs o presidente João Goulart. Após o golpe, passou a exercer a presidência da República por meio de eleição indireta em 15 de abril de 1964. Ele faleceu em um acidente aéreo em 1967, deixando um legado importante na história militar e política do Brasil. Disponível em: <https://presidentes.an.gov.br/index.php/arquivo-nacional/60-servicos/registro-de-autoridade/91-castello-branco> Acesso em 20 maio 2025.

³⁸ Miscelânea ou antologia de obras de um homem ilustre, organizada em sua homenagem. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/polianteia/> Acesso em: 12 maio 2025.

Muito material já foi escrito, muitos filmes e documentários foram feitos sobre Assis Chateaubriand, por esse motivo, vou expor aqui alguns dos registros fotográficos que temos e que comprovam o laço de amizade e cumplicidade desses dois. Curioso observar que também nas correspondências encontrei trechos nos quais Manoel Ferreira Guimarães, além de fazer seu comentário sobre os artigos escritos pelo amigo, estimula a abordagem de temas, não somente para publicação como para serem sugeridos ao Estado. Fato é que muito há que ser explorado neste acervo. Alguns dos rostos que aparecem nas fotos são anônimos. Todavia, as pessoas que estão ao lado de MFG, nas festas, nas cerimônias mais formais, nas inaugurações, são, obviamente, personalidades da época, seja na política, na religião, na economia. No decorrer da pesquisa, e a título de curiosidade, pude identificar algumas delas, com ajuda de aplicativos que fazem a identificação facial de personalidades.

Figura 20: Fazenda dos Diários Associados



Fonte: Coleção MFG

Figura 21: Charge de Chatô exposta na Fazenda



Fonte: Coleção MFG

Abaixo, o registro da visita dos amigos a Chatô (Figura 22), após o Acidente Vascular Cerebral sofrido em 1960 e que o deixou paraplégico e impossibilitado de falar. Apesar disso, continuou, com a ajuda de colaboradores, a escrever seus artigos.

Figura 22: Mr. Phillips e MFG visitam e presenteiam Chateaubriand



Fonte: Coleção MFG

Em 1965, Chateaubriand foi acometido de um distúrbio das coronárias e seu estado de saúde agravou-se seriamente, vindo a falecer em São Paulo no dia 4 de abril de 1968.

3.4 Algumas apreciações de registros significativos para o país: fotografias e recortes de jornais como Patrimônio Histórico e Cultural

Mantendo-me no propósito de identificar, na coleção, documentos que possam demonstrar o valor como documento histórico e arquivístico, selecei alguns registros iconográficos e textuais que indicam algumas ocasiões. Como citado na introdução, além das atuações laborais, MFG desempenhava suas funções enquanto empresário, banqueiro, agricultor, minerador, também fazia parte de conselhos deliberativos e ocupava cargos em diretorias em variada gama de instituições. Ao digitalizar o acervo, me deparei com a fotografia abaixo que me intrigou porque não vislumbrei, a princípio, o possível vínculo das atividades de MFG com o Ministério da Saúde, principalmente para a produção de vacina. Sendo assim, decidi explorar melhor o acervo e anexei a este trabalho também a carta (Anexoque nos elucidou essa dúvida quanto à ligação dele com a Fundação Athaulpo de Paiva e a partir da qual transcrevemos alguns trechos após a referida fotografia:

Figura 23: Assinatura do convênio com Ministério da Saúde (vacina BCG)



Fonte: Coleção MFG

A sua atuação na Presidência é de todos conhecida e louvada, juntamente com o seu grande amigo, servidor extraordinário dessa casa Desembargador Ildefonso Mascarenhas, seu tesoureiro, procederam as transformações nos serviços dessa Instituição, realizando grandes obras nos diversos edifícios do Preventório D^a Amélia, modernizando-o e ampliando-o para poder dar abrigo até a 200 crianças, reconstruindo-se seus dormitórios, refeitório, edifício da Escola Primária, bem como transformando o Laboratório Viscondessa de Moraes, sito à Av. Pedro II,

nº 260, nesta cidade, no mais moderno, eficiente e científico do nosso país e certamente um dos melhores da América Latina, preparando-o para a fabricação da vacina B.C.G. intradérmica, oral e a liofilizada, chegando assim ao mais alto estágio de sua fabricação (Coleção MFG, Anexo III, p.1).

Segundo o texto (anexo III), Manoel participou ativamente das ações da Fundação Athaulpo de Paiva por trinta e cinco anos, dos quais os últimos quinze como presidente da instituição, tendo falecido nesta condição.

O próximo item selecionado da coleção retrata a assinatura de um convênio entre o Banco de Minas Gerais S.A.³⁹ e o Banco Nacional da Habitação (BNH) (Figura 24). Algo presumível visto que fora a família Guimarães que fundara o banco privado. No entanto, ao cruzar essa informação com jornal da época, encontramos notícia que dispusemos a seguir (Figura 25), indicando que era a primeira vez que um banco privado assinava um convênio com o BNH. Isto pode ser considerada uma evidência documental de que as relações entre o empresário e governo se mantinham estreitas durante a ditadura.

Figura 24: Assinatura convênio com o BNH



Fonte: Coleção MFG

Figura 25: Matéria do Correio da Manhã fazendo menção ao convênio



Fonte: Hemeroteca Digital

Nos permitimos trazer algumas fotografias das inaugurações de agências do BMG, datada de 1968, em Pernambuco (Figura 26) e Amazonas (Figura 27), o que demonstra que o banco tinha agências também em outras regiões da federação além da região sudeste.

³⁹ Fundado em 1930, quando a Família Guimarães entrou no mundo financeiro com a criação do Banco de Crédito Predial S.A. (mais tarde denominado Banco de Minas Gerais S.A.) para atuar como um banco comercial, oferecendo produtos para pessoas físicas e jurídicas. Disponível em: <https://bancobmg.mzweb.com.br/historico/> Acesso em 15 junho 2025

Figura 26: Inauguração BMG Recife-PE



Fonte: Coleção MFG

Figura 27: Inauguração BMG Manaus-AM



Fonte: Coleção MFG

Apesar de extrapolar o escopo dessa pesquisa, é importante ressaltar que não desconhecemos que cada uma das fotos aqui apresentadas possui múltiplas camadas de significados – os elementos de cada cenário, o enquadramento das fotos e até mesmo as expressões e flagrantes gestuais dos retratados - tudo isto corresponde ao testemunho visual dos fatos de modo que cada uma dessas camadas sîgnicas merecia ser examinada e interpretada. Da mesma forma, a imprensa escrita, através dos jornais e revistas, apresenta discursos, tensões políticas, valores e eventos relacionados aos recortes temporais aos quais pertencem. Em função dessas características intrínsecas, esse tipo de documento, na qualidade de fonte primária, é bastante reconhecido e valorizado, seja

pela História como também pela Antropologia visual, a qual recorrem pesquisadores e interessados na reconstituição histórica.

Considerando que as informações sobre a atuação de MFG, em nível nacional e internacional, corroboram para o reconhecimento do potencial histórico e patrimonial deste acervo, destacamos da coleção dois documentos iconográficos de momentos que tiveram, certamente, desdobramentos que promoveram mudanças significativas no sistema bancário nacional.

Figura 28: I Congresso Nacional de bancos



Fonte: Coleção MFG

No primeiro documento que destacamos (Figura 28), MFG participa do I Congresso Nacional de Bancos⁴⁰, ocasião em que decisões importantes foram tomadas no âmbito das instituições e da operacionalidade financeira. Os participantes eram líderes bancários, secretários estaduais da Fazenda, representantes do BMDE/SUMOC - Superintendência da Moeda e do Crédito, e influentes dirigentes do setor. Realizado de 6 a 12 de novembro de 1960 nas dependências do Copacabana Palace, no congresso, dentre os temas técnicos pertinentes ao nicho, discutiu a criação do Banco Central do Brasil, a proposta de nacionalização da compensação de cheques via SUMOC, a expansão do BNDE (futuro BNDES), com sugestão da criação de bancos públicos regionais em zonas

⁴⁰ O evento ocorreu entre 6 e 12 de novembro de 1960, no Hotel Copacabana Palace, no Rio de Janeiro, organizado pela Associação Bancária do Rio de Janeiro (ABEG) e pelo Sindicato dos Bancos do Estado da Guanabara (SBEG). Disponível em: <https://www.timetoast.com/timelines/historia-da-aberj> Acesso em: 15 maio 2025.

carentes, a modernização de serviços bancários como a emissão de cheque visado, notas

de maior valor e previdência bancária e, por fim, a educação bancária que antevia a qualificação continuada do bancário a fim de consolidar sua carreira. Iniciativa que se concretizou no ano seguinte com a Criação do Centro de Treinamento Bancário da ABERJ. Já a foto acima (Figura 28) retrata a presença de Manoel e esposa, de E.J. baron Lewe van Aduard⁴¹ e do presidente do Peru, Manuel Prado⁴² no consulado da Holanda.

Figura 29: Consulado da Holanda



Fonte: Coleção MFG

⁴¹ Representante da missão neerlandesa antes da embaixada, entre 1960 e 1965. Disponível em: <https://www.netherlandsworldwide.nl/contact/embassies-consulates-general/brazil/consulate-general-rio-de-janeiro> Acesso em 13 junho 2025.

⁴² Manuel Carlos Prado y Ugarteche foi presidente do Peru por duas vezes sendo o primeiro mandato entre 1939–1945 e o segundo de 1956 à 1962. Seu partido político era o Unión Nacional Odrísta (aliança com setores conservadores e liberais) e neste último mandato tentou estabilizar a economia e modernizar o país, enfrentando crescente agitação social e sindical. Ao fim do seu governo, uma crise eleitoral anulou as eleições por denúncias de fraude, seguida de um golpe militar. Disponível em: <https://www.unmsm.edu.pe> acesso em 13 junho 2025.

⁴³ Responsabilidades da Missão em 1961: fornecer assistência consular como emissão de vistos e apoio a cidadãos neerlandeses no Brasil; promover o estreitamento de laços bilateralmente nos âmbitos políticos, culturais e econômicos, realizar acordos técnicos e comerciais, viabilizando a assinatura de tratados e colaborando economicamente com a agricultura e o comércio. No segmento cultural, apoiar a comunidade neerlandesa local e promover intercâmbios culturais e educacionais. As tarefas são realizadas promovendo a posição holandesa em questões para as quais a organização internacional foi criada e promovendo a tomada de decisões pelas organizações internacionais, muitas vezes por meio de compromissos nos quais os interesses holandeses são atendidos da melhor forma possível. O trabalho ocorre principalmente em reuniões de consultas oficiais e grupos de trabalho e, dependendo do tipo de organização, em consultas regulares ou irregulares dos responsáveis políticos. Disponível em: <https://www.nationaalarchief.nl/onderzoeken/archief/> Acesso em: 13 junho 2025.

⁴⁴ Chefe da Representação Diplomática (equivalente a Cônsul-Geral ou Chefe de Missão).

⁴⁵ Em 1961, o Consulado-Geral dos Países Baixos no Rio de Janeiro já existia e desempenhava funções-chave na representação neerlandesa na então capital federal do Brasil (antes da transferência plena para Brasília). permanece até hoje, na Avenida Ataulfo de Paiva, 204, 6.º andar, Leblon. Disponível em: <https://servicosconsularesnobrasil.com/europa/holanda/> acesso em: 12 maio 2025.

E.J. baron Lewe van Aduard atuou como chefe da missão neerlandesa⁴³ no Rio de Janeiro entre 1955 e 1975. O título oficial de “chef de poste”⁴⁴ correspondia à função de

embaixador em praças que não eram ainda capitais diplomáticas. Ao contrário do que MFG indica em suas anotações na fotografia, o evento ocorreu no consulado da e não na embaixada. Por esta e outras fotos, além de cartas e reportagens, fica claro que MFG circulava entre empresários, chefes de estado e diversas autoridades, participando ativamente de diversos eventos, econômicos, políticos e/ou culturais ao longo de sua atuação empresarial e financeira.

3.5. A coleção MFG e seu destino: possibilidades de publicização do acervo

Os acervos particulares, como é o caso da coleção MFG, já têm ocupado algum espaço nas áreas da Museologia e do Patrimônio Cultural, principalmente quando contém informações sobre uma personalidade ou sobre a identidade social e evoluções históricas de um grupo ou território. Um exemplo disso são as casas-museu, residências transformadas em museu, geralmente preservada com seus móveis, objetos, arquitetura e contexto original, mantendo a memória de uma pessoa, família ou época. A conservação e preservação desse tipo de material desperta interesses dos campos supracitados como também da arquivologia, história cultural e outras ciências afins. Já as coleções particulares, especialmente aquelas compostas por recortes de jornais, as publicações variadas de caráter pessoal ou familiar, as fotografias, as correspondências no formato de documentos iconográficos e textuais possibilitam nesse processo a interpretação de várias camadas de informação, uma vez que são registros do cotidiano, de práticas sociais, de acontecimentos corporativos marcantes, e carregam consigo um grau de subjetividades que pode ser apreciado analiticamente. Por essa razão, têm sido reavaliadas à luz de teorias, método e técnicas quanto ao seu potencial patrimonial e histórico e como documentos de memória coletiva. Nesta perspectiva, procuraremos elencar aqui as diferentes possibilidades de tornar a coleção MFG pública. Se as instituições demonstrarem interesse, a princípio me ocorrem três delas: musealizá-la, patrimonializá-la ou doá-la. As duas primeiras implicam no processo de legitimação que somente instituições podem realizar. A última, depende de qualquer forma do acolhimento por parte de alguma instituição de memória, como por exemplo o CPDOC da FGV ou o Arquivo Público.

3.5.1. Musealização de acervos privados

O termo musealização está diretamente ligado a atribuição de um valor simbólico a um determinado objeto. Em museologia pode corresponder a um processo que faz com que a função original do objeto seja perdida e passe a ser interpretada como testemunho de uma cultura, acontecimento, tempo ou memória. De acordo com Bruno (1993, p.59), “a musealização é um ato de reconhecimento de um objeto enquanto testemunho com valor para a sociedade”, ou seja, na medida em que o objeto tenha potencial de ser uma

museália, passa a servir como documento testemunhal de algo. Para exemplificar, usarei um quadro adquirido para decorar um ambiente. Se o artista por alguma razão for reconhecido socialmente, esse quadro pode passar a ter um valor diferente do inicial ao ser inserido numa exposição. Para Almeida (2007) o processo não consiste na mera introdução dos objetos para um museu, mas sim o que ocorre é uma ressemantização do bem, que compõe a partir daí uma narrativa curatorial que pode ser institucional ou comunitária. Desta maneira, uma coleção particular pode ser exposta em diferentes tipos de museus, como os museus tradicionais, os museus-casa, os comunitários. Em quaisquer dos casos, os critérios que determinarão se os itens de uma coleção devem ou não ser musealizados, será a relevância patrimonial, histórica, afetiva ou educativa que forem identificados no ato da seleção.

Seguindo a tríade proposta na introdução deste trabalho, lembrando: coleção – patrimônio – ditadura - destaco que esta última serviu apenas como mote para que demonstrasse a potencialidade histórico-arquivística da coleção MFG.

3.5.2. **Patrimonialização e reconhecimento cultural**

Patrimonializar um bem consiste no reconhecimento do valor cultural de um grupo, comunidade ou nação por intermédio de instituições habilitadas para tal.

Uma outra forma de reconhecimento do valor patrimonial de acervos privados, pode ser o abrigo dessas coleções por programas de salvaguarda de memórias sociais, pela inscrição em inventários de bens culturais ou, ainda ser incorporado por Pontos de Memória que consistem em ações de preservação, valorização e difusão da memória social e cultural de comunidades, especialmente aquelas que historicamente foram marginalizadas ou invisibilizadas. Pode se considerar os Pontos de Memória como iniciativas de museologia social que buscam fortalecer sua identidade através da valorização do seu patrimônio cultural. Esses pontos podem ser museus comunitários, centros culturais, grupos tradicionais, associações ou coletivos que, por meio de ações diversas, buscam fortalecer identidades, reconhecer trajetórias e dar visibilidade a narrativas locais.. Segundo Chagas, “a patrimonialização é menos um processo técnico do que uma dinâmica simbólica de reconhecimento e negociação social” (CHAGAS, 2003, p. 47). Ou seja, qualquer que seja o bem, a patrimonialização é uma construção social e simbólica o que faz com que esteja suscetível a negociações e disputas.

No Brasil, o IPHAN é o órgão que estabelece a política pública para a patrimonialização de bens. O PNC – Plano Nacional de Cultura se encarrega de disseminar a política pública pelos estados por intermédio do SNPC – Sistema Nacional de Patrimônio Cultural e dos instrumentos legais como a portaria Portaria Nº 375, de 19 de setembro de 2018, que institui a Política de Patrimônio Cultural Material do Iphan e dá outras providências.

Considerando a natureza de uma coleção particular, destacamos o terceiro princípio da portaria supracitada podem atender as necessidades de reconhecimento de uma acervos como este:

Art. 2º As ações e atividades voltadas para o alcance dos objetivos da PPCM devem ocorrer de forma intersetorial, integrada, coordenada, sistemática e observar os seguintes princípios: I. Princípio da Humanização. A preservação do patrimônio cultural material deve considerar sua contribuição para garantir a cidadania e a dignidade da pessoa humana; II. Princípio da Indissociabilidade. Não deve haver separação entre os bens culturais materiais patrimonializados e as comunidades que os tem como referência; III. **Princípio da Resignificação. Constantemente novos significados são atribuídos ao patrimônio cultural material que, em consequência, deve ser entendido para além de um registro do passado** (BRASIL, 2018, grifos nossos).

Um outro possível caminho o reconhecimento do valor patrimonial da coleção MFG seria requerer ao CONARQ – Conselho Nacional de Arquivos⁴⁷, uma Declaração de Interesse Público e Social. Este conselho concede com a anuência do Ministério da Gestão e da Inovação em Serviços Públicos a arquivos privados, pessoais ou institucionais que “em razão do conteúdo de seus documentos, registram marcos ou dimensões significativas da história social, econômica, técnica ou cultural do país, podem ser assim reconhecidos por meio de ato declaratório” (BRASIL. Lei nº 8.159, 1991 art.12). A solicitação dessa declaração pode ser requerida por qualquer pessoa física ou jurídica, ou órgão, ou entidade da administração pública dos municípios, Estados, Distrito Federal ou União. De modo que seria possível fazer este tipo de requerimento para a coleção MFG. Certamente, uma declaração deste teor, se concedida poderá valorar a coleção enquanto patrimônio cultural.

3.5.3. Doação para instituições de memória

A terceira possibilidade elencada para destino da Coleção Manoel Ferreira Guimarães consiste na doação do acervo a instituições públicas ou privadas especializadas em preservação e acesso democrático aos documentos que compõe o conjunto da coleção MFG. Dentre elas, destacamos as bibliotecas nacionais, os centros de documentação, os arquivos públicos e os museus universitários. Todos esses espaços, uma vez que a coleção atenda aos critérios técnicos estabelecidos por cada um deles, são capazes de acolher esse material. Segundo Borges e Silva (2011), a incorporação de acervos privados por instituições públicas exige cuidados no tratamento documental e no respeito às normas

⁴⁷ O Conselho Nacional de Arquivos - CONARQ é um órgão colegiado instituído no âmbito do Arquivo Nacional, do Ministério da Gestão e da Inovação em Serviços Públicos. Foi criado pelo art. 26 da Lei nº 8.159, de 8 de janeiro de 1991, e tem por finalidade definir a política nacional de arquivos públicos e privados, como órgão central de um Sistema Nacional de Arquivos (SINAR). Disponível em: <https://www.gov.br/conarq/pt-br/aceso-a-informacao/institucional/o-conselho>. Acesso em 20 mar 2024

de acesso e guarda. “A incorporação de acervos privados por instituições públicas requer critérios claros de avaliação, bem como garantias de preservação e acesso contínuo” (BORGES E SILVA, 2011, p. 123). Outra alternativa seria a doação desse tipo de acervo à

Centros de documentação desde que se comprometa com sua preservação e democratize o acesso. A fim de exemplificar como se dá este processo, trouxe dois exemplos (Figuras 31 e 32) que encontrei, no arquivo de Gustavo Capanema⁴⁸, no CPDOC da FGV, de documentos que tinham relação com MFG.

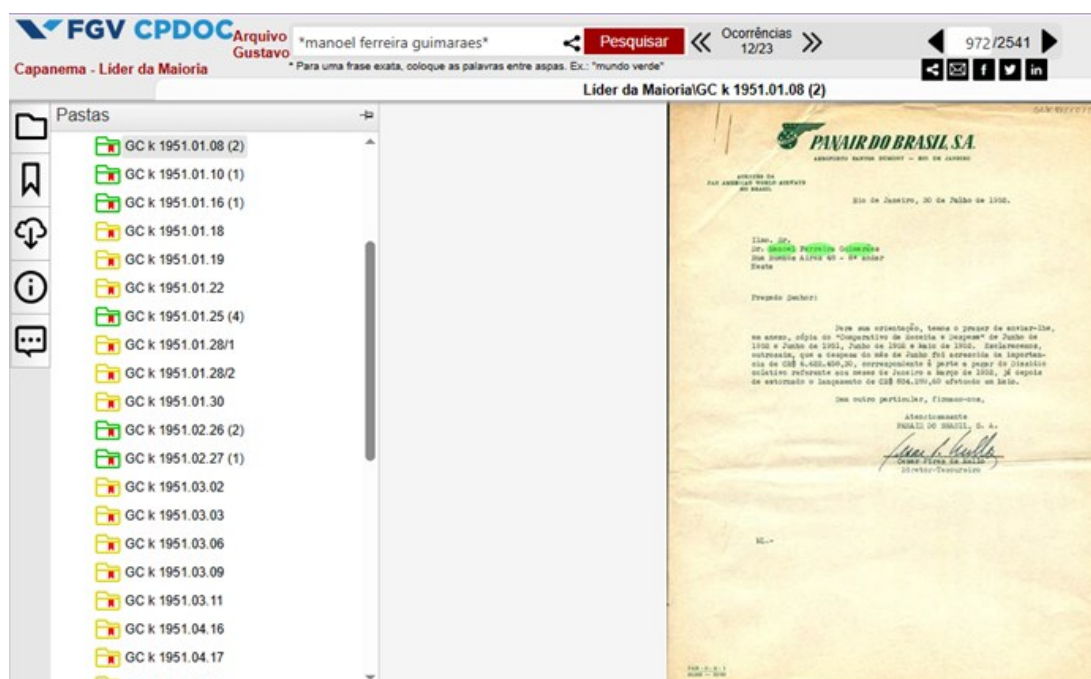
Figura 30: Recibo de transferência monetária entre MFG e Gustavo Capanema

The image shows a screenshot of a digital archive interface. On the left, there is a sidebar with a folder tree under 'Pastas' containing 'Documentos Pessoais' and a list of folders named 'GC a [date]' ranging from 1914 to 1965. The main area displays a document from 'BANCO DE MINAS GERAIS S. A.' dated '4 de outubro de 1945'. The document is a receipt for a monetary transfer of 150,000 cruzeiros from the account of Sr. Manoel Ferreira Guimarães to the account of Sr. Gustavo Capanema. The document includes a table with columns 'HISTÓRICO' and 'IMPORTÂNCIAS'. The 'HISTÓRICO' column contains the text: 'Importância transferida da conta do Sr. Manoel Ferreira Guimarães, para crédito de V.Sa., nesta, conf. ins. truções em carta de hoje. -Cento e cinquenta mil cruzeiros-'. The 'IMPORTÂNCIAS' column shows '150,000,00'. The document is signed by 'Saudações' and 'BANCO DE MINAS GERAIS S. A.'.

Fonte: Arquivo Gustavo Capanema – CPDOCFGV

⁴⁸ Gustavo Capanema nasceu em 18 de janeiro de 1897, em Rio de Janeiro, e faleceu em 21 de março de 1985, na mesma cidade. Ele foi uma importante figura política e intelectual brasileira, conhecido por seu papel como ministro da Educação e Saúde durante o governo de Getúlio Vargas. Capanema teve uma atuação marcante na modernização e fortalecimento do sistema educacional no Brasil, promovendo a construção de escolas e instituições culturais. Sua contribuição deixou um legado significativo para o desenvolvimento da educação no país. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/CAPANEMA,%20Gustavo.pdf> Acesso em: 20 maio 2025.

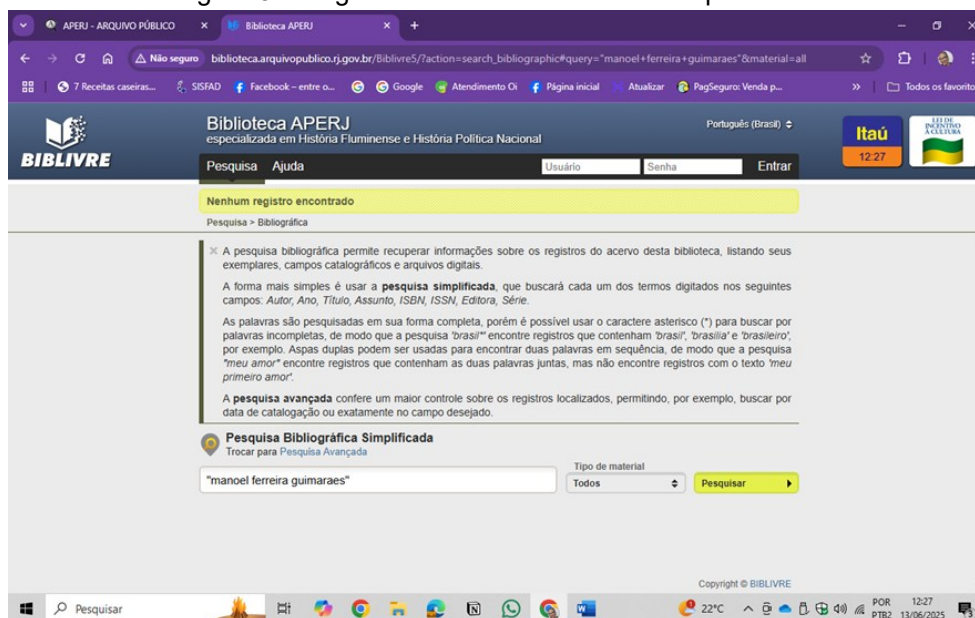
Figura 31: Correspondência dirigida à MFG



Fonte: Arquivo Gustavo Capanema – CPDOCV/FGV

Nos arquivos do CPDOCV/FGV, encontramos outras ocorrências de Manoel Ferreira Guimarães, sempre figurando nos acervos de seus contemporâneos. Não havendo nenhum acervo especificamente dele, já disponível para consulta.

Figura 32: Página de busca no acervo do Arquivo Público



Fonte: site Biblioteca da APERJ

Por último, trazemos aqui o print da busca feita no site do Arquivo Público (Figura 33), também em nome de Manoel Ferreira Guimarães sem resultados encontrados. Me causou relativa surpresa, ver tão pouca coisa preservada em nome de Manoel Ferreira

Guimarães, o que me estimula a seguir pesquisando e identificando as possíveis razões para esta ausência. Concomitantemente observo que por meio da doação desta coleção poderei contribuir para que Manoel Ferreira Guimarães figure nessas instituições que acolhem documentos de relevantes para o país.

Em suma, a transição de uma coleção familiar de patrimônio privado à condição de patrimônio público simbolicamente implica na responsabilidade com a memória coletiva. Acredito que a doação de coleções como esta contribuem para o enriquecimento da memória coletiva.

As opções descritas devem considerar sempre o valor cultural do acervo, seu poder de narrativa, e é claro as condições de preservação e acesso. Afinal este qualquer que seja o processo escolhido envolverá afetos, disputas políticas sobre memória, além de ampliar o espectro de histórias pessoais em espaços públicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Coleção MFG, composta por documentos iconográficos e textuais, proporcionou não apenas um exercício de análise documental, mas uma experiência de aproximação com fragmentos de história por meio de vestígios materiais. Ao recuperar e digitalizar o acervo que pertenceu à minha tia — viúva de MFG —, busquei reunir e conservar rastros que, embora não tenham sido tratados institucionalmente desde sua origem, carregam densidade informacional, potência evocativa e relevância cultural. Esse gesto, em si, desloca a atuação do pesquisador para uma posição híbrida: não apenas aquele que interpreta o documento, mas também aquele que participa ativamente da sua permanência no mundo, assumindo um papel de agente de memória.

Nesse sentido, digitalizar não significou somente reproduzir ou converter suportes analógicos em arquivos digitais. Tratou-se de um processo de seleção, organização e atribuição de sentido, em que a materialidade do acervo — suas marcas de uso, o encadeamento entre documentos, a coexistência entre o íntimo e o público — se tornou parte inseparável de seu valor. O trabalho com a coleção mostrou, de forma concreta, que o documento não é apenas “conteúdo”; ele é também forma, contexto de produção, trajetória de guarda, modos de circulação e de silenciamento. Assim, a dissertação e o processo de digitalização funcionam como uma tentativa de conferir à coleção um destino que permita sua preservação adequada e, se possível, sua disponibilização à consulta pública, compreendendo que o acesso pode ser também uma dimensão de salvaguarda.

A intenção de doar a coleção surge, portanto, como consequência ética e metodológica. Ao mesmo tempo em que a pesquisa reconhece o caráter singular desse conjunto documental, assume que sua permanência não pode depender exclusivamente de esforços individuais. A doação a uma instituição com condições técnicas de preservação, descrição e acesso aparece como possibilidade de inserir o acervo em uma cadeia de cuidado mais duradoura, ainda que isso implique negociações complexas entre vontade familiar, regras institucionais, políticas públicas e enquadramentos legais. Esse movimento dialoga com discussões sobre arquivos privados e seus processos de incorporação institucional, assim como sobre os critérios pelos quais determinados acervos passam a ser reconhecidos como de interesse público e social. Ao deslocar um arquivo familiar para uma esfera potencialmente pública, evidencia-se também o quanto a memória coletiva pode depender de gestos individuais, e como esses gestos podem (ou não) encontrar respaldo em dispositivos institucionais.

Do ponto de vista dos objetivos desta dissertação, a pesquisa buscou destacar itens que agregam valor patrimonial aos documentos da Coleção MFG e evidenciar seu caráter único, consorciado à sua historicidade e à sua potência de evocação de memórias individuais e coletivas. A singularidade do acervo não reside apenas na raridade de alguns

itens, mas no conjunto de relações que ele revela: redes de sociabilidade, formas de comunicação política e cultural, vestígios de posicionamentos ideológicos e o modo como certas narrativas se constroem e circulam ao longo do tempo. Coleções, nesse sentido, operam como sistemas simbólicos e como mediadoras entre sujeitos, objetos e valores. Ao organizar e interpretar a coleção, tornou-se possível compreender que o valor patrimonial não é inerente ao documento de maneira natural; ele é construído socialmente por disputas de significado, processos de legitimação e políticas de memória.

Um dos efeitos mais marcantes da pesquisa foi perceber o quanto certos discursos atravessam décadas e reaparecem, com novas roupagens, em momentos distintos da história. Em diversos momentos, a leitura do acervo conduziu a recordar e reconsiderar a forma como se estruturou a campanha que elegeu o ex-presidente Jair Bolsonaro. Reiteradas vezes, foi possível identificar discursos e ideologias que pareciam extraídos de um passado anterior ao golpe de 1964, revelando permanências e reciclagens argumentativas que, quando não reconhecidas, se tornam ainda mais eficazes. Essa constatação leva a uma questão decisiva: não seria justamente a preservação e a disponibilização de documentos que registram esses discursos uma forma de ampliar a capacidade pública de reconhecê-los, debatê-los e desnaturalizá-los? Se um golpe não se inaugura apenas no instante em que se consuma, mas é preparado socialmente por meio de argumentos, medos e mitos, então preservar as etapas discursivas que antecedem rupturas institucionais pode ser uma contribuição concreta para a memória democrática.

As leituras sobre outras ditaduras latino-americanas reforçaram essa perspectiva: a construção de um golpe militar pode remontar muitos anos, e não apenas aos eventos imediatamente anteriores ao fato, como já ocorreu no Brasil. Nesse quadro, a coleção ajuda a pensar o papel do documento como testemunho e como prova de ação — não apenas por registrar o que aconteceu, mas por tornar visível como certas visões de mundo são disseminadas, normalizadas e convertidas em “senso comum”. A documentação, então, não é neutra: ela participa de uma disputa pelo presente, porque seu acesso (ou sua ausência) interfere no modo como sociedades explicam o próprio passado e, conseqüentemente, definem horizontes futuros.

Durante a pesquisa, também foi possível identificar que muitos museus e iniciativas de memória que trabalham com essa temática tendem a narrar sobretudo o “pós-golpe”: enfatizam violações de direitos humanos, torturas, censura e outras práticas autoritárias. Ainda que tais abordagens sejam indispensáveis, a própria história recente do Brasil evidencia um risco: quando a memória pública se concentra apenas nos efeitos mais violentos do autoritarismo, pode deixar relativamente opacos os mecanismos sociais e discursivos que o tornam possível. O 8 de janeiro de 2023 é um marco que explicita como discursos falaciosos, fake news e desinformação, associados a um déficit de memória

histórica, podem gerar efeitos políticos concretos. O entrelaçamento de comportamentos e ações similares às encontradas no acervo mostra que a consumação de um golpe não ocorre sem a disseminação sistemática de argumentos que reforçam ideologias políticas e produzem adesão afetiva. A lamentável baixa evidência desse processo para parte significativa da sociedade brasileira reforça o quanto a democratização do acesso a acervos pode funcionar como ferramenta de educação histórica e política, para além do espaço formal da escola.

Nessa direção, a coleção pode ser compreendida também como um lugar de memória em sentido amplo: não porque cristalize uma narrativa única, mas porque reúne materiais capazes de sustentar múltiplas interpretações, disputas e atualizações. Ao ser acionada academicamente, a Coleção MFG permite observar como memórias individuais se conectam com processos sociais e como objetos e documentos atravessam diferentes regimes de valor: do privado ao público, do familiar ao institucional, do íntimo ao político. Os documentos, nesse sentido, são mediadores: carregam informações, mas também afetam, convocam lembranças, produzem identificações e repulsas. Essa dimensão afetiva não diminui o rigor do trabalho; ao contrário, exige que a pesquisa reconheça que acervos pessoais mobilizam camadas de memória e pertencimento que desafiam as fronteiras tradicionais entre sujeito e objeto.

A pesquisa também evidenciou a importância de refletir sobre o papel dos acervos particulares na constituição do patrimônio cultural. Se, por um lado, instituições públicas e museus historicamente definiram o que seria digno de preservação, por outro, a emergência de debates sobre museologia social, pontos de memória e democratização cultural reforça que grupos, famílias e indivíduos podem atuar como guardiões de memórias que o Estado não recolhe, não prioriza ou sequer reconhece. Nesse contexto, fortalecer o sentimento de contribuição com o patrimônio cultural por parte de famílias que consentem o acesso a seus acervos implica também discutir confiança, retorno social, reconhecimento e responsabilidades. Não se trata apenas de “entregar” documentos ao poder público, mas de construir formas justas e transparentes de parceria, onde preservação e acesso não sejam experiências de expropriação simbólica, mas de partilha.

Assim, ao formar esta coleção e conduzir esta dissertação, senti-me no compromisso de despertar o leitor para a importância da preservação e desse material. Almejou-se, portanto, que a Coleção MFG fosse compreendida não apenas como um conjunto documental passível de organização técnica, mas como um patrimônio cultural em potencial, cuja valoração ultrapassa critérios estritamente materiais ou administrativos. A partir do campo da Museologia e Patrimônio, entende-se que o valor patrimonial não é um atributo fixo ou intrínseco aos objetos, mas um constructo social, produzido historicamente por meio de processos de atribuição de sentido, reconhecimento e

legitimação. Nesse aspecto, a coleção evidencia como documentos privados podem adquirir densidade patrimonial quando inseridos em contextos interpretativos que revelam sua capacidade de representar práticas, discursos e relações sociais relevantes para a compreensão da história coletiva.

A análise empreendida ao longo da dissertação permitiu identificar diferentes dimensões de valor associadas à Coleção MFG, entre elas o valor histórico, documental, simbólico e social. O valor histórico manifesta-se na possibilidade de o acervo contribuir para o entendimento de processos políticos, econômicos e culturais do Brasil, especialmente no que diz respeito às articulações empresariais, midiáticas e ideológicas que antecederam e sustentaram rupturas democráticas. Já o valor documental reside na materialidade dos registros, em sua autenticidade, em sua condição de prova de ação e em sua capacidade de testemunhar práticas e discursos que nem sempre figuram nos acervos institucionais tradicionais.

No campo simbólico, a coleção revela-se particularmente potente ao articular memória individual e memória coletiva. As correspondências, imagens e registros não apenas informam, mas evocam, permitindo que o pesquisador e o público entrem em contato com modos de pensar, valores e estratégias que atravessam gerações. Tal potência simbólica reforça a noção de que o patrimônio não se limita à celebração do passado, mas se constitui como um campo de disputas no presente, no qual determinados objetos e narrativas são mobilizados para afirmar identidades, justificar posições políticas ou silenciar experiências.

Sob a perspectiva da museologia social, a Coleção MFG também evidencia o papel ativo dos sujeitos na construção do patrimônio. Ao contrário de uma visão centralizadora, em que apenas o Estado ou grandes instituições definem o que deve ser preservado, esta pesquisa reforça a ideia de que acervos familiares e privados podem desempenhar função estratégica na ampliação do repertório patrimonial. O gesto de preservar, organizar e disponibilizar um acervo dessa natureza configura-se como uma prática de cidadania cultural, na medida em que contribui para a democratização do acesso à memória e para o fortalecimento de uma consciência histórica crítica.

A discussão sobre patrimonialização, nesse contexto, mostrou-se fundamental. Patrimonializar não significa apenas tomar ou institucionalizar, mas reconhecer valores, estabelecer critérios e criar condições para a permanência e a circulação social dos bens culturais. A Coleção MFG, ao ser analisada sob esse prisma, revela-se um exemplo eloquente de como arquivos privados podem transitar entre diferentes regimes de valor: do afeto familiar à relevância pública, do uso restrito ao potencial educativo e científico. Esse trânsito, contudo, não ocorre sem tensões, exigindo reflexão sobre ética, responsabilidade institucional e os limites da intervenção museológica sobre acervos de origem privada.

Outro aspecto relevante diz respeito à relação entre memória, esquecimento e poder. A pesquisa evidenciou que a ausência de determinados documentos no espaço público não é neutra, mas frequentemente resultado de escolhas políticas e institucionais. Ao iluminar discursos e práticas que antecederam o golpe de 1964 e ao estabelecer paralelos com fenômenos contemporâneos, a Coleção MFG contribui para ampliar o debate sobre os mecanismos que sustentam processos autoritários. Nesse sentido, seu valor patrimonial reside também em sua capacidade de tensionar narrativas consolidadas e de oferecer subsídios para leituras críticas da história recente.

A dissertação, contudo, não pretende esgotar as possibilidades analíticas da coleção. Pelo contrário, reconhece seus próprios limites temporais e metodológicos. O recorte realizado privilegiou determinados conjuntos documentais e relações específicas, como as correspondências entre Manoel Ferreira Guimarães e Assis Chateaubriand, mas muitos outros itens permanecem passíveis de investigação. Há potencial para estudos futuros que aprofundem análises iconográficas, redes de sociabilidade, circulação internacional de ideias, bem como abordagens comparativas com outros acervos privados do mesmo período.

Por fim, espera-se que esta pesquisa contribua para o campo da Museologia e Patrimônio ao reafirmar a centralidade do valor patrimonial como categoria analítica dinâmica, construída no encontro entre objetos, sujeitos e contextos históricos. A Coleção MFG, ao ser tratada como patrimônio em potência, evidencia que preservar não é apenas conservar fisicamente, mas interpretar, comunicar e colocar em diálogo o passado com as demandas do presente. Que este trabalho possa incentivar novas reflexões sobre a relevância dos arquivos privados, sobre a responsabilidade social da museologia e sobre a urgência de políticas públicas que reconheçam a diversidade de memórias que compõem a história brasileira.

REFERÊNCIAS

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALBUQUERQUE, Flávia. **Governo assina acordo para construção do Memorial da Luta pela Justiça**. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2024-07/governo-assina-acordo-para-construcao-do-memorial-da-luta-pela-justica> Acesso em; 16 junho 2025.

ALMEIDA, Junielza Cavalcante de. **Museologia Social e os Pontos de Memória no Brasil**. Revista Museologia e Patrimônio, 2014.

ALMEIDA, Maria Isabel de. **Museus e educação**: entre o culto ao passado e o compromisso com o presente. São Paulo: Cortez, 2007.

APPADURAI, Arjun (Org.). *The Social Life of Things: Commodities in Cultural Perspective*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

ARAUJO, M.M. BRUNO, M. C. O. **Mesa Redonda de Santiago do Chile**, ICOM, 1972. Edições Universitárias Lusófonas, nº15, p. 111- 121, 1999. Disponível em: <https://recil.ulusofoa.pt/handle/10437/11364>. Acesso em: 20 de mar. 2025.

ARQUIVO PÚBLICO DO RIO DE JANEIRO. Biblioteca da Aperj. Disponível em: http://biblioteca.arquivopublico.rj.gov.br/Bibliivre5/?action=search_bibliographic#query=%22manoel+ferreira+guimaraes%22&material=all Acesso em: 09 junho 2025

BAUDRILLARD, Jean. **O sistema não-funcional ou o discurso subjetivo**. In: O sistema dos objetos. São Paulo: Perspectiva, 2015.

BERGSON, Henri. **Do reconhecimento das imagens. A memória e o cérebro**". In: BERGSON, Henri. *Matéria e memória*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BORGES E SILVA, Ana Maria. **Arquivos privados e sua incorporação institucional**. Revista Acervo, Brasília, v. 24, n. 1, p. 117–130, jan./jun. 2011. Disponível em: <https://revistaacervo.an.gov.br>. Acesso em: 9 jun. 2025.

BORGES, L.C., CAMPOS, M. **Patrimônio como valor, entre ressonância e aderência**. In: Termos e conceitos da museologia: museu inclusivo, interculturalidade e patrimônio integral. 21º Encontro Regional ICOFON LAN, Petrópolis, 2012, p.112.

BORTONE, Elaine de Almeida. **O Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais (Ipes) na construção da reforma do Estado autoritário (1964-1968)**. In: Outros Tempos. Vol. 11, 2014. p. 271-281.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp, 2007. (Original: *La distinction*, 1979)

_____. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/94143/mod_resource/content/1/Bourdieu%20-%20O%20Poder%20Simb%C3%B3lico.pdf Acesso em: 26 dezembro 2023.

BRANDI, Cesare. **Teoria da restauração**. Tradução de Beatriz Mugayar Kühl. Apresentação de Giovanni Carbonara. 4. ed. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2017

BRASIL. Decreto nº 3.551, de 4 de agosto de 2000. Dispõe sobre Institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro, cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 5 ago. 2000. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br>. Acesso em: 27 maio 2025.

_____. Lei nº 8.159, de 8 de janeiro de 1991. Dispõe sobre a política nacional de arquivos públicos e privados. *Diário Oficial da União: seção 1*, Brasília, DF, 9 jan. 1991. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8159.htm. Acesso em: 5 ago. 2025.

_____. Decreto nº 4.073, de 3 de janeiro de 2002. Regulamenta a Lei nº 8.159, de 8 de janeiro de 1991, que dispõe sobre a política nacional de arquivos públicos e privados. *Diário Oficial da União: seção 1*, Brasília, DF, 4 jan. 2002. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2002/D4073.htm. Acesso em: 5 ago. 2025.

_____. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. **Museologia e comunicação**: reflexão sobre a prática museológica. São Paulo: Edusp, 1993.

CALLIGARIS, Contardo. **Verdades de Autobiografias e Diários Íntimos**. In: Arquivos Pessoais. Estudos históricos. FGV. Rio de Janeiro. v.11, n.21 p. 42-58. (1998)

CHAGAS, M. **Museologia social**: reflexões e práticas (à guisa de apresentação). Cadernos do CEOM. Ano 27, n 41, p 9-21, 2014. Disponível em: https://www.academia.edu/32189989/Museologia_social_reflex%C3%B5es_e_pr%C3%A1ticas_%C3%A0_guisa_de_apresenta%C3%A7%C3%A3o_?auto=citations&from=cover_page. Acesso em: 11 abr. 2022

_____. **O Brasil como museu**: museologia e museus no Brasil contemporâneo. 2003. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003

_____. **Pontos de Memória**: uma política pública de cultura e museus. Museu da Maré, 2010.

CHAUÍ, Marilena. **Cidadania Cultural**: O Direito à Cultura / Marilena Chauí – 2. ed. – São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2021

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio** / Françoise Choay; tradução de Luciano Vieira Machado. 5ª ed. - São Paulo: Estação Liberdade : UNESP, 2006.

_____. As questões do patrimônio. Antologia para um combate. Lisboa: Edições 70, 2011.

CONARQ. Resolução nº 47, de 8 de março de 2021. Dispõe sobre os procedimentos e critérios para declaração de arquivos privados de interesse público e social. *Diário Oficial da União: seção 1*, Brasília, DF, 10 mar. 2021. Disponível em: https://dspace.mj.gov.br/bitstream/1/3751/2/RES_CONARQ_2021_47.html. Acesso em: 5 ago. 2025.

_____. **O conselho**. Disponível em: <https://www.gov.br/conarq/pt-br/acesso-a-informacao/institucional/o-conselho> Acesso em: 10 junho 2025.

COUTINHO, P. A.; RANGEL, M. F. **Biblioteca privada e marca de propriedade: da reunião à sua dispersão**. BIBLOS, [S. l.], v. 35, n. 2, 2022. DOI: 10.14295/biblos.v35i2.12625. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/12625>. Acesso em: 26 dezembro 2023.

CRUZ E SOUZA, L. C. **A Mesa Redonda de Santiago do Chile e o Desenvolvimento da América Latina**: O papel dos Museus de Ciências e do Museu Integral. *Museologia & Interdisciplinaridade*, v. 9, n. 17, p. 64–80, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/30109>. Acesso em: 11 abr. 2022.

DAVALLON, J. **A imagem, uma arte de memória?** In: ACHARD, P. [et al.]. *Papel da Memória*. Trad. José Horta Nunes. Campinas, SP: Pontes, 1999, p. 23-37

DOHMANN, Marcus. Coleções de objetos: memória tangível da cultura material. **Coleções de Arte: formação, exibição e ensino**. Rio de Janeiro, 2014.

DREIFUSS, René Armand. **1964: a conquista do estado**: ação política, poder e golpe de classe. Petrópolis: Editora Vozes, 2006.

- DURANTI, Luciana. **Registros documentais contemporâneos como provas de ação**. In: Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 7, n. 13, p. 49-64, 1994. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1976>. Acesso em: 29 jul. 2023.
- FAUSTO, Bóris. **A História nos ensina a viver**. Portal do Festival de História. Disponível em: https://www.festivaldehistoria.com.br/fhist_ptl/html/mat_6/ Acesso em: 16 jun 2025.
- FILIPPI, Patrícia de et al. **Como tratar coleções de fotografias**. In: Arquivo do Estado/ Imprensa Oficial do Estado, 2ª. Edição, São Paulo, 2002
- GHANEM, V. G. **Importância da documentação privada**. Ágora, v. 4, n. 7, p. 8-12, 1988. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/13848>. Acesso em: 28 jul. 2023.
- GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais**. Tradução de Federico Carotti. São Paulo. Companhia das Letras, 1989.
- GOMES, Ângela de Castro. **Nas malhas do feitiço: o historiador e os encantos dos arquivos privados**. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, 1998.
- GODOY, A. S. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. In: Revista de Administração de Empresas São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63 Mar./abr. 1995
- GONÇALVES, J. R.S. **A retórica da perda: discurso nacionalista e patrimônio cultural no Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2002.
- _____. **Os limites do patrimônio**. In: LIMA FILHO, Manuel Ferreira; ECKERT, Cornélia; BELTRÃO, Jane Felipe (Org.). Antropologia e patrimônio cultural: diálogos e desa"os contemporâneos. Blumenau: Nova Letra/Associação Brasileira de Antropologia, 2007a.
- _____. **Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/Minc/Iphan, 2007b. p. 117-138.
- GONÇALVES, Martina Spohr. **American Way of Business: empresariado brasileiro e norte-americano no caminho do golpe empresarial-militar de 1964**. Tese de doutorado em História. Rio de Janeiro: UFRJ, 2016.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Rio de Janeiro: Vértice, 1990.
- HOBSBAWM, Eric. **Era dos Extremos: o breve século XX (1914–1991)**. São Paulo: Companhia das Letras, p. 17-19, 1995.
- _____. **Estado e planejamento econômico no Brasil**. In: Coleção retratos do Brasil ; v.83. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1977.
- IBRAM. **Programa Pontos de Memória**. Disponível em: <http://www.museus.gov.br>
- JACOUD & MAYER. **A observação direta e a pesquisa qualitativa**. In: A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. Trad. Ana Cristina Nasser. Editora Vozes, Petrópolis, p.254-255, 2008
- JUNIOR, J. N., TRAMPE, A., SANTOS, P. A. **Mesa Redonda de Santiago do Chile Vol.I.: Mesa Redonda sobre la Importancia y el Desarrollo de los Museos en el Mundo Contemporáneo**. 1ª Edição. Brasília. Instituto Brasileiro de Museus, IBRAM. Programa Ibermuseus. 2002
- KUPERMAN, Esther. **Revisitando o golpe**. In: STAMPA, Inez; RODRIGUES, Vicente. (Org.). Ditadura e Transição Democrática no Brasil. 1ed. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2016, v. 1, p. 65-72.
- LE GOFF, Jacques. **Memória e história**. Ed. UNICAMP, Campinas, 1990.
- LIMA, Diana Farjalla Correia. **Herança cultural (re)interpretada ou a memória social e a instituição museu: releitura e reflexões**. Museologia e Patrimônio: revista eletrônica do Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio, PPG-PMUS UNIRIO/MAST. Rio de Janeiro, PPG-PMUS UNIRIO/MAST, v. 1, n. 1, 2008, p. 33-43. Disponível em:

<http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/4/2> Acesso em: 15 novembro 2023.

_____. **Atributos Simbólicos do patrimônio: museologia / "patrimoniologia" e informação em contexto da linguagem de especialidade.** In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO-ENANCIB, 11., 2010, Rio de Janeiro. Anais [...] XI ENANCIB 2010, GT 9 – Museu, Patrimônio e Informação. Rio de Janeiro: ANCIB, PPGCI-IBICT/UFRJ, 2010, p. 1-20. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/178389> Acesso em: 10 outubro 2023.

_____. **Musealização e patrimonialização: formas culturais integradas, termos e conceitos entrelaçados.** In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO-ENANCIB, 15., 2014, Belo Horizonte. Anais [...] XV ENANCIB 2014, GT 9 – Museu, Patrimônio e Informação. Belo Horizonte: ECI, UFMG, 2014, p. 4335-4355. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/189374> Acesso em: 20 setembro 2023.

LOPES, Ana Claudia da Costa. **Memória e patrimônio cultural: desafios da preservação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

MATTOS, Renato., MENDES, Juliana. **Arquivos pessoais e patrimônio: a Declaração de Interesse Público e Social como instrumento de patrimonialização de arquivo.** In: *Ágora: Arquivologia em debate*, Florianópolis, v. 31, n. 63, p. 01-21, jul./dez. 2021

MENESES, Ulpiano. **Memória e Cultura Material: Documentos Pessoais no Espaço Público.** *Estudos Históricos. Arquivos pessoais* v. 11 n.21, 1998 Disponível em <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2067/1206> acesso em 26 dezembro 2023

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. Disponível em: <https://www.mpf.mp.br/rj/sala-de-imprensa/noticias-rj/mpf-quer-transformar-antigo-predio-do-dops-em-centro-de-memoria-no-rio> Acesso em: 15 junho 2025.

NERY, Olivia Silva et al. **Caixas de memórias: a relação entre objetos, fotografias, memória e identidade ilustradas em cenas de ficção.** In: *Revista Ciências Sociais Unisinos*, São Leopoldo, 2015. p. 42-51

NERY, Olivia Silva. **Objeto, memória e afeto: uma reflexão.** In: *Revista Memória em rede*, 2017. p. 144-161.

NORA, Pierre. **Entre a memória e a história: a problemática dos lugares.** *Projeto História*, n. 10, p. 7-28, dez, 1993.

OLIVEIRA, L., SOBRAL C. **Cartas em arquivos pessoais: um desafio no arranjo e na descrição.** In : *Arquivos pessoais: experiências e perspectivas [recurso eletrônico] / organização José Francisco Guelfi Campos ; Associação de Arquivistas de São Paulo. – São Paulo: ARQ-SP, 2019. 297 p. – (Eventus, 5). Trabalhos apresentados no II Encontro “Arquivos Pessoais: experiências, reflexões, perspectivas” ocorrido em São Paulo, em 7 e 8 de dezembro de 2017*

OLIVEIRA, LMV. **Descrição arquivística e os arquivos pessoais: conheça os arquivos pessoais para compreender a sociedade.** *Arquivo & Administração*, v. 2, 2013. Disponível em: <https://cip.brapci.inf.br/download/56256> Acesso em: 19 mai 2024.

PEREIRA, Verônica. **Família, mentiras e um gravador: o vínculo de parentesco entre pesquisador e narrador e suas consequências metodológicas.** *Plural*, 7, 21-38. <https://doi.org/10.11606/issn.2176-8099.pcco.2000.68064> (2000).

PINTO, H.E.M. **A Evolução da Economia Peruana no Período 1950-2000: Meio Século de Transformações e a Procura de Relações.** *Cadernos PROLAM/USP (ano 2 - vol. 2 - 2003)*, p. 79-109 disponível em <https://www.academia.edu/> Acesso em: 14 mai 2025

POMIAN, Krzysztof. **Coleção**. In: Enciclopédia Einaudi. Memória – História. Vol 1. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1984. p. 51-86.

POPKIN, Richard H. POPKIN, Jeremy D. **O Abade Grégoire e seu mundo**. In: Arquivos Internacionais de História das Idéias Arquivos Internacionais de História das Ideias. Dordrecht: Springer Dordrecht, 2000.

PRADO JÚNIOR, Caio. **A revolução brasileira: perspectivas**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1977.

RANGEL, Marcio Ferreira. **A cidade, o museu e a coleção**. In: Liinc em Revista, v.7, n.1, março 2011, Rio de Janeiro, p. 301 – 310 Disponível em: <http://www.ibict.br/liinc> Acesso em: 10 jul 2024.

RENDEIRO, M.E. **Álbuns de família – Fotografia e Memória; Identidade e Representação**. In: XIV Encontro Regional da ANPUH-RIO MEMÓRIA E PATRIMÔNIO. Rio de Janeiro, 2010.

RIEGL, Alois. **O culto moderno dos monumentos: a sua essência e a sua origem**. Tradução Werner Rothschild Davidsohn, Anat Falbel. 1ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

RIVIÈRE, Georges Henri. **La muséologie selon Georges Henri Rivière**. Paris: Dunod, 1989.

RÚSSIO, Waldisa. **Museologia: ciência e consciência cultural**. São Paulo: Perspectiva, 1981

SCHAPOCHNIK, Nelson. **Cartões-postais, álbuns de família e ícones de intimidade**. História da vida privada no Brasil: República: da Belle Époque à Era do Rádio. Tradução. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. Acesso em: 09 jul. 2023.

SMIT, J. W. **A representação da imagem**. Informare (Rio de Janeiro), Rio de Janeiro, v. 2, n.2, p. 28-36, 1996.

SOUZA, Nayara. **Arquivo do Patrimônio**. (Verbetes) In: Dicionário do Patrimônio Cultural. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/dicionarioPatrimonioCultural/detalhes/22/arquivo-do-patrimonio> Acesso em: 10 junho 2025.

UNESCO. **Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial**. Paris, 2003. Disponível em: <https://ich.unesco.org>. Acesso em: 25 maio 2025.

APÊNDICES E ANEXOS

APÊNDICE

APÊNDICE A - Citação Brasileira

De destacada importância e ampla atualidade foi o discurso, proferido em português durante o almoço transmitido por rádio bidirecional (entre as Câmaras de Comércio do Rio de Janeiro e Buffalo), no Hotel Statler, no dia 21 de maio, pelo Dr. Manoel Ferreira Guimarães, presidente da Associação Comercial do Rio de Janeiro.

A relevância das citações da tradução para o inglês do discurso do Dr. Guimarães pode ser mais bem apreciada quando se considera o histórico empresarial desse ilustre brasileiro.

O Dr. Guimarães é diretor e coproprietário da Companhia Minas da Passagem (mina de ouro em Ouro Preto, Minas Gerais); diretor e coproprietário de fábricas têxteis em Minas Gerais, no Estado do Rio e no Espírito Santo; diretor e coproprietário de um curtume em Minas; o maior cultivador de mandioca (fonte de fécula) em São Paulo; diretor e coproprietário de vários cinemas em São Paulo, Belo Horizonte e Juiz de Fora, em Minas Gerais; e diretor e coproprietário da “Sonalco” — Sociedade Nacional de Transporte e Comércio Ltda., do Rio de Janeiro.

Ele participou do Congresso Econômico Pan-Americano realizado em Buenos Aires em 1935, representando o comércio do Brasil. Tornou-se diretor da Associação Comercial do Rio em 1930, vice-presidente em 1935, presidente em 1938, e foi reeleito em 1940. É membro do Rotary Club do Rio de Janeiro e já viajou por todos os países do mundo, exceto os da Oceania.

Trechos significativos de seu discurso seguem abaixo:

“Como empresário e industrial no Brasil, devo lhes dizer com franqueza que é necessário um entendimento muito mais profundo dos problemas do comerciante brasileiro para que se estabeleça uma relação mutuamente lucrativa e se forme uma grande aliança comercial entre os Estados Unidos e o Brasil.

“Todos sabemos que relações comerciais sólidas são baseadas em três fatores principais: crédito, integridade e ética comercial sólida. Por meio do uso do crédito, os comerciantes podem aumentar o volume de suas transações. No entanto, o crédito se baseia na garantia de que o credor receberá seus pagamentos pontualmente. Infelizmente, os bancos e exportadores americanos ainda não conseguiram aproveitar plenamente as facilidades criadas por um controle de crédito inteligente, como o que foi concedido ao Brasil por muitos outros países. Embora seja verdade que nem todos os comerciantes brasileiros estejam em posição de merecer facilidades de crédito, o fato é que muitas firmas comerciais tradicionais e confiáveis não estão obtendo o crédito que sua reputação justificaria.

“O National City Bank de Nova York opera uma organização subsidiária no Brasil capaz de administrar créditos sob controle perfeito, fornecendo aos exportadores todas as informações de crédito necessárias sobre a situação das empresas brasileiras. Por que não utilizar essas facilidades de controle de crédito desse banco para determinar quais firmas brasileiras merecem classificação de crédito, permitindo-lhes aumentar seu poder de compra?”

“Não se pode comparar a estrutura de crédito de um país com o crédito individual aplicado a comerciantes... Os créditos governamentais dependem de situações políticas e fatores econômicos em nível nacional e são geralmente afetados pelo câmbio internacional. Já nos créditos comerciais, a aplicação é direta e os limites de crédito são estabelecidos de acordo com as garantias do devedor, como seu poder de compra em relação ao seu mercado, a eficiência na administração de seus negócios e a honestidade e integridade com que cumpre suas obrigações. Todos esses fatores, em conjunto com o capital de operação, determinam o crédito de um comerciante. A legislação comercial brasileira protege ao máximo o credor, e sanções severas são impostas àqueles que se desviam da ética comercial legal.

“O Brasil de hoje está passando por um novo ciclo de evolução e prosperidade. A evolução nos métodos administrativos está estimulando, aumentando e incentivando a iniciativa privada; a prosperidade está claramente demonstrada pelas curvas sempre ascendentes de todas as estatísticas nacionais de oferta e demanda. Essa prosperidade se baseia na confiabilidade do comerciante brasileiro, que assume sua parte de responsabilidade pela realização das nossas esperanças nos destinos do Brasil.

“Outro ponto que gostaria de abordar é o erro frequentemente cometido por firmas americanas ao nomearem um único representante para toda a América do Sul. O continente sul-americano é tão vasto e os interesses de cada um de seus países tão diversos que é impossível para tal representante controlar o desenvolvimento comercial da firma que representa para todo o continente. Isso é especialmente verdadeiro no caso do Brasil, onde o idioma difere daquele falado nos outros países da América do Sul. Devem ser nomeados representantes diretos. Por essa razão, um representante geral sul-americano estabelecido no Brasil não poderia controlar eficientemente as vendas para todo o continente.”

De modo geral, os norte-americanos acreditam que o espanhol é a língua falada em toda a América do Sul. No Brasil, não falamos espanhol, pois nossa língua é o português — e essas duas línguas são essencialmente diferentes, apesar de sua semelhança fonética.

“O desenvolvimento do Brasil nos últimos dez anos tem sido realmente surpreendente em todos os campos da atividade humana. Muito progresso foi feito na educação geral do

povo. Nossa estrutura social passou por muitas mudanças radicais; tanto que, hoje, nosso país se destaca pelo avanço social e cultural.

A produção agrícola nos últimos dez anos aumentou de 250 milhões para 600 milhões de dólares, e nossa produção industrial no mesmo período passou de 350 milhões anuais para 750 milhões de dólares em 1940 — praticamente toda consumida dentro do território brasileiro.

No mesmo período, a produção de aço e minério aumentou dez vezes. Nossa produção de minério de ferro e manganês também cresceu dez vezes em dez anos. A produção de álcool passou de 19 milhões de litros em 1930 para 320 milhões em 1940. As ferrovias duplicaram sua extensão em dez anos. Nossas rotas aéreas tiveram um aumento de 900% em seu total de milhagem no mesmo período, e o número de estações de rádio transmissoras aumentou 50%.

“Nossas exportações gerais durante 1940 foram apenas 40% maiores do que em 1930. Contudo, o volume representado pelo total de 1940 é o dobro do de 1930, o que demonstra um aumento constante da produção, apesar da queda nos valores.

“Gostaria também de destacar o enorme desenvolvimento na produção de pedras preciosas e semipreciosas, pois a produção de 1160 gramas em 1934 aumentou para 2 milhões e 200 mil gramas em 1940. A produção de diamantes cresceu de 20 mil para 200 mil quilates.

A produção de mamona passou de 20 toneladas para 126 mil toneladas, e muitas outras sementes oleaginosas, cujos cultivos estavam abandonados até pouco tempo, agora estão sendo exportadas em dezenas de milhares de toneladas por ano.

“Todo esse grande aumento nas atividades me leva a crer que os comerciantes e banqueiros americanos encontrariam um campo imenso para suas atividades no Brasil, se cooperassem conosco em benefício mútuo. À medida que as atividades comerciais se expandem, facilidades diplomáticas estarão disponíveis na forma de melhores tratados comerciais protetivos.

O ato do governo dos Estados Unidos de conceder créditos ao Brasil por meio do Federal Export-Import Bank para o estabelecimento de grandes siderúrgicas e o desenvolvimento geral da indústria do aço no Brasil tem grande importância política e econômica, pois o desenvolvimento do aço no Brasil terá, como reflexo direto, um grande aumento do poder de compra nacional, o que significa melhores negócios em todos os artigos e produtos que contribuem para a formação de uma civilização moderna.

“O entusiasmo demonstrado pelo povo brasileiro nessa vital indústria é revelado pelo fato de que grande parte do capital total necessário foi subscrita no Brasil poucos dias após as ações serem colocadas no mercado.

Os produtos da indústria do aço nos permitirão uma rápida ampliação das nossas facilidades de transporte, que são a base do progresso em um país tão grande quanto o nosso.

“Como sabem, nosso governo está profundamente interessado na criação de novas ferrovias, estradas e hidrovias para aumentar as facilidades de transporte. E, no que diz respeito ao transporte, vocês podem contribuir enormemente para a melhoria das nossas instalações de navegação com a venda de navios ao Brasil.

“Para concluir, desejo agradecer sinceramente por sua cooperação empenhada e os genuínos esforços para manter e fortalecer esse grande laço de amizade entre as duas grandes repúblicas das Américas.

‘VIVA a AMÉRICA do NORTE! VIVA o BRASIL!’ (tradução nossa)

APÊNDICE B - WATERLOO CAFEIEIRO (por Assis Chateaubriand)

Quem vai se lembrar ainda, na Terra Roxa paulista, da batalha de Waterloo, quando todos os cafeicultores brasileiros, de Paraguaçu até Ribeirão Preto, e de Franca até Marília, julgaram que estavam perdidos para sempre? A guerra do café era internacional, mas seus efeitos recaíam sobretudo sobre os lavradores brasileiros. Com preços em queda, sem proteção oficial eficaz, e enfrentando a concorrência africana, nossos agricultores se sentiam como tropas cercadas, à espera da derrota final. Lembro-me de ter escrito então, numa dessas manhãs frias de inverno, que a situação do café no Brasil parecia-se à de Napoleão em Waterloo: mal assessorado, mal posicionado e abandonado por aliados. Mas nem tudo estava perdido. Alguns homens públicos se levantaram com coragem para reorganizar o setor, renegociar dívidas, reestruturar os estoques. O que se viu nos anos seguintes foi um esforço nacional para transformar o Waterloo em redenção. Com a intervenção do Instituto Brasileiro do Café (IBC), o apoio de alguns governadores e a persistência dos produtores, o Brasil conseguiu recuperar terreno. Hoje, a situação do café inspira mais esperança que desespero. O mercado internacional ainda é volátil, mas há controle maior de oferta e estratégias mais maduras para o escoamento da safra. E isso é uma vitória. Não de um homem só, mas de todos que se recusaram a entregar-se ao fatalismo. A Waterloo cafeeira não nos derrotou. Deu-nos uma lição de que, mesmo nas piores trincheiras, há sempre espaço para resistência — e para a retomada. — A. C.



Apêndice B: Transcrição de artigo escrito por Chateaubriand, citado por MFG e publicado no jornal supracitado.

APÊNDICE C – Relação de museus sobre ditaduras na América Latina

- **Museo de la Memoria y los Derechos Humanos (Chile)**
Localizado em Santiago, este museu dedica-se à memória das vítimas da ditadura de Augusto Pinochet e promove a reflexão sobre os direitos humanos.
Disponível em: <https://mmdh.cl/museo> Acesso em: 10 jun 2025
- **Museo de la Memoria do Rosario (Argentina)**
Situado em Buenos Aires, o museu aborda a repressão durante a ditadura militar argentina (1976-1983), incluindo desaparecimentos forçados e violações de direitos humanos.
Disponível em: <https://www.museodelamemoria.gob.ar/> Acesso em: 10 jun 2025
- **Museo de la Revolución en la Frontera (México)**
Embora focado na Revolução Mexicana, também aborda temas relacionados às lutas contra regimes autoritários na América Latina.
Disponível em: <https://sic.cultura.gob.mx/> Acesso em: 10 jun 2025
- **Museo de la Memoria y los Derechos Humanos (Uruguai)**
Em Montevideu, este museu trata das violações de direitos humanos durante a ditadura uruguaia (1973-1985).
Disponível em: <https://mume.montevideo.gub.uy/> Acesso em: 10 jun 2025
- **Memorial da Resistência de São Paulo**
Localizado em São Paulo, o museu apresenta exposições sobre a repressão durante o regime militar brasileiro (1964-1985).
Disponível em: <https://memorialdaresistenciasp.org.br/> Acesso em: 10 jun 2025
- **Museo de la Memoria y los Derechos Humanos (Peru)**
Em Lima, aborda as violações de direitos humanos durante o conflito interno e regimes autoritários.
Disponível em: <https://lum.cultura.pe/> Acesso em 10 jun 2025
- **Museo de la Memoria y los Derechos Humanos (Colômbia)**
Em Bogotá, trata das violações de direitos humanos relacionadas ao conflito armado e regimes repressivos.
Disponível em: <https://www.museocasadelamemoria.gov.co/> Acesso em: 10 jun 2025
- **Museo de la Memoria y los Derechos Humanos (Venezuela)**
Em Caracas, aborda temas relacionados às repressões e violações durante diferentes períodos autoritários.
Disponível em: <https://mmdh.cl/museo> Acesso em: 10 jun 2025

Apêndice C : Relação de Museus que abordam a temática dos golpes na América Latina.

ANEXOS**ANEXO A - Texto escrito para compor a polianteia proposta pela viúva e que serviu para justificar a foto de assinatura do convênio B.C.G.**

MANOEL FERREIRA GUIMARÃES E A FUNDAÇÃO ATAULPHO DE PAIVA - LIGA BRASILEIRA
CONTRA A TUBERCULOSE -

Ao examinarmos a vida filantrópica desse grande brasileiro, que foi Manoel Ferreira Guimarães, verificamos que um dos mais relevantes serviços por êle prestados foi a cooperação, durante cêrca de 35 anos, na administração da Fundação Ataulpho de Paiva, onde a sua inteligência, o seu patriotismo e a sua inigualável atividade, tiveram um campo propício ao / seu devotamento em servir ao próximo.

Nessa grande Instituição êle deixou largos traços de sua marcante personalidade, focalizando a notável obra que ela realiza através do Laboratório Viscondessa de Moraes, onde o grande cientista brasileiro, Arlindo de Assis, projetou o nome do Brasil no meio internacional com a fabricação da vacina contra a tuberculose, - B. C. G. - oral, como na parte de assistência a menores, filhos de tuberculosos, no seu modelar Preventório Da Amélia, em Paquetá, onde durante tantos anos têm sido recuperados , com devêlo, milhares de crianças.

Em 30 de julho de 1935 ingressou, pela mão desse inesquecível e bondoso Comendador Alfredo Loureiro Ferreira Chaves outro brasileiro patriota e de grande dedicação a esta obra, juntamente com o seu patrono e Presidente de Honra perpétuo o ilustre Ministro Ataulpho de Paiva, como membro do Conselho de Administração da Liga Brasileira Contra a Tuberculose.

Ininterruptamente prestou seus valiosos serviços como Conselheiro durante 20 anos, tendo sido também, por proposta do então Secretário Geral Alfredo Loureiro Ferreira Chaves, eleito Presidente da Instituição por unanimidade dos membros do seu Conselho, em sessão de 20 de maio de 1935 e logo empossado no honroso cargo por aclamação.

A sua atuação na Presidência é de todos conhecida e louvada ; / juntamente com o seu grande amigo, servidor extraordinário dessa grande casa Desembargador Ildefonso Mascarenhas, seu tesoureiro, procederam as / transformações nos serviços dessa Instituição, realizando grandes obras / nos diversos edifícios do Preventório Da Amélia, modernizando-o e ampliando-o para poder dar abrigo até a 200 crianças, reconstruindo-se seus dormitórios, refeitório, edifício da Escola Primária, bem como transformando o Laboratório Viscondessa de Moraes, sito à Av. Pedro II, nº 260, nesta cidã

2.

de, no mais moderno, eficiente e científico do nosso país e certamente um dos melhores da América Latina, preparando-o para a fabricação da vacina B. C. G. intradérmica, oral e a liofilisada, chegando assim ao mais alto / estágio da sua fabricação.

Infelizmente, essa vida tão fecunda e tão cheia de qualidades que hoje vão rareando na humanidade, Deus a tirou no dia 17 de dezembro de 1970 em plena atividade, no exercício da Presidência dessa Instituição, de pois de curta e mortal moléstia.

Assim, dos 35 anos de inestimáveis serviços, 15 foram no seu cargo supremo, deixando um exemplo a ser seguido pelos seus sucessores.

Nada que se faça à sua memória, será o bastante para enaltecer sua personalidade e a atual administração já consignou, não só mandando elaborar o seu retrato, para que figure na galeria dos Presidentes da Instituição, como determinou que seja dado o seu nome à uma das salas de liofilização, no Laboratório Viscondessa de Moraes.

Sua família, nossa Instituição e a querida pátria brasileira, / podem orgulhar-se desse seu servidor incomparável, apontando-o à posteridade como um dos seus mais diletos, operosos e exemplares filhos, dedicando toda a sua vida de inusitada atividade ao bem do próximo e de sua querida pátria.

ANEXO B - Correspondência MFG para Chatô em 13/02/1966

Mãncel Ferreira Guimarães
 Caixa 101 - ZB-00

Rio, 13 de fev. de 1966

Meu caro Chateaubriand,

Não temos palavras para classificar e louvar a luta permanente que você sustenta, fazendo inveja a qualquer outro escritor em cu ja profissão não existe um que viaje como Você.

Acompanhamos as homenagens que V. recebeu em Belo Horizonte e felicitamo-lo pelo sucesso da inauguração do Museu. Você é mesmo in cansável !

Peixoto de Castro. Encontrei-o, e, falando sobre V., ouvi palavras que me encantaram. Disse ter recebido um seu telegrama dizendo estar V. com saudade dele. Saudade, disse ele, quem sente sou eu.

Juntamos umas cópias para mostrar que apesar dos mil afazeres ainda arranjamos tempo para mostrar que acompanhamos os acontecimentos...

Um gesto e um... Você sempre oportuno. Ao Emb. Pío Corrêa mandei há dias minhas felicitações, que coincidem com os seus conceitos sobre ele. A sua apreciação sobre as palavras do Min.uracy Magalhães merece aplauso. No momento em que o nosso grande João Calmon debate valente e brilhantemente o caso da intervenção estrangeira, especialmente americana, na imprensa, rádio e T.V. brasileiros, V. proclama o "baluarte representado por Washington na segurança da humanidade". É uma verdade que precisa ser dita e repetida como o tem dito o próprio João Calmon.

Uma iniciativa a tomar. O Marechal Queiroz deve se sentir lisongeados com as suas palavras, principalmente sabendo que V. foi vitorioso no seu ponto de vista sobre a política de petróleo boliviano, assunto que empolgou a opinião pública brasileira e boliviana, saindo os "Associados" engrandecidos.

Um Profissional. Que magnífica descrição fez V. do trapezista ou mágico Mem de Sá, Min. da Justiça, que se tem revelado através das entrevistas e atos positivos, admirável. O que precisa realmente o Governo é de políticos independentes e homens de negócio que possam ativamente pensar em si, mostrar o alcance da livre empresa. Esses elementos conjugados com os bons que estão no governo poderiam melhor resolver a nossa situação econômica e financeira e, portanto, política também. A do café, no I.B.C. nos tem sacrificado tanto que parece, por absurdo, não querer o Governo tocar nessa mais importante tecla econômica e financeira do Brasil. Os 550 milhões de dólares que o Governo Americano nos mandou no ano findo, e mais uma orientação certa na política de exportação do café, resolveriam, talvez, a inflação que tanto nos aflige.

O Théophile tem sido insuperável na argumentação dos negócios do I.B.C. e, quando vê as suas causticantes opiniões irresponsáveis,

- 2 -

Concordo com V. no conselho ao Ministro Roberto Campos. Criemos a riqueza para depois termos tudo mais.

Lemos religiosamente os seus artigos e nos admiramos da sua tenacidade que muitos moços não têm. Sentimo-nos assim animados cada dia ao recebermos "O Jornal".

O nosso J.K. tem sofrido ... mas culpa de quem ?

Café. O Theophilo, o insuperável observador e condenador, com razão, da vida do I.B.C. merece pelo que tem escrito e falado sobre os absurdos desse órgão, um monumento ! E tem êle, frequentemente, para estímulo e tranquilidade, a preciosa colaboração que V. lhe dá. Vocês merecem tudo.

"Campanha de Ouro para o Bem do Brasil" Reiterando os nossos parabens pela sua patriótica campanha, queremos dizer-lhe que a repercursão nos EE.U. e na Alemanha Ocidental tem sido magnífica. É o que sabemos por correspondência particular. Lucra com isso o Brasil e lucraram todos nós !

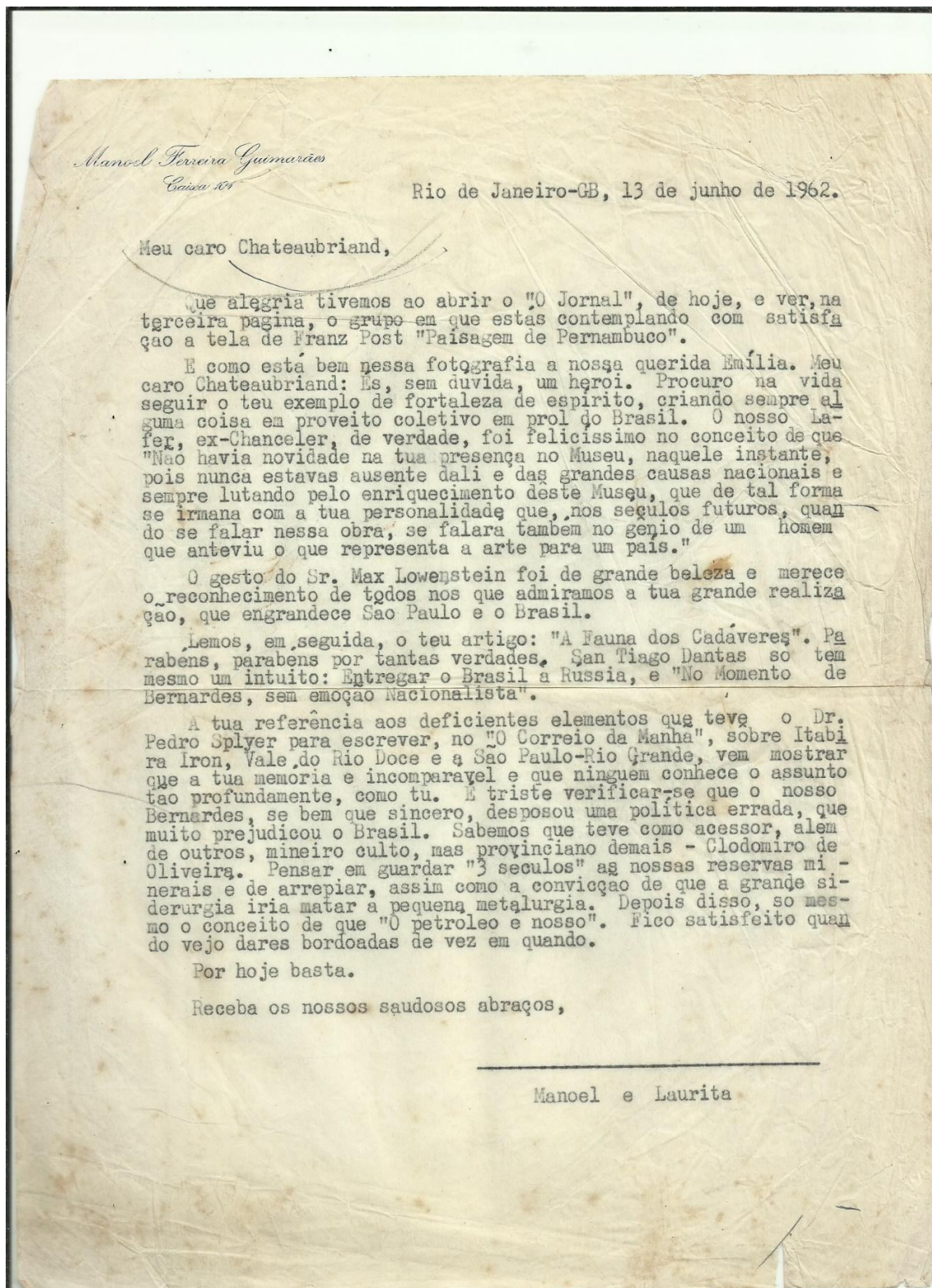
Minas e Energia. Que alívio vemos por terra os atos do Gabriel Passos e especialmente os do seu filho Celso, contra os interesses do Brasil. Agora poderemos ter capitais estrangeiros e cooperação direta de estrangeiros para nosso enriquecimento no setor da mineração. Bem pode V. imaginar o prejuízo que nos causou os milhares de processos paralisados nesse Ministério.

Bem, saúde e alegria. Receba as nossas saudades e os nossos afetuosos abraços.

Manoel
e Laurita

MG/NF. Manoel Ferreira Guimarães.

ANEXO C - Correspondência MFG para Chatô em 13/06/19626



Manoel Ferreira Guimarães
Caiçua 104

Rio de Janeiro-GB, 13 de junho de 1962.

Meu caro Chateaubriand,

Que alegria tivemos ao abrir o "O Jornal", de hoje, e ver, na terceira pagina, o grupo em que estas contemplando com satisfação a tela de Franz Post "Paisagem de Pernambuco".

E como está bem nessa fotografia a nossa querida Emilia. Meu caro Chateaubriand: Es, sem duvida, um heroi. Procuro na vida seguir o teu exemplo de fortaleza de espirito, criando sempre alguma coisa em proveito coletivo em prol do Brasil. O nosso Laffer, ex-Chanceler, de verdade, foi felicissimo no conceito de que "Nao havia novidade na tua presença no Museu, naquele instante, pois nunca estavas ausente dali e das grandes causas nacionais e sempre lutando pelo enriquecimento deste Museu, que de tal forma se irmana com a tua personalidade que, nos seculos futuros, quando se falar nessa obra, se falara tambem no genio de um homem que anteviu o que representa a arte para um pais."

O gesto do Sr. Max Lowenstein foi de grande beleza e merece o reconhecimento de todos nos que admiramos a tua grande realizacao, que engrandece Sao Paulo e o Brasil.

Lemos, em seguida, o teu artigo: "A Fauna dos Cadáveres". Parabens, parabens por tantas verdades. San Tiago Dantas so tem mesmo um intuito: Entregar o Brasil a Russia, e "No Momento de Bernardes, sem emoção Nacionalista".

A tua referència aos deficientes elementos que teve o Dr. Pedro Splyer para escrever, no "O Correio da Manhã", sobre Itabira Iron, Vale do Rio Doce e a Sao Paulo-Rio Grande, vem mostrar que a tua memoria e incomparavel e que ninguem conhece o assunto tao profundamente, como tu. E triste verificar-se que o nosso Bernardes, se bem que sincero, desposou uma politica errada, que muito prejudicou o Brasil. Sabemos que teve como acessor, alem de outros, mineiro culto, mas provinciano demais - Clodomiro de Oliveira. Pensar em guardar "3 seculos" as nossas reservas minerais e de arrepiar, assim como a convicção de que a grande siderurgia iria matar a pequena metalurgia. Depois disso, so mesmo o conceito de que "O petroleo e nosso". Fico satisfeito quando vejo dares bordoadas de vez em quando.

Por hoje basta.

Receba os nossos saudosos abraços,

Manoel e Laurita

ANEXO D - Correspondência MFG para Chatô em 23/05/1966

Rio de Janeiro, 26 de maio de 1966.

Meu caro Chateaubriand.

Fiquei encantado com o que, a seu respeito, disse, na Câmara, o Deputado Jandui Carneiro, secundado por tantos colegas. Suas palavras finais foram as mais felizes: "Assis Chateaubriand é um gigante do pensamento e da ação. Representa, hoje, por assim dizer, quase um fenômeno sobrenatural! Deus é que preserva a vida de te grande brasileiro, para continuar a servir ao Brasil e à Nação Brasileira." Bravo! É isto mesmo!...

A estada de Mrs. Parnell na Estância Chambá foi um belo acontecimento, principalmente porque ela valorizou, ainda mais, os Herefords rio-grandenses. Ela, com seu vestido de "prendas", e seu simpático marido conquistaram a todos. Ele, gaúcho de bombachas e pala, e lenço também, não podia deixar de ser aplaudido, como foi. Mr. e Mrs. Parnell virem "batizar" um terneiro Hereford brasileiro é algo digno de nota! "Será o Benedito?" Que delícia!...

Mas vai Você dizendo as verdades... Ainda não vi um conceito mais acertado, sobre Brasília, do que os seus.

A construção do oleoduto Bolívia-Brasília dará nova vida ao novo Distrito Federal, principalmente no setor da produção agrícola e pecuária, além de civilizar a região interiorana. O que Você disse e repetiu, sobre o transporte marítimo, absorvido, impatrioticamente, pelo de estrada asfaltada, é de arrepiar! Os fretes rodoviários são dez vezes mais caros que os marítimos. E abandonam-se êstes!... O aproveitamento dos afluentes do Amazonas, para o intercâmbio Brasil Dentrál - Vale Amazônico, lembrando-se que Brasília está, apenas, a 300 km do Araguááa, seria o ideal, como Você já vem dizendo, "há uma eternidade."

"Os três condestáveis." - Que beleza! E quanto ensinamento aos homens de responsabilidade do Governo e lição aos agricultores, sôbre como preparar a terra, mostrando-lhes o resultado dos fertilizantes! Que maravilha ouvir, do chefe dos Peroni, que a Fazenda Rio Corrente "é a mais humana da redondeza"! Esse espírito de humanidade, reinante nas suas fazendas, além de satisfazer a consciência de quem a pratica, concorre para aumentar a produção, pelo esforço natural de quem trabalha com entusiasmo e interesse.

"A pele coriácea." - É uma realidade o que disse e que, desgraçadamente, vem de cima... Theóphilo de Andrade sabe disto, perfeitamente, mas, mesmo assim, continua na sua patriótica campanha, em defesa do café, que representa, ainda, a nossa maior fonte de divisas.

"Rio Grande do Sul." - Que admirável excursão! Parece um sonho tudo o que se passou! Inaugurações, festas, discursos, como o de um dos maiores revolucionários, que soube destacar a personalidade de Assis Chateaubriand, que só tem a preocupação de trabalhar pelo Brasil.

Ao "Gigante do pensamento e da ação", o meu cordial abraço e os meus sinceros parabéns por seus sempre renovados êxitos.

O Amigo e Admirador

Manoel Ferreira Guimarães

ANEXO E – Correspondência MFG para Chatô em 26/12/1966

Rio, 26 de dez. de 1966

Meu caro Chateaubriand,

Como temos nos lembrado do caro amigo, incansável, invejável ! A sua disposição de viajar, prestigiar realizações culturais, muitas idealizadas por Você, "aqui, ali e acolá", presidindo cerimônias, fazendo discursos, causa espanto e encantamento !

Acompanhamos as suas manifestações de pesar pela morte do grande Rubem Berta, seu amigo incondicional e admirador, como falou-me há poucos dias no "O Cruzeiro" na última inauguração de quadros.

Era nossa intenção ir a S. Paulo para vê-lo antes do fim do ano e dizer como rogamos a Deus pela sua saúde e tranquilidade, mas por motivo imprevisto, não foi possível realizar este nosso desejo. Entretanto, vimos agora, de todo o coração, desejar seja o novo ano próspero e feliz para Você, que tanto merece.

Receba, pois, o nosso abraço muito carinhoso.

P.S. Abri esta carta que deveria ir por um amigo, para dizer a V. que o seu artigo "Sofa" causou-me satisfação (e tristeza pelas verdades). Conversando com uns amigos no dia em que foi publicada a lista dos denunciados no caso Mannesmann, estando Serpa entre os mesmos, misturado no meio, de forma a ser talvez deluído... Falei aos amigos: vejam que Chateaubriand irá comentar este fato mostrando como devia figurar Serpa, talvez o único responsável. Deu certo. Parabéns !

ANEXO F – Correspondência MFG para Chatô em 27/02/1965

Rio de Janeiro, 27 de fevereiro de 1965

Meu caro Chateauriand,

Não sei como começar esta carta. Sei é que ninguém como V. pode imaginar o que foi para nos e para mim especialmente, a morte do Totonio, o seu amigo e admirador incondicional. Quantos trechos de cartas dele referindo-se a V., com entusiasmo e ternura! A ele eu mandava tudo de mais interessante que V. escrevia, e de outros que a V. se referissem, e nunca deixou ele de responder sem uma palavra de elogio e satisfação. Os seus telegramas com abraços a ele eram por ele recebidos com um carinho todo especial.

Morreu como um mártir. Sofreu três dias sem ter a assistência que merecia, ele que dispensava, por temperamento, aos seus doentes, quer se tratasse dos mais humildes, uma assistência apostolar.

Não foi se operar no Rio para não desgostar a classe médica de Belo Horizonte, onde viveu 44 anos. O João Vilaça, seu colega e amigo fraternal, disse-lhe que o avisasse quando tivesse de ser operado, e, para não incomodá-lo, em Juiz de Fora, não o chamou!

Gostava de servir e não sabia dizer - não.

O seu enterro foi uma demonstração de estima que graças a Deus desfrutava. Mil e sessenta pessoas compareceram a sua casa no dia do enterro. Mais de dois mil telegramas recebeu a Família. V. e os Diários Associados comoveram-nos com tantas manifestações de apreço e bondade.

As suas corôas, recebidas com emoção, foram o prenúncio da linda homenagem que V. e os "Associados" renderam, no cemitério, a memória de Totonio. Julieta contou-me, chorando, a beleza dessa tocante manifestação de saudade.

Não temos palavras para agradecer. Devo repetir um conceito de Totonio: "Chateauriand é um homem de incomparável fortaleza de espírito e ação, que engrandece o Brasil".

Que Deus o conserve com esse incomparável espírito, é o que desejo do fundo do coração.

Receba um abraço cheio de reconhecimento e ternura do,

Manuel
e do Brasil

ANEXO G - Correspondência MFG para Chatô em 14/05/1965

Rio, 14 de maio de 1965

Meu caro Chateaubriand,

O meu silêncio epistolar não deve significar falta de atenção aos seus artigos e a sua trepidante vida que faz inveja a todo o mundo. Não, absolutamente. A minha vida que é também trepidante, tem sido ainda mais agitada desde que adoeceram e, dolorosamente, morreram nestes 60 dias, o nosso saudoso e inesquecível Totônio e o meu sobrinho, engenheiro Marcílio, filho do Benjamin, meu irmão. Ao lado da preocupação sentimental e dos afazeres naturais e consequentes, tivemos as Assembléias das nossas Empresas e preparo de declaração de imposto de Renda, não sê falando das repetidas viagens a Belo Horizonte, S. Paulo e outros lugares.

Nem por isso deixei de ler os seus artigos e os discursos, cada qual mais interessante, nos abraços e banquetes que v. organizou, dirigiu e ofereceu a tantas pessoas gradas. A sua fertilidade espiritual é fabulosa! Fabulosa como já o disse o nosso Totônio. V. não tem só fortaleza de espírito, tem também de locomoção, apesar dos pesares. Da mesma maneira que vai a B. Horizonte, Uberaba e Rio viaja para Londres e Estados Unidos pretendendo agora ir a Moscou! Quando o vi no desfile dos Hereford e Gir, em B. Horizonte, eu disse: "não é possível", "não há igual". "Que exemplo para tante gente".

A propósito da passeata lembro-me de curioso nome dado a um produtor Hereford - "Chico". Só mesmo Chateaubriand podia ter essa idéia original e pitoresca. Não posso mencionar todos os seus artigos porque seria necessário uma resma de papel para fazê-lo. Tenho as mãos destes dois: "Uma República para Militar" (6.5.65) Espero tenha este a maior repercursão. Enquanto o Brasil, deixando de parte os "nacionalistas" inimigos dos EE.UU., não se convença de que só poderemos enriquecer se se mudar a política do petróleo. Nada mais eloquente do que o Canadá conseguiu, entregando à Stand Oil a exploração do seu ouro negro, sem gastar 1 centavo e ganhar centenas de milhões de dólares num só exercício. Nós que não temos os mesmos recursos de que dispunha o Canadá, já empregamos 1/2 bilhão de dólares, sem resultado!

V. critica sem reserva os nossos patricios e as nossas coisas, mas o faz por patriotismo, na esperança de que muita coisa possa ser modificada. Tem, entretanto, V. razão em dizer: "Não há outra saída para o Brasil: ou chumba seu destino a uma poderosa economia, ou terá de viver muito aquém do que julgamos poder conquistar, digo eu.

"Operações de Guerra" (9.5.65) Muito bem! nada de euforismo. A cooperação do Brasil é mesmo de guerra em defesa do nosso continente e, portanto, do Brasil. Se a fronteira do Brasil na guerra da Coréia, como v. disse, era na Coréia, devemos considerar agora que em S. Domingos é que se acha a nossa fronteira, pois mais uma Cuba neste continente seria o enfraquecimento dos EE.UU., o único país que existe na América para nos defender e proteger. Deixe os Amoroso Lima e os outros "poetas" com as suas concepções e respeitemos os tratados que nos obrigam em casos como o atual

/.

- 2 -

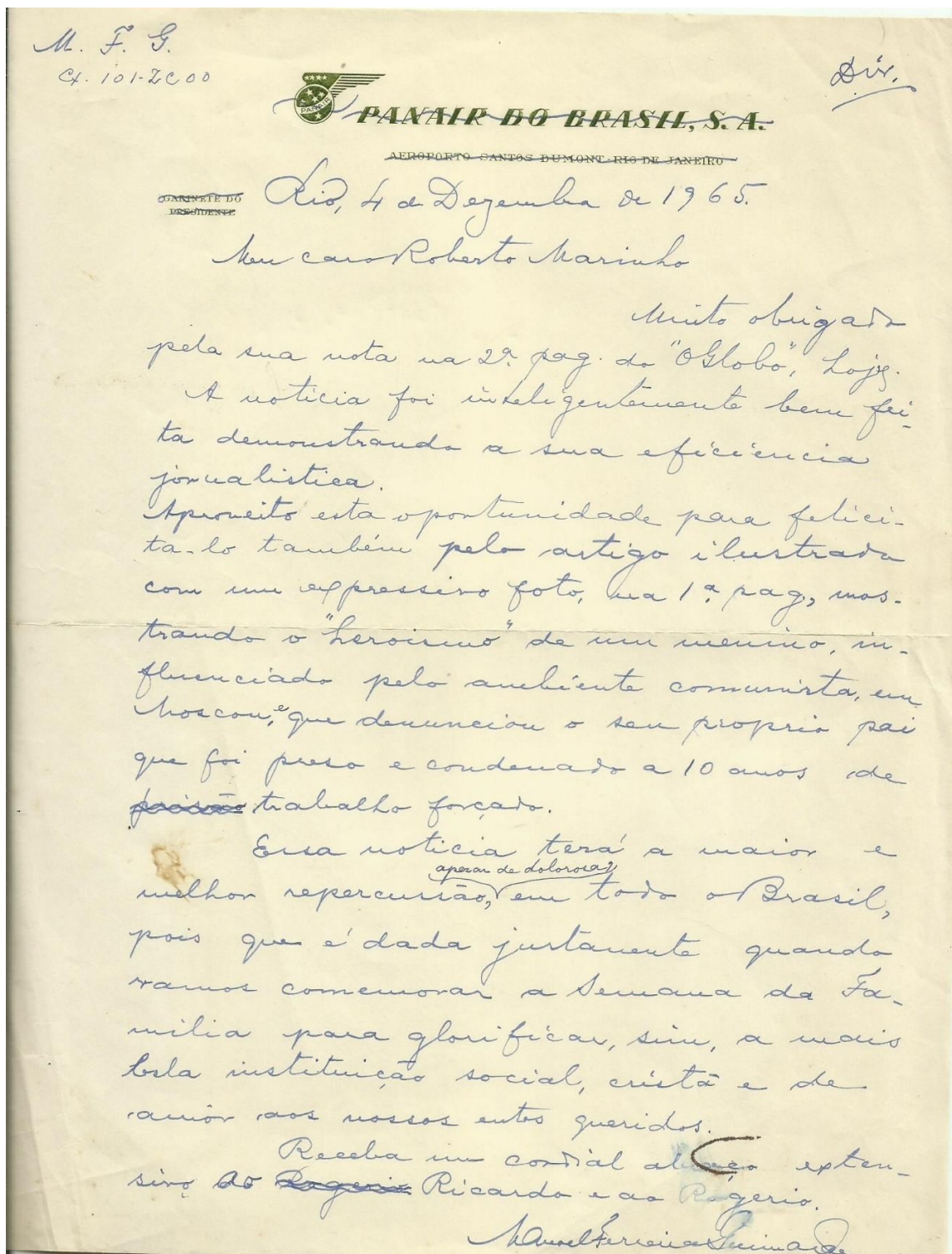
a ir ao campo da luta de peito aberto.

Furnas: Que bela fotografia a sua. Retrata o seu estado da alma. Parabens e ate Curvelo.

Receba nossos abraços.

Manuel e Laurita

ANEXO H – Correspondência MFG para Roberto Marinho em 04/12/1965



ANEXO I - Correspondência MFG para Prof. Ernesto Leme em 19/09/1966

Rio de Janeiro-GB, 19 de setembro de 1966.

Meu caro Professor Ernesto Leme,

Acabo de receber os seus trabalhos literários, que irei ler com a maior satisfação.

"Ruy e a Questão Social": - É assunto que interessa a todos e sempre. No seu folheto imagino poder apreciar uma elegante descrição da vida pública e cultural do grande Ruy, por um dos seus emulos... Agradeço sensibilizado, a sua dedicatória a mim, dêsse trabalho. Gostei imensamente do discurso de saudação ao General Amaury Kruehl, no qual salientou também o caos que se nos aproximava a criminosa complacência política de João Goulart.

M. Luc Hommel : Imagino a surpresa que deve ter tido, com a sua bela oração, em francês, saudando-o na "Académie Pauliste de Lettres". Li, com prazer, a confirmação do que Chateaubriand escreveu há duas semanas, sobre a corruptela do nome Lems para Leme. Era minha intenção, mandar-lhe o recorte do artigo.

A saudação a Alceú de Amoroso Lima, é, igualmente, um magnífico trabalho seu. Pena é que, ele depois de conquistar merecido destaque, esteja ultimamente descambando para o comunismo. A opinião dada sobre a guerra do Vietnam do Norte, é bem eloquente . . .

21/09/1966 - Estou voltando do Ministério da Fazenda, com a notícia de que, seguiu hoje, a Ordem de Pagamento, e que na próxima semana, poderá o caro amigo receber. Seria conveniente ir 6ª / feira, dia 23, à Delegacia Fiscal, para certificar-se do dia do pagamento.

R U Y - Que belo trabalho ! A sua leitura, leva-nos a dizer que, a Academia Brasileira de Letras, poder-se-ia sentir engrandecida, se o caro amigo fizesse parte dos seus imortais. Felicito-o, não só pelos detalhes referidos, salientando as mais impressionantes atitudes do Mestre, como pela elegância na sua descrição.

Calaram no meu espírito, as eloquentes palavras de Antonio Gontijo de Carvalho e Antonio Baptista Pereira, na introdução do folheto, precioso livro.

Poderia eu dizer-lhe que ainda não recebi o discurso que fez em Salvador, quando da inauguração do Banco da Bahia?

Pego-lhe transmitir à D. Dulce, as lembranças de Laurita e minhas e, ao caro amigo um afetuoso abraço.

Manuel F. G.

ANEXO J – Correspondência MFG para Dr. Edgar Batista Pereira em 15/06/1958

Rio de Janeiro, 15 de Junho de 1958.

Ilmo. Sr.
Dr. Edgar Batista Pereira
BRUXELAS - Bélgica

Prezado Dr. Edgar:

Peço desculpas por não lhe ter escrito antes, como era meu desejo. O programa que organizei foi tão grande que tive de sacrificar muita coisa, especialmente a visita, mais detalhada, a Exposição Internacional que aí se realiza e que é das mais atraentes que tenho visto neste século. O pavilhão Inglês, por exemplo, está um deslumbramento. Outros, igualmente, chamaram a minha atenção pela concepção estética e material de cada um.

Quanto ao nosso, devo repetir que agradou-me, sem dúvida, mas em termos. Está bem planejado, bem organizado, acessível, simpático, com um lindo pequeno jardim tropical, tipo Burle Marx, e rico em fotografias.

Lamento é não terem o Governo e os nossos industriais colaborado mais eficazmente para podermos apresentar muitos produtos brasileiros dignos de exposição. Temos porcelanas, cristais, tecidos, pedras preciosas, madeiras, aparelhos de transmissão, rádios, televisão, móveis, equipamentos hospitalares, artefatos de metais e aço e uma infinidade de outros artigos em condições de serem apresentados com sucesso.

Não sei se incorrerei em falta manifestando-lhe o meu ponto de vista relativamente à apresentação do nosso "folk-lore" histórico e contemporâneo. Somos, infelizmente, tidos, na Europa, como país sub-desenvolvido, inculto e com percentagem talvez exagerada de "colored people". Assim, as interessantes (para nós) reproduções das figuras do "Bumba-meu-Boi", "Baiangas", etc., não me parece terem sido das mais felizes, pois não se trata de exposição para historiadores, estudiosos da formação étnica da nossa gente e sua evolução, e sim para multidão de centenas de milhares ou milhões de pessoas que passam, olham e só conservam na memória as figuras mais vivas, mais impressionantes.

As fotografias e legendas ficam esquecidas, lamentavelmente. Devíamos ter apresentado maquetes, como fez a Rússia, de obras de arte na engenharia, de edifícios modernos e conjuntos arquitetônicos admiráveis como temos aqui e em São Paulo. Acho que isso calaria no espírito dessas multidões que visitam a Exposição, provocando, naturalmente, elogios ao nosso país.

Tomando a liberdade de repetir, aqui, as pequenas deficiências que enumerei pessoalmente:

- a) - modificar a palavra "artificial" por planejada, ou semelhante, na descrição do quadro da fundação de Belo Horizonte;
- b) - indicar na fotografia da bela igreja de Ouro Preto - tratar-se de Ouro Preto;

./.

- 2 -

c) - esclarecer, na apresentação do consumo do nosso café, em vários países, o quanto os Estados Unidos nos compram.

Sobre os gráficos do movimento das linhas aéreas, bem engenhosos, é pena não serem mais expressivas as fitas indicadoras dos respectivos tráficos.

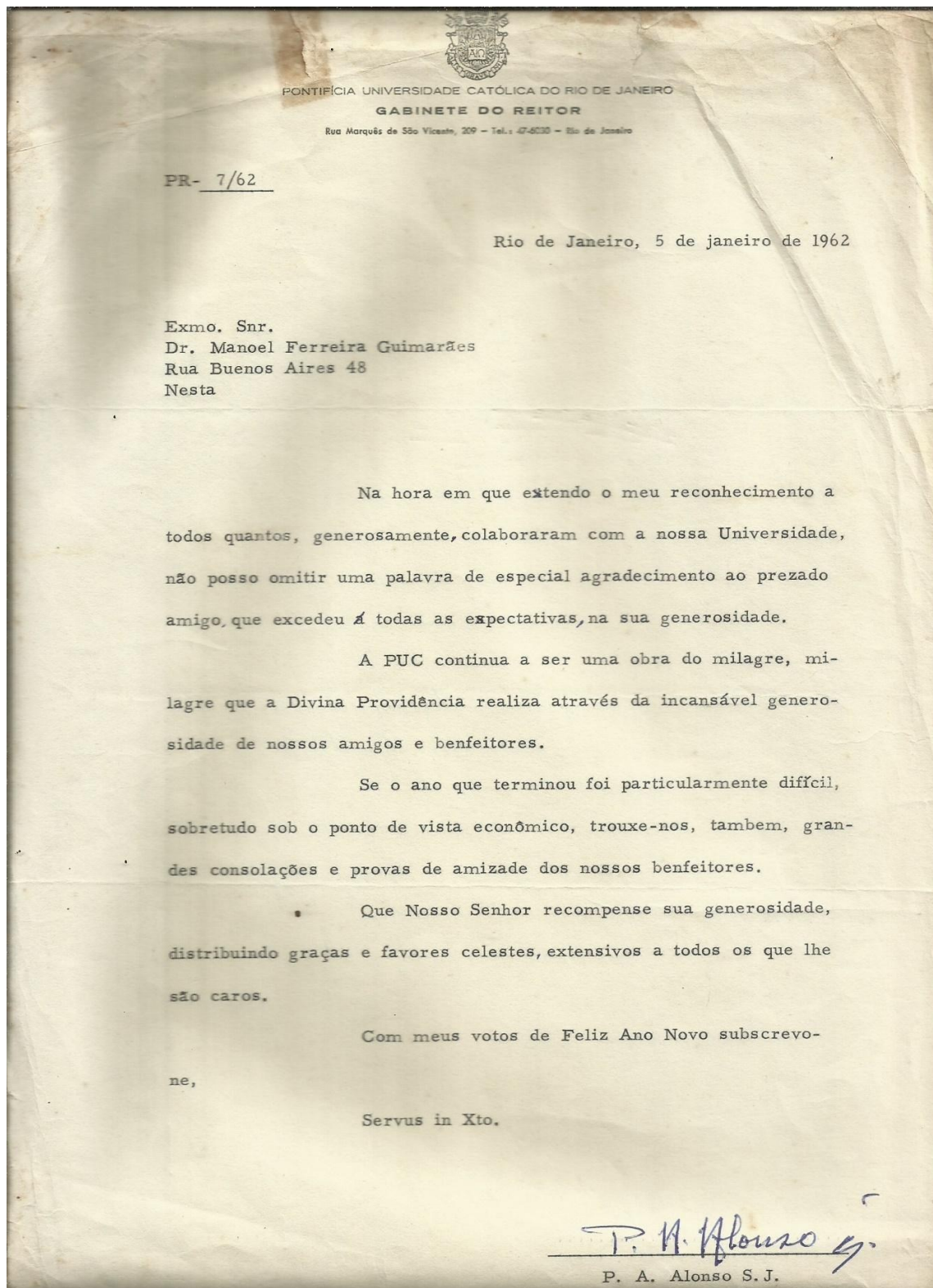
Enfim, nunca é tarde para se aprender. De outra vez, teremos mais material, mais tempo e talvez mais dinheiro; oxalá possamos ter também os bojes e lementos que organizaram aí o atual pavilhão brasileiro e sempre com o simpático "acolhimento" da Panair do Brasil.

Reiterando os meus agradecimentos pela sua atenção e a do nosso amigo Figueira de Mello, subscrevo-me, com particular apreço,

am^o. e ador.,

Manoel Pereira Guimarães

ANEXO K – Correspondência recebida da PUC em 05/01/1962



ANEXO L – Telegrama recebido de Chateaubriand

DEPARTAMENTO DOS CORREIOS E TELEGRAFOS		TELEGRAMA	
NUMERO DE EXPEDICAO	CAMBIO DA ESTACAO	= MANOEL FERREIRA GUIMARAES BANCO	
Recebido: 134	31 JUL 60	MINAS GERAIS RUA BUENOS AYRES	
De	BRASIL	48 RIO GB= =	
às	INDICACAO DE TAXAS E ENC		
por			
PRE/ 8 DE= PCA 15 RIO GB= = 0532-60-30-22,40			
O presente contém as seguintes indicações do serviço: espécie do telegrama, estação de origem, número do telegrama, número de palavras, data e hora de apresentação.			
HABITUE-SE A INDICAR NO RECIBO DO SEU TELEGRAMA A HORA EM QUE O RECEBER. COM ESSA PROVIDENCIA, AUXILIARÁ O DEPARTAMENTO NA FISCALIZAÇÃO DA ENTREGA DOS TELEGRAMAS.			
JA ESTOU TAO HABITUADO AS PROVAS REPETIDAS DA SUA AMISADE QUE AGRADECIMENTO VEM COMO ROTINA PT VOCEH NA GALERIA AMIZADE BATE TODAS MARATONAS PT PARA QUEM COMO EU EH UM GULOSO DE AMIGOS VOCEH EH UM ,, GROS - GYBIER ,, PT BEIJE POR MIM MAIS DOCE FLORENTINA DONA LAURITA ABRACOS			
CHATEAUBRIAND= =			
<i>9.024</i>			
<i>25.7.28</i>			

ANEXO L – Telegrama recebido de Chateaubriand

The WESTERN Telegraph Company, Limited

WESTERN TELEGRAPH COMPANY
 29 JUL 1966
 Chateaubriand

EMPREGADO _____
 HORA DO RECEBIMENTO *21/10* _____

A primeira linha deste telegrama contém as seguintes informações, na ordem indicada: Número do Telegrama, Estação de procedência, Número de palavras, Data original, Hora da apresentação. Desejando qualquer informação por Telefone a respeito deste telegrama pedimos o obséquio de informar o número que se acha no principio da primeira linha.

15538

EN224/138K SAOPAULO 29 29 1950 =

MANOEL FERREIRA GUIMARAES

BARAO FLAMENGO 28 RIO =

CONVIDAMOS VELHO AMIGO QUERIDA LAURITA
 TOMAREM PARTE SIMPOSIO BELOHORIZONTE
 COMECARAH DIA QUATRO PT VOCES FIGURAS
 INDISPENSAVEIS NOSSO SHOW =
 CHATEAU BRIAND EDMUNDO PAULO CABRAL + +

COLL 28 + +

N.B. — As empresas telegráficas não aceitam responsabilidade alguma por motivo do serviço da telegrafia (Convenção Telegráfica Internacional).

5,168 46-1964

ANEXO M – Telegrama recebido de Chateaubriand

BZL 50 — 1958

THE Western
TELEGRAPH COMPANY, LIMITED

23 MAI 1951

171 1403

Circuito: _____ Entregado: _____ Hora do Recebimento: _____ Número: 03735

A primeira linha deste telegrama contém as seguintes informações, na ordem indicada: Número do telegrama. Estação de procedência. Número de palavras. Data original. Hora de apresentação.

ESTAÇÕES ABREVIADAS

BLM — Belém
 SLZ — São Luiz
 FLA — Fortaleza
 NTL — Natal, RGN
 JPA — João Pessoa
 CGR — Campina Grande
 RCE — Recife
 MAC — Maceió
 SDR — Salvador
 VTA — Vitória
 BHE — Belo Horizonte
 RIO — Rio de Janeiro
 STOS — Santos
 CAM — Campinas
 SPLO — São Paulo
 CBA — Curitiba
 PRGA — Paranaguá
 FNS — Florianópolis
 RGSL — Rio Grande, RGS
 PAS — Pelotas
 PTC — Porto Alegre

LRN112 NEWYORK 14 23 1020AEDT =

MANOEL FERREIRA GUIMAREAS ESTRELA

RIODEJANEIRO =

CARTA QUERIDO AMIGO MERECE ESCRINIOS

DEOURO ABRACOS LAURITA = CHATEAUBRIAND +

N. B. — As empresas telegráficas não aceitam responsabilidade alguma por motivo do serviço da telegrafia (Convenção Telegráfica Internacional)

